

Adriana Pimenta • Alexandre Alliatti • Ana Fukui • Angela Marsiaj • Bruno Carrara • Bruno Mazzoco • Daniela Amendola • Daniela Sequeira • Fabíola Reis • Fabio Brazil • Fernanda Rios • Fernando Mendes • Flavia Amâncio • Flávia Teodoro Alves • Gustavo Sobral Novelli • Isabel Série • Lígia Ximenes • Louise Belmonte • Maria do Rosario Correa • Marcella Almeida Prado • Mariangela Vieira • Martha Aguilar • Pâmela Carbonari • Rachel Rubin • Roberta Paixão • Talita Lilla • Thiago Costalonga • Victoria Schechter

Pós-graduação Formação de Escritores

antologia antologia 2019



VERA CRUZ

Instituto
Vera Cruz

antologia
antologia
2019



VERA CRUZ

**Instituto
Vera Cruz**

Direção Geral

Heitor Fecarotta

Direção de Gestão

Marcelo Chulam

Direção Pedagógica

Regina Scarpa

Coordenação do Instituto Vera Cruz

Andréa Luize

Coordenação da pós-graduação

Formação de Escritores

Márcia Fortunato e Roberto Taddei

**CAS▲
▼ERA
CRUZ**

Edição

Claudia Cavalcanti

Projeto gráfico

Kiki Millan

Revisão

Iara Arakaki e Laís Alcantara

São Paulo, 2019

Antologia 2018: Pós-graduação Formação de Escritores. – São Paulo:
Instituto Vera Cruz, 2019.

188 p.

Vários autores.

Coletânea de textos dos alunos que ingressaram na pós-graduação
Formação de Escritores em 2018.

1. Literatura brasileira. 2. Coletâneas. 3. Produção literária.
I. Instituto Vera Cruz.

CDD: 869.93

Elaboração: Claudia Regina Candido – CRB 8/4822

Os direitos autorais dos textos publicados pertencem a seus respectivos autores. Esta é uma edição do curso de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz, e não tem fins comerciais.

Antologia 2019

Pós-graduação Formação de Escritores

Adriana Pimenta • Alexandre Alliatti • Ana Fukui • Angela Marsiaj
• Bruno Carrara • Bruno Mazzoco • Daniela Amendola • Daniela
Sequeira • Fabíola Reis • Fabio Brazil • Fernanda Rios • Fernando
Mendes • Flavia Amâncio • Flávia Teodoro Alves • Gustavo Sobral
Novelli • Isabel Série • Ligia Ximenes • Louise Belmonte • Maria
do Rosario Correa • Marcella Almeida Prado • Mariangela Vieira
• Martha Aguilar • Pâmela Carbonari • Rachel Rubin • Roberta
Paixão • Talita Lilla • Thiago Costalonga • Victoria Schechter



VERA CRUZ

**Instituto
Vera Cruz**

2019

Aos diretores do Instituto Vera Cruz, Heitor Fecarrota, Marcelo Chulam e Regina Scarpa, nosso reconhecimento pelo apoio ao programa de pós-graduação Formação de Escritores e pelo incentivo à publicação desta Antologia.

Sumário

Apresentação	9
Vertical [Angela Marsiaj]	11
O penetra [Rachel Rubin]	19
A professora Uribe [Alexandre Allliatti]	25
No rastro dela [Ligia Ximenes]	33
Desocupação [Isabel Série]	41
Interdição [Daniela Amendola].....	45
Meu vizinho de cama [Adriana Pimenta]	51
Diálogos íntimos [Gustavo Sobral Novelli]	57
O pé [Talita Lilla]	63
Sopro [Roberta Paixão]	69
Sopa de palavras encantadas	
[Flávia Teodoro Alves]	77
Nice [Daniela Sequeira].....	85
No nome de quem? [Louise Belmonte].....	89

A repetição, e o erro [Bruno Carrara]	93
Querido Llosa [Flavia Amâncio]	99
Gale [Fernando Mendes]	105
Azul profundo [Mariangela Vieira]	111
Por quem os cinamomos dobram [Pâmela Carbonari].....	115
Pituco chegou [Maria do Rosario Correa].....	121
Caminho [Fernanda Rios].....	125
A geladeira amarela [Martha Aguilar].....	129
Vô Zé [Bruno Mazzoco].....	135
A quinta parede [Victoria Schechter].....	141
Causalidades [Ana Fukui].....	149
Caso encerrado [Fabiola Reis]	153
Dinamite [Thiago Costalonga].....	157
Suelen [Fabio Brazil]	165
Mesa branca [Marcella Almeira Prado]	177

Apresentação

Lia, Germana, Lívia, Paulo, Rita, vô Zé, professora Uribe, vô Hermes, vaca Firmina, Mateus, Adhra. Eis alguns dos muitos personagens que o leitor encontrará nos contos, memórias, ensaios, crônicas e excertos de romance reunidos neste livro.

Antologias costumam ser generosas em seus parâmetros de organização, e aqui não é diferente. Esta Antologia é composta de textos dos alunos que ingressaram na pós-graduação Formação de Escritores em 2018.

Marcadas pela liberdade de estilo e de gênero, pela escrita híbrida de ficção e realidade, em sua maioria circunscritas a temas da vida cotidiana e das memórias pessoais, as produções a seguir dão corpo e voz a cada autor.

Mas essa é apenas uma parte da história.

Que seus autores tenham investido tempo e afeto na criação de seus personagens — isso não é pouco. Que os personagens

possam existir por mérito de seus autores — eis a maravilha da escrita.

E não é demais lembrar que essas vidas, inventadas ou recolhidas do real, dependem dos leitores para que façam sentido.

Escritores e leitores formam, assim, um sistema coeso e permanente, o que já justifica nosso empenho em recolher os textos e publicá-los. Com essa confiança, apresentamos este livro, registro de um tempo que se abre para o futuro, em seus muitos caminhos, variados e insondáveis.

Boa leitura,

Márcia Fortunato e Roberto Taddei

Vertical

Angela Marsiaj

Germana não pintava as unhas dos pés de vermelho. Nem as das mãos. Não usava esmalte, ponto. Agora, a cada movimento estranhava o rastro dos pés sob a luz fluorescente da cabine da loja. Um alarme intermitente, microfotogramas que reviravam o estômago e pareciam avisar perigo, perigo, perigo. Mas isso não era o pior. Ter de usar biquíni, sim. Passou um pé depois do outro em cada buraco da cava do maiô preto, um falso duas-peças. Vestiu-se até a cintura e parou. Desviou o olhar da barriga, viu os peitos: estavam longe de ameaçar despencar. Se encaravam no espelho com mais coragem do que ela. Passou a alça pelo braço, passou a outra, prendeu o fecho nas costas.

Ainda bem que não tinha escolhido o de um ombro só, assimetria é coisa de gente com falta de gosto. Virou-se e, de costas, pareceu estar em um biquíni comportado, tipo sou correta. Só então parou para olhar o maiô de frente, o problema estava ali. Parecia vestir uma âncora preta com um recorte oval bem no meio dos peitos. Um oval projetado para sequestrar qualquer olhar. Prometia um tipo de mulher que.

Vulgaridade também era falta de gosto. Espremidos, os peitos saltavam do buraco na lycra. Roupa com recorte implora um passa-logo-a-mão-aqui. Aquela no espelho não poderia ser ela, virou-se uma vez, e outra, a mulher do maiô preto contido nas costas e provocante na frente, mostrando só um tanto de pele, as unhas vermelhas na areia do dia seguinte, o sol e uma bola de plástico cor de laranja.

Se bem que no espelho o maiô fazia sumir a barriga, nada mau, revelava o que tinha de melhor, escondia o estritamente necessário. O corpo de cada pessoa é de cada pessoa, ninguém tem nada com isso. Decidiu levar o maiô.

O tormento do reencontro da turma de Bariloche, de quando Germana conheceu a neve, no último inverno do colegial. Tantos anos depois, o que tinha dado na cabeça da Cândi de agora reunir todo mundo? Nem eram tão amigos, quer dizer, fora a Cândi. A gente não pode perder essa oportunidade, ouviu dela, o Manolo tem um apartamentão no Guarujá, ficou viúvo não faz um ano.

Logo Manolo, a tonta da Cândi não fazia ideia da coisa entre ele e Germana em Bariloche. Tinham ido longe, passaram do ponto. Todo mundo na boate do hotel e os dois sozinhos no quarto quádruplo dos meninos, um mar de adidas, keds e pamperos, fora as meias, e o chulé abafado pela calefação. No começo, Germana nem ligou para o cheiro. A brincadeira ficou melhor, tinha passado muito do beijo. Ela beijava aproveitando a língua, o pescoço torto, isso fazia direito, ele também. Mas o resto.

Apareceu vinho, um copo cheio até a boca, depois outro, chega de só brindar. Germana naquela idade, e nada. Aquilo, sim,

era uma vergonha escondida de todas as outras colegas. Não era à toa que virgem e vergonha compartilhavam três letras. Varig também, tinha chegado à Argentina voando Varig, um sinal óbvio de que estava na hora de resolver o problema VRG.

Os dois tiraram a roupa, nada de olho no olho, estava até divertido, bom mesmo, aí o Manolo se atrapalhou. Terminou que doeu e foi chato, ele ali de estocada uma e outra e outra. Depois o lençol sujou de um sangue claro que nem parecia. Germana vomitou deixando um lago igualzinho ao de Bariloche no tapete, só que roxo. Ele correu para fora do quarto o mais depressa que pôde. Até o final da excursão, Germana passou a virar a cara cada vez que encontrava Manolo Malbec.

Na volta a São Paulo, Cândi começou a sair com ele, que teria sido de Germana não fosse o enjoo do vinho. Manolo, o imbecil, a outra também. Juntos. Germana sumiu com um batom e pingou água sanitária num só pé da sapatilha da Cândi, para desbotar assimétrico, e acabou se afastando. Não voltou a ouvir a amiga exibida contar de Manolo. Deixou de vê-la, também passou a evitar os outros colegas. Ia à aula, mas parecia estar em outro lugar.

Até que percebeu que tinha ganhado peso, não gostou da barriguinha diminuindo o que via dos pés. O álcool tem muitas calorias, leu na revista, devia de ser isso. Tinha atacado o Coin-treau do armário de bebidas do pai. Isso, na primeira vez. O licor era uma calda de laranja, conteve-se para beber só um pouco, o suficiente: ele não poderia perceber. Voltou quase todos os dias. Experimentou conhaque, Steinhaeger, menta, whisky e cachaça, mas preferiu as bebidas doces. O Porto ganhava de todas. E não

se deixava ficar bêbada, tomava só o necessário para chegar no primeiro sorriso. Pena que acordava vomitando a cada manhã seguinte. A mãe percebeu, aquilo não tinha como ser só bebida.

Despachou-a de ônibus como a um pacote. Germana nem terminou o colegial naquele ano, ao contrário de Cândi, que entrou direto na faculdade. Foi morar um tempo com a Tia Gilda, mulher de um cirurgião, o Dr. Bastos, que era o maior açougueiro de Poços de Caldas. Aquilo não era médico, coisa que se via até no churrasco.

Isso, dizia ele, traz o espeto, esse não, o maior. Não, o outro ainda. Era o Bastos no céu por estar empapado de sangue, depois com a carne no fogo, a tia só fazendo meia de seda, rindo sem parar, você tem muito o que aprender, minha filha. Germana odiava meia de seda, nem tocava, para quê. Beber, só coisa boa, teve saudades do pai. O tio afiava uma faca na outra, cortava cada peça de carne, a maminha, o peito de frango, a linguiça, tudo na vertical, e enchia de vinagrete. Germana, de barrigão avançado, mal conseguia andar. As pernas uns troncos, a fumaça nos olhos, o peso de tudo. Vou te devolver para tua mãe bem melhor. Na palavra “bem” a tia encompridava a vogal, levantando um pouco o queixo.

Cesárea com corte vertical. Por que não dos discretos, horizontais, entre os pelos? Dr. Bastos despachou um pacote “nati-morto”, ele disse. Germana não acreditou, porque foi depois de uma emergência que ele mesmo inventou, ela nem tinha entrado em trabalho de parto. Sobrou a barriga com uma sutura de quase dois palmos, bruta e vertical, como um arame farpado. A primeira vez no espelho, Germana só pensou em empalar o Dr. Bastos

com o espeto de churrasco, esse não, aquele, o maior. Como seria impossível, só conseguiu pensar em sumir com o trio de espetos do tio. Imitou o atleta olímpico, o do dardo, e mandou o primeiro espeto para o mato atrás do terreno deles. Não se importou que ele tivesse voado todo torto, bem diferente do que viu na TV. Mandou o segundo e o último. No esforço, a cicatriz esgarçou, Tia Gilda riu: vai ficar bem feio. Recuerdos de Poços de Caldas.

Só muito depois, na primeira aula de Turismo Receptivo da Pós, Germana e Cândi se reencontraram sentadas na mesma fileira, que coincidência, tudo bem, e a vida. Quando o curso terminou continuaram a se ver, mais por iniciativa da Cândi. Até o fim da pós-graduação, Germana já tinha sumido com uma caneta das boas, um caderno e um estojo de pó compacto, fora o pisão no pé, “sem querer”, quando se espremia entre as carteiras. Cândi não passou recibo dos furtos, talvez não tenha percebido.

— Passo aí amanhã cedo. E se você levasse vinho branco?
— Cândi só pensava no Guarujá, ligava todos os dias. Era insuportável. Uma atirada, cheia de entusiasmo falso, sabe-se lá com quem saía. E agora voltava com essa de Manolo.

Germana tinha comprado a saída de banho magenta, o sol da praia mostraria demais, um corpo se preserva, é preciso: os relevos, as cadeias de montanhas, as cicatrizes. Escolheu o resto sem muita cor, a sacola com a sandália e o chapéu vinham cada um em um tom de palha diferente. O importante era não parecerem coordenados, queria um arrumado espontâneo, um nem me esforcei. Agora se olhava de traje completo no espelho de corpo todo. Talvez ficasse até elegante não tirar a saída, usá-la solta e desabo-

toada, mexida pelo vento. Deu uma volta e as fraldas da camisa comprida, de tecido leve, voaram. Mas o efeito não funcionou, faltava uma câmara lenta. Melhor tirar a saída. Ensaiou o gesto de jogar a camisa como quem não liga e se sentou na cama, cruzando as pernas. E se Manolo?

Livrou-se da sacola e foi tirando tudo, a sandália, o duas-peças, por último o chapéu. Olhou-se no espelho com o maior cuidado. Fazia tempo que não se detinha em si mesma. Endireitou-se no oposto da atitude apressada de ajeitar a gola ou pescar um fiapo. Olhou devagar, seu corpo ainda estava lá. Acompanhou uma a uma as rosinhas-trepadeiras tatuadas sem alarde depois que terminou o mestrado e decidiu enfim entrar de cabeça e mudar de vida.

Eram sete, delicadas e num magenta quase idêntico ao da saída de banho. Subiam na vertical acompanhadas por folhas e cabinhos verdes. A trepadeira começava nos pelos e ia quase até os peitos. Um trabalho de primeira, mal se viam as escarpas da serra de tecido cicatricial que dividia sua barriga em leste e oeste. Dobrou e alisou a saída de banho na mala pequena. As outras peças já estavam lá: bermuda, duas camisetas, xampu detox, maquiagem leve e protetor.

Ainda tomava café quando Cândi tocou, quinze minutos antes do combinado. Na estrada, graças a Deus, não ouviram Roberto Carlos. Cândi em compensação falou o tempo todo, app, cerveja, likes, pizza, um gato. Germana veio fingindo que ouvia. Se tivesse um estilete, cortaria o couro do assento. Fininho, na lateral. Nunca que Cândi iria notar.

— E você? — Cândi só foi perguntar de Germana a uma quadra da praia. Seria tarde para contar o que fosse.

Chegaram com o sol já quente nas Pitangueiras. Manolo tilitou os bellinis, as duas riram, pegaram as taças e foram se trocar no quarto. Cândi nem ligava de ficar pelada na frente dela. Germana se vestiu de costas. O pessoal só vem amanhã, ele avisou, desta vez com gim tônica, e Germana passou a tarde afastando Manolo. Não é que não estivesse interessada. Queria, mas.

Manolo se cansou. De noite chamou Cândi para o quarto.

Vagando no labirinto do apartamento escuro, Germana encontrou o Mapa do Brasil na parede do escritório. Procurou Poços de Caldas e começou a raspar a pequena bola preta que identificava a cidade. Usou a unha e acabou lascando o esmalte vermelho. Não fez o rasgo vertical de sempre, o que fazia antes de entregar os mapas aos clientes da agência em que trabalhava, com estilete cego ou abridor de cartas, capazes de machucar o papel com a textura adequada. Mapa nenhum que passasse por ela tinha Poços de Caldas intacta. Mesmo os que não representavam cidades do interior. Nesses, ela adivinhava o lugar e fazia um rasgo pequeno. Mas daquela vez o trabalho não tinha ficado à altura.

Recuou, esbarrando num tinteiro antigo e de vidro, que por sorte se espatifou. Recolheu os cacos com todo o cuidado e os despejou na porta de Manolo. Voltou ao próprio quarto, vestiu o maiô, desviou só o suficiente dos cacos, que esperavam por Cândi, e desceu.

Deixou a porta da sala escancarada.

.....
Angela Marsiaj (amarsiaj@gmail.com) nasceu em Porto Alegre, em 1960, e cresceu em São Paulo. Foi jornalista e executiva; hoje, escreve. Foi finalista do Sesc 2018 (com o romance *Rui Rosco*) e de O Globo-Kindle 2015 (com o conto "Encontro lisboeta"). Participa dos coletivos Moreia e Tapoé.

O penetra

Rachel Rubin

Depois de subir correndo três lances de escada, Marília parou no andar onde ficava o almoxarifado da editora. Achou prudente sentar no último degrau e descansar um pouco em vez de seguir ofegante pelo corredor, tateando as paredes na escuridão. Não havia mais energia elétrica no prédio, mas logo amanheceria, e o caminho seria iluminado através das janelas. Em breve, pensou, tudo ficaria claro, e o homem de quem fugia, preguiçoso do jeito que era, provavelmente não a alcançaria.

Inspirou, devagar, contando até três, como haviam lhe ensinado ali mesmo, durante um treinamento. Mas o fazia não para introjetar um silêncio supostamente divinal, com propriedades sedativas, mas para inalar algum ruído, qualquer ruído que a pusesse em harmonia com as assimetrias do mundo. Concentrou-se no som de uma massa se estilhaçando debaixo da sola de um dos sapatos, que julgou ser um caco de vidro, e, em seguida, expirou pelo dobro de tempo, até sentir os batimentos cardíacos menos amontoados. Era o momento de prosseguir.

A massa estilhaçada sob seus pés agora parecia ter em si qualquer coisa gosmenta dando liga a um material mais sólido. Pisou mais forte. Voltou a andar e se amparou nas paredes, como nas madrugadas em que caminhava pelo corredor de casa sem acender as luzes, sem fazer barulho, com medo de baratas. Apalpou uma maçaneta e a girou, empurrando a porta ao mesmo tempo. Uma luz fraca e alaranjada de dia novo já atravessava os vitrais de três ou quatro grandes janelas, destacando a poeira em suspensão. Marília esfregou as solas no piso, como se ali houvesse um capacho, e entrou, torcendo para não ser encontrada.

Apesar da sujeira, da ausência de mobília e calefação e das circunstâncias que a levaram até lá, sentiu-se acolhida. Um odor cítrico parecido com o de laranja, do qual não identificou a origem, foi como um prenúncio agradável. Quando escapasse dele, poderia voltar e fazer ali a grande festa que tanto planejava. Despertou para cada detalhe da sala que pudesse ser transformado no que sonhava. Nas paredes brancas, penduraria fotos. Nas vigas de madeira horizontais no teto, amarraria cadeiras de balanço. Aos convidados, ofereceria flores, taças, túnicas, adornos, odes. Enxergou-os em um conjunto caótico, mas feliz — embriagados, dançantes, unhas, línguas e dopaminas em celebração ao aniversário dela, assim como, acreditava, antepassados de um hemisfério distante comemoravam a chegada da primavera. Festejaria sua própria colheita.

Mas um incômodo a acometeu ao encarar as caixas de papelão empilhadas pelos cantos. Lembrou as muitas vezes em que

precisou se mudar. O que faria com elas? Seriam úteis para compor um cenário pagão? Ergueu uma delas, apoiada sobre outras menores, e a colocou no chão para sentar-se. O esforço para carregar a caixa, cheia de coisas e instável pela fita que começava a desgrudar, despertou Marília para o momento presente. Concluiu que não suportaria ficar ali trancada por muito tempo: era preciso enfrentar aquele que a perseguia.

Confiante, checou se ele ainda estava lá fora. Olhou para a rua através da parte mais clara de um dos vitrais, com um desenho abstrato em tons laranja em degradê, e o viu deitado em sacos de lixo amontoados, de olhos fechados. Não fosse pelo medo de chamar atenção com algum barulho, pegaria a câmera e ajustaria o zoom. Registraria a cena, como tantas outras ali capturadas. Marília conhecia bem a região, que era um dos principais cenários para seus ensaios urbanos, decadentes. O lixo, as inscrições de gangues nos muros, a linha desativada do trem, isso, pule por cima dos trilhos, agora, bocão, tá ótimo. Imagens suas saíam em capas de revistas, como da editora que funcionava naquele prédio, antes da concordata e do encerramento das operações. Ainda tinha, e carregava consigo, uma cópia da chave do estreito portão lateral, que lhe deram por sempre ser das últimas a irem embora nas noites de fechamento de edição. Poderia escapar, já que ele dormia. Pegou a chave na mochila, olhou para os lados, calculou vagamente as dimensões da sala. Observou mais um pouco as vigas e as paredes e prometeu voltar em breve para a transformação completa do espaço.

As opções de enfrentamento eram simplórias. Ou sairia do prédio com cuidado para não ser notada, ou o deixaria entrar para, em seguida, fugir. Imaginou-se de pé em cima do vaso sanitário de um lavabo na sala, prendendo a respiração, caso ele aparecesse. Sentiu-se monstruosa por fantasiar isso, até que um filete de vento, que entrava por uma parte quebrada de um dos vitrais, percorreu, preciso, seu braço esquerdo até alcançar as pontas dos dedos. Quem sabe, temeu Marília, aquilo fosse a natureza averiguando suas digitais. Seria desmascarada. Farsante! Mas, prestes a completar quarenta, preferia uma suposta monstruosidade a assumir uma falsa virtude inata, que alguém poderia inventar de conferir nela a facadas, cortando-lhe o abdômen, em busca de um canto bom e macio. Desviou do feixe invasor, correu para um dos cantos e passou a arrancar as fitas das caixas. Era preciso tapar o buraco do vitral. Contornar cada janela. Arrancar as fitas das caixas. Cortar com os dentes, medir, colar, tapar, sobrepor, vedar, arrancar mais fitas das caixas. Grudar um “X” no meio dos vitrais, inclusive o pequeno, do lavabo. Estava pronta para um furacão, apesar do cenário, incompatível com a festa.

Ao se afastar de uma das janelas, porém, um zumbido inesperado feriu seus ouvidos. Temeu pela integridade dos tímpanos. Talvez, destapando o buraco no vitral, conseguiria o alívio de uma compensação atmosférica. Retornou à janela para arrancar as fitas adesivas, mas não resistiu a olhar para baixo de novo. Acabou alarmada ao constatar que o homem havia acordado e estava de pé, olhando para cima.

Era ainda jovem. Lembrou-se da vez em que lhe preparou um chá de jasmim. Lembrou-se do pequeno botão de flor que, na água quente, desabrochava, e dele, quase estragando a mágica, por tentar acelerar a infusão, cutucando com a colher. Ali, debaixo da janela, saiu da vista de Marília para esmurrar o portão da editora, e voltou com os braços cruzados, gritando algo. Ela mirou seus lábios e leu com pavor a palavra e o ponto de exclamação pronunciados por eles: mãe!

.....
Rachel Rubin (quelrubin@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1979. É jornalista. Trabalhou em várias redações e agências. Segue contando histórias, mas agora mais cria do que reporta. Se apresenta também (talvez sobretudo) como escritora.

A professora Uribe

Alexandre Allatti

Só a menina do casaco vermelho e eu levantamos a mão quando a professora Uribe perguntou quem se lembrava do capítulo 23, o da madame Trépat. Éramos seis, mas já tínhamos sido sete. Era pouco para um curso sobre Cortázar, ainda mais custando 20 reais. Eu tinha acabado de pagar 21,50 por um prato feito e uma Serramalte — ambos mornos.

Talvez seja injusto acusar a cerveja de não estar gelada. Era difícil que ela se sobrepusse àquele calor. De tão abafado, parecia possível juntar o ar com as mãos. Enquanto eu almoçava, nuvens negras se apressavam uma em direção à outra, e o céu logo ficou tomado de escuridão. Cairia o mundo, e São Paulo não é exatamente pródiga em lidar com temporais.

Achei bom ir logo para o Sesc Consolação. Cheguei quase ao mesmo tempo do aguaceiro e pouco antes de Uribe — que eu ainda não sabia ser Uribe. Vi quando ela entrou. Tentava domar uma sombrinha e tinha a calça molhada das canelas para baixo. Os óculos estavam embaçados, como se alguém tivesse baforado neles.

Fingi interesse em livros de arte para matar tempo até entrar na sala de aula, que tinha três pessoas em um espaço onde caberiam 30: a menina do casaco vermelho, Uribe e uma funcionária que ajustava um microfone na professora.

“Você bota essa caixinha no bolso de trás. Tem botão de liga e desliga, tá?”

“Ah, ótimo”, respondeu Uribe, e a voz já saiu amplificadas pelas caixas de som.

A sala vazia e a escassez de alunos não combinavam com a necessidade do microfone. Quando a funcionária se retirava, Uribe fez menção de questioná-la, mas foi interrompida pela entrada do velho com a mala de viagem.

“Desculpe, é que daqui vou pra Congonhas”, ele explicou.

Ainda faltavam dez minutos, e o restante do público chegou aos poucos: o cabeludo com mochila de Letras da USP, a ruiva com tatuagem do Bob Dylan, a mulher identificada por Uribe como dona Eulália — uma dessas figuras onipresentes em eventos culturais, presumi. Às duas em ponto, a professora começou:

“Bom, bem-vindos. Como devem saber, não temos tempo para uma análise abrangente. Sugeri a claustrofobia como um recorte. É uma técnica que Cortázar usa em vários textos: pega uma situação banal e joga doses de absurdo nela.”

“A senhora acha que isso é porque ele curti a Poe?”, já perguntou o cabeludo.

“Certamente”, respondeu Uribe. “Ele traduziu Poe. Mas levou isso a outro patamar: injetando cotidiano. A gente pode aproveitar

e começar com um conto famoso: ‘A autoestrada do Sul’. Quem leu?”

“É o do engarrafamento?”, perguntou dona Eulália. “Li em francês.”

“Esse mesmo”, respondeu a professora, sem olhar para a turma, enquanto mexia no celular.

“Ah, perdão. Desculpem. Estou um pouco distraída. Estávamos falando...”

“Do conto do engarrafamento”, apressou-se o velho da mala.

“Sim, isso”, disse Uribe, ainda olhando para o celular. “Quer situação mais normal? Talvez muita gente não tenha vindo hoje porque ficou presa em um engarrafamento, olha que ironia. Essa cidade, viu? É muito carro.”

A chuva batia forte na janela, de onde eu via os automóveis transformados em miniaturas, com os faróis acesos, a luz vermelha dos freios piscando em sucessão. A cidade parecia parada.

“Mas, continuando. O incrível nesse conto é que ele parte de uma situação trivial e começa a se fechar, e se fechar mais, e mais, até os limites do insuportável. Os motoristas não têm nomes. São identificados por alguma característica e pelo modelo do carro: a garota do Dauphine, os jovens do Simca, o homem do Caravelle. São pessoas escolhidas aleatoriamente, em uma situação banal. Só que aí passam algumas horas, e os carros não andam. E passam mais horas. E dias. E as pessoas começam a se relacionar, formar grupos, criar inimizades. E de repente surgem o sufoco, a opressão, o temor de que nunca vão sair de lá. Surge a claustrofobia. Até que

os carros voltam a andar. E aí o conto faz o caminho contrário: ele respira. É Cortázar puro! Eu separei uns trechos aqui.”

A professora tinha marcado as páginas com post-its. De pé, começou a ler. Reparei que segurava o livro com força para disfarçar leve tremor nas mãos. Leu um pouco, virou a página, e quando ia continuar, um telefone soou.

Uribe deu um salto até sua mesa e catou o celular. Passou a mexer nele, primeiro nervosa, depois constrangida. Olhou para a turma. O som continuava — só terminou quando a ruiva da tatuagem abriu a bolsa, retirou um aparelho e fez cessar o barulho.

“Desculpa, gente. Esqueci de colocar no silencioso”, disse, já se levantando. “Foi mal, professora, mas tenho que ir, tá?”

Restamos seis, todos em silêncio, cientes de como a pele da professora se avermelhava no rosto e seguia assim até o peito, com manchas visíveis graças ao botão aberto acima dos seios. O relógio de parede tiquetaqueava atrás dela — e percebi que ficar olhando para os ponteiros não os faria andarem mais rápido.

“Bom, acho que a gente pode passar para o ‘Jogo da Amarelinha’, né? Todo mundo aqui leu? Legal. E se lembram da morte do bebê Rocamadour? Então. O cenário é o apartamento da Maga, e o bebê está morto, mas só Oliveira percebeu. E ele sabe que a Maga, dali a pouco, vai ter que alimentar o bebê. Ele sabe que o terror vai invadir aquela sala. E os amigos começam a chegar. E eles começam a escutar jazz. E o vizinho de cima começa a bater no chão, reclamando do barulho. E os amigos, um a um, vão sabendo que o bebê está morto. E o vizinho batendo, o jazz, o tempo passando,

e Maga logo vai descobrir, e cada cena nos estrangula mais. É desesperador. E sem qualquer traço sobrenatural. Reparem: é um apartamento, amigos, um vizinho, uma vitrola. E um bebê. Só que o bebê está morto. E um bebê morto é a maior violência possível.”

Uribe começou a ler trechos do livro. Ela tinha bochechas grandes e rosadas. Os cabelos eram loiros, lisos exceto nas pontas, onde se acumulavam em cachinhos infantis, que davam vontade de tocar. Os olhos ficavam em algum tom entre o verde e o castanho. Eram aquosos — como os de alguém que acabou de chorar, ou está prestes a fazê-lo. O corpo, esguio, não combinava com o rosto. Parecia que ela conseguia se manter magra em toda a composição, menos nas bochechas. Não tinha mais de 35 anos.

Nos minutos seguintes, ela passou pela morte do bebê Rocamadour, voltou a alguns contos, explorou textos teóricos e finalmente chegou ao capítulo 23, o da madame Trépat, aquele que só eu e a menina do casaco vermelho lembrávamos.

“Vou refrescar a memória de vocês. O capítulo começa com Oliveira vagando por Paris. Chovia muito. Como não queria ficar encharcado, ele acabou entrando em uma sala onde haveria um concerto de piano. A pianista era a madame Trépat.”

Fazia dez anos que eu não lia aquele livro. Mas me lembrava bem do capítulo: a umidade, a fumaça, o asco de Oliveira pela pianista, o desconforto.

“A sala tem umas 20 pessoas. A madame Trépat começa a tocar, mas logo fica evidente o incômodo da plateia. A pianista percebe que não está agradando e passa a errar. E quanto mais ela

erra, mais o público se impacienta. E quanto mais o público se impacienta, mais ela erra. As pessoas começam a sair. De repente, sobram apenas oito. E então cinco. E aí duas, Oliveira e outro homem. E o homem tem um ataque de riso e sai correndo. Ficam apenas Oliveira e a madame Trépat. Ela chora, delira, e Oliveira se deixa levar. E a convida para beber alguma coisa. Eles saem caminhando, ainda chove, ela o segura pelo braço e desliza a mão pelo corpo dele, e a situação vai ficando cada vez mais claustrofóbica, até Oliveira perceber que aquela mulher sequer pode entrar em casa, porque seu marido parece estar na cama com outro homem. Ele sugere levá-la a um hotel para ela descansar, e ela responde com um tapa. E começa um escândalo. E então Oliveira se vê fugindo, voltando às ruas de Paris, voltando à chuva de onde escapara.”

A professora leu trechos do capítulo, e fiquei à beira da comoção. Meus colegas não demonstraram a mesma emoção. Uribe notou que seu celular vibrava e sugeriu um intervalo. O velho da mala aproveitou para ir embora, alegando que chovia muito, e o trânsito, sabe como é.

A própria Uribe saiu, e seguimos ouvindo seus passos pelas caixas de som, o barulho da porta do banheiro abrindo, a chave trancando, e eu sabia que compartilhávamos a esperança de que ela percebesse o microfone, que era só desligar e não ouviríamos nada, não ouviríamos que ela telefonava para dizer: “filho da puta, você prometeu ir comigo, esse bebê não é só meu, Inácio, eu mato esse bebê, Inácio, eu tava agora mesmo falando pra meia dúzia de

peessoas, só veio uma meia dúzia, uma meia dúzia de idiotas, e tem aquela velha desgraçada, parece que ela me persegue, eu tava falando do bebê Rocamadour, Inácio, e eu juro, eu mato esse bebê.”

Eulália ergueu-se em um pulo e saiu correndo. O cabeludo resistiu até a parte do “ou sou eu que vou acabar me matando, Inácio”. Aí ele se levantou e saiu lentamente — esqueceu a mochila pendurada na cadeira. Sobramos a menina do casaco vermelho e eu. Escutamos o “então vai se foder, se foder”, os soluços, o jato de urina batendo na água, parando e depois recomeçando, e depois a descarga, e o barulho da torneira, e a toalha de papel saindo de seu repouso, e a chave, a porta, os passos que se aproximavam.

Quando retornou e percebeu que só restavam dois alunos, Uribe se permitiu sentar. A cadeira tinha dois aros de metal que sustentavam o encosto, e foi em um deles que a caixinha do microfone bateu. Uribe finalmente decidiu se livrar do aparelho. Tirou-o do bolso e, ao segurá-lo, viu o botão de ligar e desligar. Por trás dos óculos, percebi o olhar de pânico — parecia a expressão de um bicho que se camufla na natureza, imóvel, enquanto aguarda que seu predador passe sem percebê-lo.

“Ah, meu, mas que caralho tudo isso”, gritou a menina do casaco vermelho, e foi embora.

Pela janela, era visível que a chuva tinha apertado. Nem por isso deixei de convidar a professora Uribe para beber alguma coisa, quem sabe um café.

.....
Alexandre Allatti (alexandreallatti@gmail.com) nasceu em Curitiba, em 1982. É formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalha no Grupo Globo. Teve um conto, “Gamarra”, entre os premiados do 30º Concurso de Contos Paulo Leminski.

No rastro dela

Lígia Ximenes

1

Gosto tanto de Psiquê que a tenho tatuada em tinta preta no antebraço direito, os pés nus, deixando para trás o cão Cérbero, que ela distrai com um pedaço de bolo de cevada para fazer a travessia ao Reino dos Mortos.* Com expressão de êxtase, parece que ela sabe que é uma das únicas mortais que, em toda a mitologia grega, sairá com vida daquele lugar. É Psiquê que me leva adiante toda vez que penso em desistir de contar outra história que não é dela, mas minha.

2

Há alguns anos, tive essa ideia de escrever um livro. A princípio sonhado como a biografia de um amigo muito querido, que muito me inspira a agir no mundo. Ele, repórter, rodeado de amigos, gargalhando alto, ou atravessando o saguão de um aeroporto,

*Trecho de um ensaio sobre a maternidade e a escrita, em andamento.

prendendo nos lábios um cigarro apagado. Ele, na cozinha, preparando feijoada ou caldo verde, e interrompendo uma conversa séria para festejar a vida de mais uma flor de maracujá. Ou me pedindo ajuda para escolher um presente para as netas que têm mais ou menos a idade das minhas filhas.

Levei esse chamado a sério e passei muitas e muitas tardes ao lado dele. Preenchi cadernos com meus garranchos e ensaiei 26 formas diferentes de contar essa história, mas o livro nunca tomou forma. Em momento algum consegui parar de me perguntar: o que pode contar sobre esse homem a mulher que passou os últimos dez anos de sua vida sendo mãe? Ainda não sei.

3

Acho que até o Ano dos Abscessos eu nunca havia pensado direito sobre o ato de falar. Parecia muito natural abrir a boca e emitir sons que se fundem para formar palavras que outras pessoas entenderão. Eu achava que meu problema era só não dormir, por ter uma criança dia e noite grudada no peito. E então a garganta começou a arranhar, um mês inteiro indo ao pronto-socorro, até eu acordar certa manhã com muita dor e nenhuma voz. No hospital, disseram que o que eu tinha era um abscesso. Minha carne envolvia um tantão de pus, e era urgente drenar. E pode ser que tenha sido só um golpe de azar. Meu corpo cansado sem conseguir lutar contra uma coisa boba feito uma amigdalite. Mas garganta é esforço, me disseram. Quando a gente sente muito fazendo o que faz. Quando cala o que sente, o que pensa, o que gosta e desgosta. Pode

ser também o resultado daquilo que a gente engoliu sem digerir. E vai ver era isso mesmo. Porque aconteceu de novo dois meses depois. Outro abscesso. Dessa vez, na noite de Natal.

4

Contavam os gregos que, antes de ir parar no Reino dos Mortos, Psiquê tinha uma vida de alegria e prazer com Eros. Embora fosse impossível o amor deles, porque ela era uma mortal, e ele, o Deus do Amor, Afrodite consentiu que vivessem juntos se Psiquê aceitasse jamais ousar conhecê-lo. E, de fato, estiveram felizes, encontrando-se no escuro da noite. Mas certo dia Psiquê dá ouvidos a suas irmãs, desconfiadas desse homem que a cada momento é descrito de um jeito diferente. Vendo suas expressões de descrédito, percebe que ela mesma não o conhece. Por isso decide, certa madrugada, acender uma vela quando ele estivesse dormindo. Mas Eros desperta com o clarão, vê que Psiquê descumpriu o combinado e vai embora. Conforme havia prometido. Psiquê quer morrer.

5

A morte, dentre todas as coisas, é a que me dá mais medo. Quando era pequenininha, que meus pais morressem. Depois passou. Então veio o Ano dos Abscessos, e provavelmente por conta da pressa com que me levaram para o centro cirúrgico, considerando o risco de aquilo estourar e se espalhar pela corrente sanguínea, o medo voltou. Mas nunca temi tanto a morte como depois de ter me tornado mãe.

Lembro que passei as primeiras semanas depois do nascimento da primogênita num mundo onde todas as regras de convivência estavam suspensas por tempo indeterminado. Nele, havia potes de álcool em gel pela casa toda. E, apesar da obsessão com todo tipo de micro-organismo, não havia tempo para escovar dentes, lavar cabelos, fazer refeições quentes. Neste mundo estranho, eu sonhava acordada. E nos meus sonhos conseguia dormir três horas seguidas.

Diz a medicina que o sono poupa energia, restaura tecidos, fortalece o sistema imunológico, produz hormônios que fazem o corpo crescer e nos ajudam a guardar melhor as memórias. Já a falta de sono pode causar transtornos psicológicos, como depressão e ansiedade.

Não sei. Mas foi por falta de sono que, numa mesma semana, fracturei um dedo do pé, atravessei com meu corpo o vidro de uma janela, deixei vaziar o gás do forno e vi sair dele uma língua de fogo que lambeu todo o teto da cozinha até a sala. Se tem uma coisa que eu sei é que é possível morrer de sono.

6

Mas não era só o cansaço. Eu me lembro também da estranheza de não sentir exatamente o amor que descreviam nas campanhas publicitárias. Embora tivesse certeza que minha primogênita, seu corpo rosado e quente nascido há minutos, seria a coisa mais macia que tocaria em toda a minha vida. A existência dela fazendo peso em meus braços. Seus olhos fixos em mim. Quem é você, me-

nininha? Se Deus existe, ele é um maluco de confiar que uma pessoa como eu é capaz de não deixar morrer uma pessoa como você.

7

Quando Psiquê desejou morrer, caminhou até a margem do rio Estige para se afogar naquelas águas geladas e violentas. Antes de mergulhar, encontrou Pan, besta-fera de orelhas, chifres e pernas de bode, aquele que sempre leva consigo uma flauta, e ele a aconselhou a ir procurar, justamente, Afrodite. Foi Afrodite que disse, ok, minha querida, se quer reparar seu erro, lhe digo o que fazer. E para encurtar a história, porque a jornada dela é longa, digo que ela termina no instante em que Psiquê sai do Reino dos Mortos, deixando para trás o cão Cérbero com suas três bocarras disputando o mesmo pedaço do bolo de cevada que ela lhe ofereceu.

8

Desde o Ano dos Abscessos, muito aconteceu. Uma filha cresceu, outra nasceu. Em meio ao cansaço e à gritaria, fui descobrindo que o amor tem as cores do arco-íris com que me desenham, e o calor que uma mãozinha traz quando toca meu antebraço para me dizer olha, mãe, o manacá abriu mais uma flor, ou mãe, me ajuda com a lição. Sendo mãe, aprendi a aceitar que os afetos são energias que se transmutam, muitas vezes ao dia, como quando seus braços se entrelaçam atrás do meu pescoço e ela me diz te amo, mamãe, e sinto seu queixinho afundar na minha bochecha, e eu naquele instante amo-a também, até que

ela encontra um osso, e já não posso mais amá-la, pois segue agarrada a mim, apertando seu osso no meu, e eu digo que dói, mas só quando grito ela para, e quando a coloco no chão está me olhando espantada.

9

Cartão de aniversário para mamãe Lígia. Jaguatiricas, tamanduás e jacarés-açus, ilustrados pelo pai da Lúcia, falam comigo: *Já te amo, mamãe. Estou com fome. Beijo. Estou com fome também! Estou com fome! Estou com fome também!*

10

Há alguns meses acordo porque tenho dor. Ou tenho dor porque durmo mal. Ardem os ossos dos pés, meus braços e minhas mãos adormecidos, às vezes um torcicolo; já achei até que tinha uma infecção de ouvido, mas era a articulação temporomandibular. Fiz os exames todos, e o médico me disse: você está exausta, mas tem um fundo de depressão aí e tem que cuidar.

11

A história de Psiquê não fala de amor, eu acho. Pelo menos não desse amor romântico, homem-mulher, esse eu-não-posso-viver-sem-você, embora Eros, representado com asas e um arco-e-flecha, seja mais conhecido como Cupido, e tenha dado nome a um dos seis tipos de amor de que os gregos falavam. Eros, para eles, era essa emoção que faz disparar o coração, entorpece os

sentidos, arrebatada feito tromba d'água chegando em regato manso. Cabe aqui uma distinção-chave: Psiquê não é Eros. Ela é ela mesma. E se está sofrendo, é porque se perdeu de si.

.....
Lígia Ximenes (ligiaximenes@gmail.com) nasceu em Itapeva, em 1979. Desde pequena queria escrever ficção, mas cresceu e foi estudar Jornalismo. Fez as pazes com a não ficção recentemente, em muito boa companhia dos professores e colegas do Instituto Vera Cruz, convencida da urgência de pensarmos a verdade e de assumirmos o risco de dizê-la o mais alto possível.

Desocupação

Isabel Série

Desocupa o 23. Põe o 14A no 16 e fim de papo. Pode pôr. Que reclamar o quê. Só um instante. Mãe, eu já ligo. Peraí. Não me chame de Lúcio Flávio. Já pedi. Porque a senhora já errou quando colocou o nome. Não precisa insistir. Ou Lúcio ou Flávio. Nome composto não dá. As pessoas me olham daquele jeito toda vez que alguém grita ô Lúcio Flávio! É. Olhar de desconfiança, sim, e a culpa é da senhora. Chamasse de qualquer outra coisa. Não podia ser Reginaldo? Não era o ator? Sabe qual é meu apelido aqui, sabe? Você nem me deixou ter um decente. Tipo Marcos. Marquinhos. Areovaldo. Valdo. Clementino, Tino. Até Hector, apesar de ser argentino. Mas, não. Oi, bom dia. Já atendo a senhora. Só um instante. Mãe, como e daí? Luz Vermelha. Olha o apelido que você ajudou a construir. Mãe, pra eles é tudo igual. Tanto faz. Como, ingrato? A senhora desgraçou minha identidade. Mania besta. Mercedes teve mais sorte que eu. Por que a senhora foi no cinema se já estava com contração? Deu no que deu. Lúcio Flávio. Horror. Graças a Deus não foi no açougue. Já pensou? Acém, como vai? Mãe, isso não é tradição. É. Só um

instantinho, senhora. É estupidez. Não tô brigando. Tô sendo honesto. Só um minuto. Mãe, eu já ligo. Então, espere um pouco. Sim, tô na escuta. Como, o 16 tá ocupado? Amigo! Olha aqui a baixa! Cara, isso me deixa putó. O Aristides é um incompetente. Deu oito horas de trabalho, o cara vaza. Larga tudo pela metade. Ele marcou aqui que o 16 estava desocupado. Leva pro 44. Não é possível que também tenha gente. Mãe, fala. Eu tô trabalhando. Não tô irritado, tô ocupado. Peraí de novo. Pois não. Desculpe pela demora. A limpeza custa 80. Paga aqui mesmo e eu dou o recibo. Só um instante. Oi, Mendes. Cara! O 44 tá desocupado, mas tá quebrado? Então enfia no 29. Que bagunça é essa? Essa porra aqui estava toda organizada. Eu volto e vocês querem me mandar de novo pro hospital? Segura aí que eu vou ver e já digo. É. Mendes, qual é o problema em esperar uns 10 minutos? Tô atendendo aqui uma senhora, você no Nextel e minha mãe no telefone. A senhora quer a limpeza e o que mais? Flor não pode. Põe catavento. Fica lindo. Combina, sim. Ah! Não sabe. Na dúvida. Não é tão complicado. Ou catavento ou nada. Decisão simples. A senhora podia pensar lá na recepção porque eu tô tentando organizar a secretaria? Desculpa. Eu entendo que é uma pessoa importante para a senhora. Cinco anos, já, que ele se foi? O tempo passa rápido, né? Imagino o sofrimento. A gente tem coração, sim. O meu, inclusive, eu troquei. É de segunda mão. Transplante. Tô voltando hoje à ativa. Quase arrependido. Agora eu vou dizer pra senhora: tem gente que mesmo morto ajuda muito. Fico olhando o desperdício aqui dentro. Desculpe, mas é que de gente, na minha opinião, não devia ser desperdiçado nada. Dá trabalho pra ser gente, não acha? Desculpa. Fiquei com essa consciência depois do trans-

plante. Não. Eles não deixam saber nada sobre dele. Capaz até de o doador estar aqui. Pense bem no catavento. Fica lindo. Indecisa com o quê? Catavento não é coisa de mulher, não. É unissex. Mais alguma coisa? Instantinho. Mendes, tá na escuta? Deixa aí no meio do corredor que quando aquele cretino do Aristides chegar eu mando o próprio resolver. Você não pode? Então, deixa eu explicar: morto em vala pública sofre despejo, sim. Questão de espaço. Se você vai pôr na gaveta 24, 16, ninguém tá nem aí. Agora, não dá pra você ficar rodando com osso enquanto eu me ferro sozinho na secretaria. Tá ok? Desculpe, a senhora pode, por obséquio, esperar na recepção? Obrigada. Mãe? Eu não larguei a senhora na linha. Pare de ficar escutando tudo o que eu falo. Eu não fui grosso coisa nenhuma. Só acho um absurdo a pessoa vir até um cemitério e deixar para pensar aqui, na frente de um funcionário mal pago, que tem no peito o coração de uma mulher que nunca viu e um chefe que é uma besta quadrada, se vai colocar catavento ou deixar sem nada. Poxa. E o Mendes tá de sacanagem, a senhora entende? A gente se fala mais tarde. Peraí, que a mulher do catavento voltou. É. Aproveite pra escutar. Você adora. A senhora decidiu? Dona, não interessa se é flor de plástico. Não pode. Porque junta água, entendeu? A senhora tem algum problema com catavento? Porque tô notando uma certa má vontade da senhora em aceitar. Tá certo. Qualquer coisa, tá aqui o telefone. Não. Pra combinar o serviço, só pessoalmente. Bom, mas não tem outro jeito. A senhora liga se quiser. Então, não liga. Passar bem. Alô, mãe. Meu! Desligou na minha cara! Mendes, tá na escuta?

.....
Isabel Série (isabelserie@uol.com.br) nasceu no ano em que John Kennedy levou um tiro na cabeça e Leda Vargas foi a primeira brasileira a ganhar o concurso de Miss Universo. Jornalista há 33 anos, é/foi repórter, roteirista, editora-chefe, diretora executiva, mas não conseguiu entrevistar Clarice Lispector porque teve prova no ginásio; e um conflito de gerações a impediu de cobrir o funeral de Frida Kahlo. Para corrigir distorções biográficas, encontrou a literatura. Lugar da palavra sem o peso da notícia nem da sacanagem das *fake news*.

Interdição

Daniela Amendola

— Senhora..., a sua certidão de nascimento de inteiro teor..., só pode ser feita e entregue..., mediante autorização de um juiz — anuncia a voz amaciada, entrecortada pelos pontos e vírgulas exigidos por lei.

Essa senhora com o pedido recusado sou eu. Estou em pé, em frente à atendente do guichê número três, meus braços nus estão soltos ao longo do meu corpo forte e pequeno, do ponto máximo da cabeça ao ponto mínimo das solas dos pés, quase dez centímetros a mais do metro e meio alcançado pelas minhas duas primas, uma mais velha e outra mais nova, ainda moradoras desta cidade, setenta e cinco quilômetros distante da metrópole escolhida pelos meus pais quando completei oito anos e nos mudamos. Um ano depois de meu sobrenome ter sido trocado.

— Desculpe, eu não posso requerer minha certidão de nascimento de inteiro teor sem pedir autorização de um juiz? — repito a informação, mas não espero a resposta.

— Já solicitei várias cópias de minha certidão de nascimento e nunca tive qualquer problema, mas desta vez preciso que ela

seja de inteiro teor para dar andamento ao processo de dupla cidadania italiana, só isso! Qual é o problema?

— Senhora, aguarde um momento, sou nova neste cartório, vou chamar meu colega pra explicar melhor a situação de sua certidão de nascimento — apressa-se a novata do décimo quarto registro civil, na avenida Coronel Quirino, a poucos metros da prefeitura e da casa onde minha avó materna morou por dez anos após a morte de meu avô.

A voz apressada, o olhar esquivo, o corpo fugidio, as mãos afoitas, os passos em falso, a falta de clareza, o recuo da atendente ante minha indagação afastam meu corpo do guichê. Encho meu peito de ar para me proteger de uma nova colisão entre mim e o autoengano: sair ilesa desta cidade e de suas recordações, desembaralhadas por ledos enganos e tão mal embrulhadas por novos papéis sociais.

Enquanto aguardo o atendente experiente, abano as mãos em frente ao meu rosto para secar o suor da testa e do pescoço. Apesar do meu vestido estampado com flores amarelas e alaranjadas ser leve e de alcinha, o calor que sinto nasce de dentro para fora, um ardor autônomo que irrompe quando meu corpo entra em alerta e se prepara para a defesa.

Hoje não deve estar muito quente; o casal de adolescentes que se beija de dois em dois minutos, desde que se sentou nas cadeiras de espera enfileiradas feito ônibus, veste casaco e malha; o senhor de barba branca que lê o jornal matinal em pé e puxa conversa com quem se aproxima dele usa um sobretudo de veludo xadrez; a menina que masca e faz bolas de chicletes veste meias cal-

ças de lã e saia comprida; sua mãe, sentada ao lado dela, também se cobre com um vestido comprido, de gola alta e mangas longas.

Ainda é cedo, o cartório acabou de abrir, há poucas pessoas à espera dos serviços. Observei-as chegando e continuo a observá-las, sou sempre a primeira a chegar e a entrar nos lugares, quase sempre com os atendentes, trabalhadores, convidados, viajantes, participantes.

Espero não ficar muito tempo aqui, combinei um almoço com minha prima mais velha, para conversarmos sobre o processo de dupla cidadania, já em andamento. Depois de mais de vinte anos brigando com o consulado italiano no Brasil, com idas e voltas das certidões dos nossos antepassados, ela se prontificou a arrumar todas as certidões — retificações de sobrenomes, erros de digitação, pedidos de certidões de inteiro teor italianas. Desta vez vai dar certo. Assim que eu tiver a documentação exigida, a enviarei a um tradutor juramentado e levarei a pasta com as certidões em português e italiano pessoalmente à Itália. Minha prima já comprou as passagens — dela, do marido e da filha mais nova. Eu só poderei marcar a minha viagem após ter em mãos as certidões; minhas e de meus filhos. Somos primas-irmãs — ela é a primeira neta, filha mais velha do único filho de nossos avós.

Percebo vibrar meu celular, que está dentro do bolso externo da bolsa pendurada a tiracolo, enviesada em meu corpo. Retiro o aparelho do bolso, digito a senha, sempre a mesma, o número do telefone da casa onde morei até os sete anos. Espero chegar na rua para retornar a ligação. Prefiro ligar de volta quando estiver no carro, pois meu exagero nas expressões de alegria ou tristeza

não combina com esse lugar, com essas pessoas, com esse jeito de imprimir recato à espontaneidade. Desisto do celular por agora, devolvo-o ao bolso e continuo a me abanar.

Lá vem o atendente mais velho da casa, mas parece tão jovem! Vejo ele entrar no corredor que dá acesso ao salão onde as bocas dos guichês se abrem, passadas largas, e cá está ele, na minha frente. Ele é um homem alto, sem rugas de expressão, seus cabelos são finos e lisos, grudam no couro cabeludo de tão oleosos, não se mexem nem quando a cabeça dele avança para perto da minha. A boca dele é enorme, o contorno dos lábios parece pintado com canetinha rosada, os olhos são minúsculos, coloridos como os de meus três filhos. Sinto certa familiaridade com o tamanho superior do nariz apontado para cima.

— Bom dia, senhora. Minha colega já lhe informou sobre o que deve fazer para que possamos prosseguir com o seu pedido, correto? Para entregarmos sua certidão de nascimento de inteiro teor, a senhora terá que levar um documento, fornecido pelo nosso cartório, para ser autorizado pelo juiz.

(Pausa ante minha expressão de tédio)

— Não acho que seja um problema, mas na certidão de nascimento da senhora consta um segredo de justiça e, em casos como esse, não podemos transcrever as informações do livro sem a autorização de um juiz.

— Entendo. Como você se chama?

— Atílio.

— Atílio, deixa eu lhe explicar. Esse segredo é tão velho quanto eu, já perambulou por essas ruas, caiu desses telhados, feriu

cabeças, desfez laços, rompeu vínculos, correu desamparado, quis se matar, mas sobreviveu e foi morar em outra cidade. Lá, encontrou um lugar quentinho e seguro e está sendo bem cuidado há uns bons e tantos anos!

— Senhora, não sabemos se o segredo ao qual a senhora se refere, conhecido e cuidado, é o mesmo que consta no livro, por isso não podemos entregar a certidão de inteiro teor sem a autorização de um juiz. Entenda que é para o seu bem.

— Atílio, você está mesmo me dizendo que é possível haver MAIS UM segredo escondido na minha certidão de nascimento e que este TAMBÉM foi escondido para o MEU BEM, para me proteger, me poupar? Atílio, é isso que você está dizendo? Diga, Atílio, é isso mesmo? Se é isso mesmo, não há dúvida de que falamos do mesmo segredo!

— Não, senhora, não sei se é o MESMO! A senhora sabe o que é a certidão de inteiro teor? A certidão de inteiro teor é o documento que assenta os dados que estão no livro em que a senhora foi registrada. Qualquer modificação que tenha sido feita ao longo de sua vida estará escrita nela.

— Atílio, não quero ficar ainda mais nervosa, e para que isso não aconteça, preciso de um grande favor seu. Mas, antes, será que você pode abrir um pouco mais os olhos e parar de passar as mãos nos cabelos?

— Sim, senhora.

— Obrigada. Por favor, volte lá para dentro, leia o segredo de justiça escrito em minha certidão de inteiro teor, volte aqui e escute o segredo que eu conheço. Se eles forem os mesmos, não

há segredo algum! Se for outro segredo, vou até o juiz e peço a autorização. Você pode fazer isso por mim, Atílio?

— Não, senhora, não posso.

.....
Daniela Amendola Pinheiro (quintalamendola@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1967. É publicitária, trabalhou na área de comunicação e captação de recursos para organizações do terceiro setor, é fundadora do espaço cultural Quintal Amendola e sócia da livraria de rua Mandarin.

Meu vizinho de cama

Adriana Pimenta

Eu já tinha reparado nele quando estava na fila de embarque, voltando de Lisboa para São Paulo, com conexão no Rio de Janeiro. Aparentava estar na casa dos 60. Tinha 1,70 m, talvez menos do que isso. Vestia calça jeans, camisa branca e blazer azul-marinho, um tanto comprido para sua altura, mas que dava um ar de distinção moderna e combinava, de alguma forma, com sua calvície. Quando entrei no avião e cheguei no meu assento, lá estava ele, dividindo comigo um espaço bem confortável na classe executiva.

Seu lugar era o do corredor e o meu, na janela. Quando viajo de avião, sempre reparo no passageiro ao lado, acompanhando cada movimento que o canto dos olhos permite enxergar. Vi que ele logo procurou uma posição confortável, se acomodando com o cobertor e o travesseiro. Tirou o celular do bolso e ligou para alguém que, ao atender, disse: “Vai todo mundo ouvir nossa conversa”. Ele estava falando pela câmera de vídeo do WhatsApp. “Não importa, quero muito ver você e ouvir sua voz”. Deve ser casado, pensei, apesar de não usar aliança. Gostei do jeito carinhoso e

romântico com que tratou sua parceira, e fiquei curiosa para saber um pouco mais sobre meu vizinho de “cama”.

A ligação durou poucos minutos. Ele então pegou o que parecia ser um Kindle e se distraiu com a leitura. Comecei também a ler um livro, mas reparei que ele virava os olhos cá e lá para me examinar. Moveu a cabeça em minha direção quando retirei o par de tênis. Depois, deu uma espiada quando troquei o livro por uma revista.

O comissário de bordo se aproximou e perguntou o que eu gostaria de beber. “Um espumante e uma água, por favor”. Ele olhou para mim enquanto eu fazia o pedido. Na sua vez, respondeu: “O mesmo que ela”. Esse homem que parece um tanto requintado, e ainda é romântico, tem o mesmo gosto que eu, pensei tolamente. Pedi o jantar poucos minutos depois. Ele disse que queria só a sopa e perguntou se ia demorar muito. Tinha pressa porque poucos minutos antes ingerira um comprimido — para dormir, imaginei.

Jantamos. Eu ataquei o prato com avidez e ele experimentou a sopa tranquilamente, entre um pedaço e outro de pão e o vinho tinto que pediu para acompanhar. Ao terminar, pegou um livro na mala. Ele estudava uma partitura. Uma longa partitura, com umas 100 páginas.

Nesse momento comecei a repassar tudo o que vi. Ele, no auge dos seus 60 anos, na classe executiva de um voo de Lisboa para o Brasil, tom um tanto austero, toma espumante, vinho tinto e remédio para dormir e tem uma mulher, cuja voz ele faz questão de ouvir antes de decolar para uma viagem de pouco mais de nove horas. Prefere sopa no jantar, indicando uma dieta leve, que muito

provavelmente o ajuda a manter a silhueta magra. Estuda uma partitura durante o voo. Sim, tinha um personagem ao meu lado e iria passar a noite, cruzando o Atlântico, com um músico internacional.

Meu gosto por música clássica começou aos 11 anos, quando meu pai trouxe alguns LPs antigos, presente de um amigo, e colocou na vitrola. Estudei por apenas três anos, pois não tínhamos dinheiro para ter um piano em casa e a falta de prática ao longo da semana prejudicava minha evolução. Quando vi a partitura, fantaseiei que era um pianista dos bons, pois tinha acabado de se apresentar em Lisboa. Talvez por isso estivesse tão curiosa e encantada.

O pernoite

Eu estava terminando minhas elucubrações quando ele fechou a partitura, protegeu os olhos com uma máscara, virou para o outro lado e dormiu. O remédio era mesmo para induzir o sono. Me decepcionei. Queria conversar, perguntar o que fazia, de onde vinha, qual era seu nome.

Menos de uma hora depois, precisei ir ao toalete. Comecei a pensar em como sair dali. Soltei o cinto e me levantei. Apoiei a mão direita no braço do assento que nos separava e alonguei ao máximo para tentar alcançar o chão do corredor, mas minha perna curta demais impedia tal movimento. Então, coloquei meu assento na posição horizontal para ganhar mais espaço. Girei meu corpo de frente para o assento e tentei fazer a mesma manobra, mas como um caranguejo, de lado, dessa vez apoiando minha mão esquerda no braço do assento que ficava do lado direito dele e meu pé esquerdo

no chão do corredor. Fiquei, então, de frente, tentando saltar, com muito medo de despertá-lo.

O avião balançou e esbarrei minha perna direita na dele com certa pressão. Ele se moveu. Fiquei alguns segundos paralisada. Então, ele direcionou a mão esquerda para a máscara, mas desistiu ao tocá-la. Tudo passou pela minha cabeça nesses segundos. Ele tirando a venda e me olhando assustado, imaginando estar diante de uma bolinadora noturna de músicos internacionais, só porque tomam espumante antes da decolagem. Eu, explicando que foi um acidente e que prefiro, na realidade, vinho rosé ao branco.

Mas ele adormeceu de novo. Saí de cima dele e corri para o toailete, já pensando em como seria a volta, prometendo a mim mesma que nunca mais iria beber muita água quando estivesse no assento da janela. Ao menos não quando percebesse que tinha alguém muito importante do meu lado.

Acordei bem antes dele. O remédio funcionara, pois ele perdeu o café da manhã: não acordou com o barulho, nem quando o comissário me serviu. Meia hora depois, despertou e, de supetão, se levantou, pegou o *nécessaire* e se retirou em direção ao banheiro. Quando voltou, me olhou e sorriu. Reparei que seu sorriso salientava ainda mais as bolsas que tinha sob os olhos e que sua expressão mudara, se tornando acolhedora. Pensei: é a minha chance. Mas, por algum motivo, não conseguia me comunicar. Passei a imaginar que ele era muito importante mesmo e que se aborreceria demais com alguém tentando dar uma de tiete ou bisbilhoteiro quando, de repente, ele me perguntou: “Você é atriz, não é?”

A pseudorrevelação

O jogo tinha acabado de virar. Ele pensava que EU é que era a importante daquela dupla na classe executiva. Após sair de um microtranse, disse:

“Não, mas várias pessoas já me disseram isso. O senhor deve ter pensado que eu era aquela atriz da *Grande Família*.” Durante os 10 anos do seriado, ouvi muitas vezes que eu parecia a personagem Bebel, interpretada pela Guta Stresser. No começo, até achava simpático, mas com o tempo isso passou a me incomodar porque eu não via qualquer semelhança entre nós.

“Eu não assisto TV.” Pronto, meu primeiro fora. Óbvio, gente muito culta e inteligente não se deixa vencer por essa massa de programas vazios.

“E o que você faz?”

“Sou jornalista.”

Ele levantou as sobrancelhas, dando a impressão de que teria me reconhecido de algum canal internacional como a CNN ou BBC. Então, me vi no dever de esclarecer melhor.

“Trabalho com comunicação corporativa.” Ele não demonstrou qualquer decepção e manteve o mesmo sorriso afável no rosto. Aproveitei o clima descontraído e finalmente disse:

“Reparei que o senhor estava estudando uma partitura...”

“Em primeiro lugar, não me chame de senhor”. Segundo fora em poucos minutos de conversa.

“Sou maestro.” Putaquepariu! O cara deve ser foda! Soltei um grito histórico dentro de mim.

“É mesmo...”, respondo, inibindo minha surpresa e admiração imediata, tentando bancar o papel da pessoa importante que eu seria — mesmo só fazendo comunicação corporativa —, com certo ar *blasé*.

“Comecei como pianista, mas os caminhos da carreira me levaram à regência.”

“Você veio se apresentar em Lisboa?”

“Não, moro em Genebra, mas costumo ir ao Rio, minha cidade natal, onde passo uns quatro ou cinco meses por ano.”

A partir daí, iniciamos uma conversa entrosada. Ele contou sobre o tempo em que foi coordenador da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, sobre a máfia política que se embrenhou até mesmo nessa área, e como achava que o Brasil era um país sem o menor futuro. Falamos de política e eu concordei com algumas de suas opiniões, pois não queria decepcioná-lo. Estávamos tão entretidos que não paramos de falar nem mesmo enquanto o avião pousava. Tudo passou tão rápido que subitamente ele disse:

“Vai ser difícil pegar a linha vermelha a essa hora. Não me sinto seguro. Você precisa de ajuda com alguma coisa?”

Eu disse que não e agradei. Ao vê-lo se direcionar para a saída do avião, me dei conta: não havia perguntado seu nome.

.....
Adriana Pimenta (pimenta.adrianacomunica@gmail.com) nasceu em Santos, em 1973. Coursou Jornalismo na Uni-Santos e durante mais de duas décadas construiu carreira na comunicação corporativa. Agora, é aprendiz de escritora e se aventura na não ficção para contar suas histórias reais.

Diálogos íntimos

Gustavo Sobral Novelli

Você não comprou o pão que eu pedi?

Claro que comprei. Tá em cima da mesa da cozinha.

Mas eu pedi pão francês! Normal.

E o que tem aí? Pão francês normal! O que comemos todo dia.

Mas esse é integral. Não posso servir pão integral pros caras.

Como assim? Pão é pão.

Não dá para comer linguiça flambada na cachaça com pão integral. O que os caras vão pensar de mim?

Você come pão integral todo dia. Você é que COMPRA pão integral todo dia na padaria. E você come o pão com ricota light! Pare com isso.

São os caras, meu amor. Eles vão pensar o quê? Por isso pedi pão francês normal, cascudo e queimado!

Não vem com esse papo de machão pra cima de mim. Tenho que terminar de me arrumar. Se quiser, vá comprar pão de homem você mesmo.

Não dá. Estou esquentando a churrasqueira. Vou fazer a linguiça na brasa. Vai pra mim, por favor?

Nem a pau que eu vou! Pare com essa frescura e coma a porra do pão integral.

Mas os caras...

Pare com isso! Seus amigos não tão nem aí. Vá por mim. Paulo é vegetariano, nem vai comer linguiça. Vai até agradecer o pão integral. E talvez acabe com a ricota, se é que ele consegue comer aquela coisa.

Do que você tá falando? O Paulo não é vegetariano. A gente come carne toda quarta durante o futebol.

Você que não sabe de nada. Rita converteu ele faz uns dois anos. Vocês ficam assistindo ao jogo e nem reparam que ele se entope de pão com vinagrete.

Não! Não pode ser! A Rita te contou isso? Quando?

Sei lá! Faz uns dois anos já. Logo que ela deu um jeito de convencer ele. Ela sempre faz piada disso quando saímos.

Nunca fui muito com a cara da Rita. Sacanagem com o Paulo. Ela fica contando essas coisas dele para vocês assim, gratuitamente?

Como assim? Claro que conta. Nós contamos. Ela fala de Paulo. Cintia fala de Felipe. Eu falo de você. Nós conversamos.

Espera! Você fala de mim para elas?!

Claro que falo. Somos amigas há quanto tempo? Nós que apresentamos vocês três e não vamos conversar sobre vocês? Se não fosse a gente, você iria assistir o jogo sozinho hoje. Por que esse espanto?

Sei lá! Tem tanta coisa pra falar. Você é cientista política, fala daquelas coisas que você escreve. Ou fala só de sapato, roupa... Mulheres gostam disso, não gostam?

Não se rebaixe. Você é mais inteligente que isso, meu amor.

Olha! Só não acho necessário falar sobre a gente. Sobre mim. Mas, peraí, sobre o que vocês falam exatamente? Exatamente?

Sobre tudo.

Tudo, tudo? Ou tudo, TUDO?

Sim. TUDO inclui sexo, sim.

Caralho! Calma aí. Você não falou sobre o...

O dedo no cu? Falei.

Putaquepariu!

Ah! Pare de frescura! Por favor! Vire homem. Paulo e Felipe também adoram uma dedada. Aliás, Felipe só transa com o vibrador de Cintia enfiado no cu. E aquele troço não é pequeno.

PUTAQuepariU!

Pare com isso, vai! Como se vocês não falassem sobre a gente também.

Claro que não!

Até parece! Paulo nunca falou que Rita só gosta de ser chupada de quatro?

Não!

Felipe nunca contou da tara de Cintia por pregadores no mamilo?

NÃO!

E você vai me dizer que nunca contou nossa história da ce-noura com doce de leite e pimenta-do-reino para eles?

CLARO QUE NÃO!

Mas sobre o que, afinal, vocês conversam por cinco horas na mesa de bar?

FUTEBOL!

Você vai me dizer que vocês sentam na mesa do bar e conversam cinco horas sem parar apenas sobre futebol? Só futebol?

Sim.

Não falam sobre mais nada? Mais nada mesmo?

Às vezes, de carros. Fórmula 1, antigamente. Mas agora ninguém mais assiste.

Vocês não falam de sexo?

Sim!

Falam da gente, então?

Não!

Falam de quem, então?

Ah, sei lá! Sempre rolam uns vídeos pornôs no whats. A gente comenta os vídeos. Só isso.

Homem é muito estranho.

Nós somos estranhos? Vocês saem por aí comentando nossa intimidade...

Cresça, Chico! Cresça! Tá aí todo amargurado por quê? Porque gosta de tomar dedada? Você gosta! Aceite e seja feliz. Se conversasse com seus amigos não teria demorado dez anos para descobrir isso. Foram DEZ ANOS tentando te convencer e hoje você já deita na cama abraçado no KY. Se tivesse falado com Felipe desde o começo, ele tinha contado o quanto é bom. Ele roubava o vibrador da mãe na adolescência, você sabia? Claro que não sabia...

Meu Deus...

Aceite que dói menos, Chico! Aceite! Bem, tenho que ir, as meninas já devem ter chegado no restaurante. A conversa vai ser longa hoje, não me espere. Precisa de algo da cozinha? Tô indo pegar o sapato na área de serviço.

A cesta de pão?

Está do lado da churrasqueira, já. Vai ficar com o pão integral?

Vou.

Algo mais?

Pega a ricota pro Paulo antes de sair.

Vou deixar em cima da mesa. Bom jogo pra vocês. Te Amo. Tchau.

.....
Gustavo Sobral Novelli (gustavo.sobral@outlook.com) nasceu em São Paulo, em 1983. Formado em Engenharia Civil, atua como consultor em engenharia de transportes urbanos, e, com isso, aprendeu que um ótimo lugar para ler é em transportes públicos. Leu tanto que achou ser possível escrever também. Este é seu primeiro trabalho publicado.

O pé

Talita Lilla

“Ao fitar por muito tempo um ponto fixo na parede, às vezes, acabo não sabendo mais quem sou nem onde estou. Então, sinto claramente falta da minha identidade, como se eu tivesse me tornado, de repente, um estrangeiro perfeito. Esse personagem abstrato e minha pessoa real disputam em pé de igualdade minha convicção.”

Max Blecher, em *Acontecimentos na irrealidade imediata*

No dia em que descobri que tinha um pé, eu acabara de completar 14 anos e tomava banho na suíte dos meus pais, como de costume.

Era frequente me agachar no box e sentir a água escorrendo pelo meu corpo, me conduzindo para alguma espécie de experiência intra-uterina novamente. As gotas formando uma película fina sobre a pele nua, o som da respiração, o cheiro suave do xampu, o vermelho da pele queimada pela água. Pequenos momentos em mim.

O banho começava sempre pela cabeça. Era um tempo para reflexão, em que todos os problemas se conjugavam, em busca de alguma solução, e pareciam se dissolver com a espuma que escorria, levando embora a sujeira do corpo. Talvez por isso eu sempre começasse passando o xampu, massageando o couro cabeludo, para estimular os pensamentos.

Nesse dia, eu esperava agachada no box para enxaguar o condicionador do cabelo. Fiquei de cócoras abraçando as pernas e sentindo a água. Brincava com o ralo, um dedo em cada furo. Imaginava um poço fundo que daria para algum outro lugar do mundo. Era tudo de que eu precisava naquele momento.

De repente, eu vi.

Um pé.

Um pé. Com as veias saltadas e roxas sob a pele fina e pálida. Ele me olhava. Parecia esperar alguma atitude de minha parte. Fitei-o por alguns momentos na tentativa frustrada de desvendar seu enigma. Até que percebi que ele era meu. Que fazia parte do meu corpo. Que se estendia pelas pernas, encontrava o sexo, a barriga, os seios e os braços até acabar no topo da cabeça. Um pé, um corpo, o mundo. Ele parecia meio inchado, os ossos muito espalhados tocando o chão, as unhas mal feitas, meio quebradas e um pouco sujas. Era um pé que não condizia em nada com a figura frágil e melancólica dos meus nem 15 anos. Sua postura impositiva e calada crescia sobre mim. Ele me encarava profundamente. Em um primeiro momento, não tive qualquer reação. Descobrir, assim, sem aviso, sem preparo, o significado de ter um corpo.

“Vamos, mexa-se!”, ele parecia dizer, quebrando o silêncio.

“Estou me mexendo...”, pensei. E, de fato, comecei a sentir toda a estagnação interna se diluindo, transformada. Um pequeno ponto condensado, quente, se espalhava pelo meu corpo, tomando os órgãos, penetrando a carne, preenchendo as veias. Passei a mão pelo meu rosto, pelos cabelos cheios de creme, descí pela nuca, apertando de leve o pescoço. Depois, pressionei o oco da clavícula

com as pontas dos dedos, tateei os braços com a unha, passei rapidamente pela barriga e pelo púbis, desacelerando o movimento das mãos ao chegar nas coxas. Apertei os joelhos sentindo as bolinhas da superfície, desci pela panturrilha, o movimento um pouco travado por conta dos pelos por crescer. Mas, diante do pé, hesitei, não o toquei diretamente, não conseguiria lidar com sua materialidade.

“Covarde!”, eu podia ouvi-lo dizer com um risinho sardônico. Então, como que desafiada e orgulhosa, segurei-o firme com as duas mãos, o pulso acelerado, a respiração ofegante pela ousadia que eu sabia estar cometendo ao enfrentá-lo daquela maneira. Senti suas veias vibrando, a vida, a *minha* vida, nas minhas mãos. Foi a última vez que ouvi sua voz.

No dia seguinte, menstruei pela primeira vez. No banho, o sangue escorria pelas minhas pernas, desviando pelos joelhos e envolvendo meu pé. Aquele que pouco tempo antes eu descobrira meu. Que por tantos anos eu negligenciara, pisando descalça no chão, machucando-o nas farpas dos pisos de madeira, na aspereza dos asfaltos, lambuzando na terra molhada do quintal. E pensava que era só um pé.

Um pé, todo o significado da minha existência. Ali na minha frente, tão desvalorizado. E agora eu, sangrando, talvez por essa descoberta, talvez por uma questão orgânica apenas, senti meu corpo inteiro imerso num vermelho vivo, pulsante. Resquícios do que passou. Ou o anúncio do que estaria por vir.

Menstruar pela primeira vez não causou em mim o impacto da descoberta do dia anterior. Você se prepara para menstruar, sabe que, em algum momento, vai acontecer. Você não se prepara para

descobrir que tem um pé, que tem um corpo, que existe concretamente, que vai morrer. Aquele acontecimento foi a revelação de minha finitude, o entendimento de minha mortalidade, e não há como abandonar esse pensamento, ele se inscreveu em mim.

Por algum tempo, ainda que não tenha recebido a visita de meu pé estranho-conhecido, entrei em contato com um desconforto semelhante, de me sentir de fora, de sentir como se vivesse dentro de um sonho, de uma realidade paralela. Chamava a isso de “a sensação”. Sentia como se minha cabeça estivesse enfiada em um capacete com isolamento acústico, tátil, olfativo e eu não fosse capaz de encontrar qualquer ponto de fuga.

Era um fenômeno que aparecia em momentos aleatórios, descendo as escadas do metrô; de madrugada na cama; em lugares muito iluminados; no ônibus, quando pegava estrada; no alto de um viaduto; e por muitas e muitas vezes, ao olhar fixamente para minha imagem no espelho. Nunca fui capaz de digerir completamente esse se-ver-de-fora-estando-dentro, de contar com explicações racionais para entender o que havia por trás dessa sensação; era um pouco como não entender a morte, para onde vai aquilo que anima e dá a vida.

Alguns anos mais tarde, durante as aulas de psicanálise, entrei em contato com o termo *Das Unheimliche* de Freud, algo como “o inquietante”, que explica justamente essa sensação de estranheza e familiaridade. Será, então, que tudo aquilo se resumia a um termo em alemão que eu mal conseguia pronunciar? Contando o caso do pé e outros parecidos ao analista, ele logo batizou aquela sensação sem nome: despersonalização. O termo era mais apre-

sível do que o freudiano, mas, ainda assim, não me satisfiz a ideia de resumir minha angústia a um quadro fechado, com uma lista de sintomas a ser ticada e que me categorizava dentro de um espectro.

Já faz muito tempo que não sei o que é o *Das Unheimliche*, não é algo que eu consiga resgatar, nem quero fazê-lo. Também hoje já me acostumei a ter um pé, ele não me causa mais o mesmo espanto. Atualmente, olho-o apenas com desconfiança e admiração. Desconfiança, porque ele sempre me faz tropeçar e cair nos momentos mais inoportunos, na frente do prédio em que trabalho, na entrada de uma festa, em velórios e enterros, em almoços familiares, durante um flerte, nas escadas da faculdade; enfim, em qualquer situação em que torcer o pé significa constrangimento e risos contidos. Admiração, porque ele carrega em si todo o significado de uma descoberta, muito mais profunda do que eu mesma pude entender na época.

Agora, estranho, contrariando o padrão de pensamento dos últimos anos, olho meu pé e penso: vou morrer. Vejo uma fenda se abrir no tempo, no interior da memória, me conduzindo, mais uma vez, à mesma descoberta.

“Voltei”, ouço uma voz.

.....
Talita Lilla (talitalilla@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1992. É formada em Letras pela FFLCH/USP. Fez iniciação científica sobre o livro *L'Amant*, de Marguerite Duras. Atualmente, é mestranda na mesma instituição, investigando a obra do poeta Miguel Torga.

Sopro

Roberta Paixão

Lívia está em dúvida entre o Matte Leão com ou sem limão. Ela queima a pele só do lado esquerdo, de onde vem o sol de janeiro após o meio-dia, na Barra da Tijuca. O vento empurra uma dezena de homens fortes, uns barrigudos, mas fortes, para voarem em kites — vez ou outra, fazem sombra, diga-se, bem-vinda, no rosto de Lívia. Ela também se protege com o livro aberto, as duas mãos bem acima do rosto, empurrando as 300 e poucas páginas para o alto. Braços esticados, Lívia pensa, sustentando, duas vantagens da posição esdrúxula. Avançar na leitura do livro recém-começado; e um atestado da própria estupidez: tonificar os braços.

Ela escolhe o mate com limão. Apenas um tiquinho, por favor, é bom para evitar resfriado. O uniforme novo do vendedor, de cor laranja, cega os olhos de Lívia por dois minutos. O bastante para não ver quando ele sorri sem os dois molares e entrega o troco de cinco reais, em duas notas e uma moeda. Lívia interrompe a leitura no meio do capítulo, se perde e gasta tempo procurando a última frase. Olha para o mar mexido, e a irritação acaba.

A mãe de Artur teve câncer. Caralho, só no meio do livro descubro por que ele plantou maconha em Porto Alegre; a escritora tinha dito em outra parte, e eu não vi? Lívia folheia, mas não encontra qualquer referência anterior. Com a descoberta, aventa a possibilidade de Artur estar em fuga nos Estados Unidos, um exílio do século XXI: não como perseguido político, mas exilado maconeiro. Veja, os Estados Unidos não concederam asilo a políticos na época dos milicos, mas dariam hoje a Artur? Ele é um mero professor de história, plantador de maconha, com o fim de aliviar as dores da mãe com câncer, e denunciado à polícia pelo vizinho. Pouco provável na Era Trump. Lívia gostaria de dispor da tecla forward no livro para saber o motivo de Artur estar em um lugarejo desconhecido na costa noroeste americana. A história dá voltas, parece uma viagem em câmera lenta.

O negócio é ler mais um capítulo, enquanto não vira um cozido sob o sol. Mas ela é interrompida pela curiosidade. Pai, pai, posso comprar um picolé? Pode, só mais um. Amor, olha que canga linda. Você acha que devo experimentar este vestidinho azul cor-de-água? Não sei, querida, é bonito, quanto custa? Acho que prefiro o azul-escuro. Moço, quero este e este também. Lívia investiga o rosto do marido. Deve ter uns 52 anos, gosta de praia, dá para ver no bronzado, mas, pelo sotaque da família, mora no interior de Minas. Sem sorrir nem resmungar, estica o braço e dá 100 reais com a expectativa de ter algumas notas de volta. Até teve, mas foram três de dois reais. Ele fica com a mão pendurada no ar e as cédulas azuis entre o indicador e o dedo do meio, e só volta a si quando um filho grita pai, para acompanhá-lo até o mar. Por um

instante, apenas unzinho, ele tinha ido para uma praia deserta com dançarinas de ula-ula, quem sabe, moços com músculos torneados no abdômen e nos bíceps, brilhantes e cor de mogno graças ao Australian Gold espalhado pelo corpo.

Verão passado ela estava em Zuriq, juntou férias vencidas com uma reunião da firma de advocacia onde trabalha desde a formatura na PUC. Não é advogada, mas administradora de empresas. Sabe como é, advogado conhece as leis, mas é ruim de conta. Lívia virou administradora financeira da Prestes & Coutinho Associados, após um estágio de dois anos. O cargo tem nome bonito, mas não vale muito. Ela não tem equipe, o que a faz chefe de si mesma. O salário paga os boletos e compra os três terminhos anuais, preto, marinho e bege, revezados ao longo da semana e lavados aos sábados na 5-à-sec da Nossa Senhora de Copacabana. O sonho de conhecer as torres europeias, Eiffel-Pisa-BigBen, vai ficar para um futuro além do horizonte azul, quase transparente, à frente. O trocado ganho como professora assistente da Estácio, em Nova Iguaçu, proporciona duas idas ao cinema e ao restaurante.

Uma baleia? As kites vão bater. Cuidado. As kites... Ai, que susto. Lívia desperta do pensamento e é devolvida para areia da praia, onde o corpo, um pouquinho acima do peso, está sentado em posição de índio. Um menino pelado passa correndo atrás de uma bola, enquanto a mãe chama Bibi, cuidado, você vai jogar areia na moça; desculpe, moça, sabe como são as crianças. Lívia levanta, se sacode, puxa um sorriso a fórceps e tem vontade de responder não sei como elas são, minha senhora, seu filho é mal-educado. Mas fica no tudo-bem-acontece. Lívia foi filha e neta única por 20 anos,

até o pai reproduzir com Carmelita e nascer Esmeralda. O nome é este mesmo. A mulher nova do pai é uma hippie moderninha que gosta de fazer dieta da lua de segunda a sexta, mas cai de boca no brie com damasco e degusta (forma de mostrar o eno-conhecimento adquirido em três aulas na internet) um Carménère. Frescobol é o fim da picada. Ajuda a malhar o braço e as pernas, mas, a cada silêncio da bolinha de borracha, Lívia pressente a possível pancada em suas costas. Fica alerta.

Deitada na areia, está em posição de esfinge, com o livro nas mãos, virada para a areia e fazendo sombra com a cabeça sobre as páginas, para facilitar a leitura. Mas não consegue se concentrar. Lembra que precisa ligar para Babete, tinha prometido um açaí, em Ipanema, para que ela contasse como tinha sido o término do namoro. Ai, saco, ela resmunga. Lívia conhece Babete muito bem, desde a quarta série, quando a menina de maria-chiquinhas, vinda do Mato Grosso, entrou pela porta da sala e se sentou na primeira fila. Este açaí durará o fim de tarde e mais um pouco da noite. Terá choro, risada descontrolada, lamentos e terminará com é um canalha, nunca mais vou querer ter um relacionamento. Promessa que durará até o próximo almofadinha com as iniciais (no mínimo, três) na camisa social da Thomas Pink, complementada pela Montblanc no bolso e o Rolex de fundo azul-marinho no pulso direito. Não dá para mentir que Lívia também se apaixonou certa vez por um Rodolfo Henrique, mas foi por pouco tempo. Ela prefere os surfistas de mechas parafinadas, como aquele ali fazendo alongamento.

A bateria do celular está em 1%. É melhor não ligar para desmarcar com Babete. Deixa pra lá. Solta os cabelos e anda até

o mar. A parte de trás do biquíni de lacinho entra de um lado, ela puxa para o lugar. Não tem jeito, entra de novo. Mergulha. Molhado, o tecido adere melhor. Fura de cabeça as ondas. Uma atrás da outra. A brisa pesa a maresia. Cheiro de peixe, gosto de sal, ardido nos olhos. Uma onda maior. Afunda, afunda. Espuma, areia, cabelos embolados. Ela se levanta, enquanto o mundo gira para um lado e para o outro. O sutiã de cortininha está estrábico. Lívia cambaleia, mas se ajeita. Corre para a onda que vai estourar e mergulha. Ninguém viu a seminudez.

É impressionante como tem corpo perfeito nessa cidade. Até mulher de 60 mantém a pele sem dobrinhas. Lívia vê tudo, mas não chega a se envergonhar com os quilos a mais e buraquinhos nas coxas pressionadas contra a cadeira. Ainda é ágil e durinha, o que permite um, apenas um, Chicabon. Quanto é, moço? Pra moça bonita, 10 reais. Nossa, imagina se eu tivesse uma verruga no queixo. Me dá um, por favor. Lívia acelera as lambidas em uma corrida contra o calor e o vento que fazem o picolé desfalecer e respingar na barriga, pernas e braços, da mesma maneira que acontecia quando ela tinha 5 anos e ia à praia com o pai e o irmão. Lívia ri.

Outro vento, e o vapor do queijo coalho, meio defumado, invade as narinas. Lívia vira para um lado, se torce para o outro, mas não encontra o vendedor. Ele está agachado entre duas barracas e abana o carvão dentro da caixinha de alumínio, uma mini-churrasqueira que lembra uma assadeira. Ela o avista ao se levantar e esticar o pescoço. Desiste de comprar ao ouvir o freguês pedir o molho de alho. Só de imaginar o alho descendo pelo esôfago, fica com náuseas. Um picolé de limão passaria o enjoo.

Receita de mãe para a filha enjoada. Talvez sofresse do labirinto quando pequena, ou era tonta mesmo. Esquece o picolé de limão. Parece que não mas tem calorias hiperbólicas. É o açúcar. Melhor voltar ao livro. Pega o calhamaço e se deita de bruços para queimar as costas. A saga da maconha ou a história da maconha poderia ser o nome do livro. Óbvio demais. O título escolhido é mais dichavado, O Clube dos Jardineiros da Fumaça — uma boa imagem, mas um tanto hermética. Sucolé, sucolé de maracujá, açai, morango, uva. Sucolé? Era Sacolé até outro dia. Mudaram o nome do gelinho, em uma nova estratégia de marketing praiano.

Lívia pega no sono. O sol é um perigo a 40 graus, às 3 da tarde, mesmo com a barraca e a pasta de protetor. Assobio. Ela baba. Ô, ô camarão torrãozinho, grito, acorda. Nada. Ela está cansada. Tinha dormido pouco; ficou no escritório até tarde, só pode. Gosta de trabalhar. Menina, não se dorme na areia, ou vai morrer na praia. Ditadinho besta, mas funciona. Um labrador de uns três anos destrambelha em fuga e tropeça em Lívia. Ela pula e dá para eu ver a metade branca e a outra vermelha no rosto, uma bandeira do Canadá invertida. Em vez de xingar, resmunga. O cachorrinho é tão bonitinho. Cadê sua dona? Surge uma loura com tatuagens tribais nos braços e pernas: Gabriel, aiaiai, não pode sair de perto da mamãe, tem lobo mau por aí. Lívia vira-se, sentindo o prazer de ser a própria loba má.

Quando ela pensa que nada mais vai acontecer, um alvoroço à beira do mar. O homem de sunga branca balança os braços acima da cabeça e grita para alguém voltar do fundo. Lívia não enxerga, mas uma cabecinha com cabelos, parecem encaracolados, sim, en-

caracolados, se mistura à espuma. Afunda e levanta, afunda e levanta até desaparecer. Dois salva-vidas correm desde lá de cima da areia fofa, mergulham, atravessam as ondas, atravessam mais ondas, abraçam o mar, mas está difícil. Avançam um pouco, mas recuam mais do que esse pouco. O tutututu do helicóptero se aproxima. Outro salva-vidas está pendurado na corda. Ele raspa os pés no mar. Um pouco mais para direita, Lívia fala baixinho. A afogada se debate, está cansada. Quanto tempo aguentará? O helicóptero chega perto, está quase lá. A cabecinha desaparece. O salva-vidas puxa o ar e mergulha. Some. As ondas se debatem. O salva-vidas volta, enche os pulmões e afunda. O helicóptero sobrevoa, as hélices produzem vento que remexem a água. Olha, o salva-vidas. Parece que carrega a mulher pelo torso, o braço dele é uma boia. Escorrega e desaparece. Ele mergulha, vejo quando os pés somem. Um minuto. Dizem que o ser humano aguenta ficar no máximo cinco minutos dentro do líquido, sem respirar, mas, para mim, três, quatro minutos são recorde do tipo Jacques Cousteau. Três minutos. Eles vão morrer, disse Lívia, eles vão. Ressurgem na imensidão. A mulher é colocada no cesto do helicóptero e levada para a beira do mar, o salva-vidas retorna, pendurado em uma boia.

Morreu?, a senhora ao lado pergunta, sem se levantar da cadeira. Lívia não sabe. Pessoas fazem um círculo em volta do corpo que deve estar recebendo massagem cardíaca e, com sorte, cuspidando a água salgada dos pulmões. Ainda de pé, o marido de sunga branca vê tudo, sem enxergar. Deve pensar: o que farei com a viagem para Cancún no Carnaval, com dez parcelas para pagar, caso ela, você sabe, não volte? A ambulância chega. Quando uma

ambulância chega é um bom sinal? Às vezes, não. Pode só fazer o papel do rabeção.

Lívia guarda a canga na bolsa, calça as havaianas, recolhe o papel do Chicabon. Cruza a areia quente até a calçada, onde sacode os pés para se limpar. As portas da ambulância batem, ela escuta. A sirene é ligada. Lívia respira aliviada.

Roberta Paixão (robertapaixao@gmail.com) nasceu no Rio de Janeiro, em 1971 é Formada em Jornalismo pela PUC-Rio, foi repórter em veículos como *O Dia* e *Veja* e é mestre em Marketing pela University of Westminster. Há 17 anos, mudou-se para São Paulo, onde teve os três filhos e fundou a Espalhe Marketing de Guerrilha, vendida para a Publicis em 2013. Recentemente, inaugurou a Livraria Mandarina com a amiga Daniela Amendola. Dá aula de literatura na Universidade da Terceira Idade da PUC-SP.

Sopa de palavras encantadas

Flávia Teodoro Alves

Para Geruza Zelnys

Cereja que rola não cria limo. Então eu não paro de rolar, mesmo que agora eu tenha pernas. Eu estava perambulando pelo vilarejo, quando percebi que minha barriga estava roncando. Que mania o ser humano tem de sentir fome a toda hora! Quando avistei uma portinha pequenina, com um cavalete na calçada, cocei os olhos para ter certeza de que não era miragem:

Aqueça seu inverno

Sopa

De

Palavras

Encantadas

(Menu único)

É, isso pode ser gostoso. Foi o que eu pensei na hora. Já tinha ouvido falar de sopa de letrinhas, e me parecia uma ideia muito boa que as letras pudessem flutuar livremente, em vez de ficarem paradas nos livros.

Lá dentro era tão aconchegante quanto de fora parecia ser. Paredes brancas, toalha xadrez, mesas e cadeiras dispostas em círculo. Estiquei o pescoço e vi que não tinha cozinha separada. Será que ela ia cozinhar na frente de todo mundo? No centro tinha um caldeirão embaixo de uma fogueira elétrica e a chef, com enormes olhos cor de âmbar e cabelos de serpentes vivas. Eu tinha acabado de ler a história da Medusa e tomei um susto. Primeiro, vi seus olhos; depois, os cabelos. Ai, socorro! Não estou preparada para ser uma pedra! Depois do susto, pensei melhor: que eu saiba, pedra não pensa nem faz drama. Me apalpei e vi que eu ainda era uma cereja humana viva. A curiosidade matou o gato, não a Cerejinha.

Depois, percebi que as cobras eram fanfarronas. Davam gargalhadas altíssimas, mordiam uma a cabeça da outra e diziam:

— Desculpa, pensei que fosse meu rabo! Hahaha!

A chef não era uma pessoa só. Era uma comunidade inteira em cima daquela cabeça. Seu semblante era doce e o sorriso, largo. Em nada parecia monstruosa.

— Oi, eu sou a Geduza, já me apresentei? Tome um lugar para você!

Já sentada, percebi mais detalhes do caldeirão, feito de barro e todo riscado com figuras de triângulos e círculos.

— Bonito, né? Comprei no Ver-o-Peso. Ah, alguém quer passar o perfume da bota rosa? Eu também trouxe de lá!

— Bôta rosa? — Perguntou uma das pessoas presentes.

— Bôta, não, Bôta! Com o ‘o’ fechado.

— Aaaaaaah, bôta rosa!

Eu não sabia que existia perfume de boto. Gostaria mesmo era de saber o que meus amigos botos da Praia do Sal acham disso. As cobrinhas endiabradas da cabeça de Geduza, porém, interromperam meus pensamentos:

— PassaPassaPassaPassaPassaPassa!

Abri a tampinha e rodei o frasco ao redor do nariz. Até que era cheirosinho.

— Quietas, suas demônias! — Geduza repreendeu as serpentes. — O que a aflige, Cabelos Rosados?

Eu não sabia o que dizer. Se eu dissesse que conheço todos os botos que circulam entre o rio Davi, o Mangue Doce e a Praia do Sal, e que me sentiria mal em saber que parentes deles estavam sendo mortos para virarem perfuminho para humanos, todo mundo ia rir da minha cara, ou me internar. Dei uma risadinha sem graça:

— É que eu sou vegana! — Essa não colou nem para mim.

— Fique tranquila, Cabelos Rosados! Isso é um preparado de ervas do Pará. Perfume da bôta rosa é nome fantasia! Posso? — disse a feiticeira de olhos enormes, fazendo menção de passar o perfume em mim.

Fiz que sim com a cabeça. Ela esfregou debaixo das minhas orelhas:

— Pronto, Cabelos Rosados!

— O que esse perfume faz? — perguntei.

— Nada de mais, só deixa cheiro bom mesmo!

Enquanto Geduza e suas serpentes circulavam pela mesa passando o perfume da Bôta Rosa nos presentes, comecei a reparar nas outras criaturas que lá estavam. Algumas, à vontade, até conversavam com as serpentes da cabeça de Geduza. Outras, com a mesma expressão de ‘o que é que tá acontecendo aqui?’, que provavelmente eu também estava deixando transparecer. Geduza começou a falar:

— Bem-vindos ao único restaurante do mundo em que os clientes também são ingredientes!

Esse papo me lembrou do tempo em que eu fugia a todo custo me tornar comida. Não importa o que aconteça, vez ou outra ajo como uma frutinha medrosa, mesmo que agora eu seja uma pessoinha. Depois, percebi que não existia motivo para preocupações.

— O caldo para Sopa de Palavras Encantadas está pronto e borbulhante. Vai reagir com os ingredientes que vocês tiverem!

— Mas eu não trouxe nada! E agora? — Vários presentes questionaram.

Imagino que entraram de gaiato nesse restaurante, do mesmo jeito que eu. Também estava com essa dúvida, mas fiquei bem quieta, só observando.

— Relaxa, turma! É uma sopa de *palavras*. O que vocês gostariam de contar? Dores? Amores? Aventuras? Tédio? Não importa quão amargo ou azedo for o gosto da sua história, vai reagir com o caldo encantado e vai ficar gostoso!

— E do que é feito esse caldo? — alguém perguntou.

— De galáxia derretida. O que vocês querem oferecer ao universo?

As serpentes pararam com a agitação a que eu já estava habituada. Elas se alinharam, e começaram a balançar sincronizadas, fazendo coro para a última palavra proferida por Geduza:

— Univeeeerso... Univeeeerso... Univeeeerso...

Percebi que as serpentes, de malucas, não tinham nada, só se faziam. Aos poucos, fomos hipnotizados. Ninguém estava preocupado ainda. Parece que cada um sabia exatamente o que jogar no caldeirão, no exato momento em que parou de pensar. Pelo menos foi o que aconteceu comigo. Acho que com os outros também, porque todos os presentes começaram a se levantar e jogar no caldeirão tudo quanto era coisa: disco do Caetano Veloso, um emaranhado de estrelas, uma tempestade saída de um sobretudo, um frasco de azul de metileno, até um coração estropiado.

Eu joguei o restinho do pó da Nuvem Rosa, resultado da Dança Doce com o Torrão. Açúcar e glitter. A gente aprontou cada uma com esses dois ingredientes! Devia servir para a sopa. Já fazia algum tempo que ele morava na porção temperada da Floresta Doce, para lá das montanhas. Talvez até tenha mudado de nome. Depois de algum tempo como andarilha na outra margem do rio Davi, comecei a me sentir uma cereja madura, e certas nostalgias pesam. Foi aí que decidi transformar minhas aventuras com meu amigo Torrão de Açúcar em encantamento.

Com os ingredientes adicionados, Geduza passou a mexer o caldeirão cantando uma canção engraçada. Disse que era para dar

ritmo às mexidas. Quando me dei conta, estávamos todos cantando e batendo palmas. A vibração da música enchendo o ambiente, o perfume delicioso que saía do caldeirão... Acho que eu fiquei *mucho loca* com aquela brisa toda. Com a Sopa de Palavras Encantadas pronta, paramos em fila em frente ao caldeirão, segurando as cumbucas, sem colher. As estrelas borbulhavam naquele caldo viscoso.

Cada um recebeu transformado aquilo que ofereceu: o disco do Caetano virou uma escultura de um oroboro; as estrelas embo-ladas, um colar de diamantes; a tempestade de lágrimas virou uma gargalhada; o metileno virou uma peruca azul; e o coração estro-piado voltou novinho em folha, brilhando em fogo.

Já recebi um livro vermelho, da minha cor de cereja. As letras da capa, em clichê dourado, anunciavam: *As aventuras de Cerejinha e Torrão de Açúcar*. Quando abri o livro, porém, as folhas estavam em branco. Eu devo ter feito uma cara péssima, porque Geduza se aproximou:

— Cabelos Rosados, não gostou do que recebeu?

— Gostei, sim, mas é que eu não entendi.

— Deixe-me ver. “As Aventuras de Cerejinha e Torrão de Açúcar”. Nome bonito nessas letras douradas...

— Cerejinha! Cerejinha! Cerejinha! Cerejinha é ela! Não pode ser! Claro que pode! Tá louca, Cereja não tem perna! Lógico que é ela!

— Xiu, quietas! — Geduza pensou um pouco, e continuou:.

— Mas elas têm razão! É claro que você é a Cerejinha! Olha esses

cabelos, parece uma cerejeira em flor! Se você é a Cerejinha, isso faz toda a diferença!

— Como assim? Não veio de uma Sopa de Palavras Encantadas? Cadê as palavras?

— Cerejinha, isso não é um livro ainda, é um caderno.

— Mas por que um caderno? Cereja não vai à escola!

— Se você entrou aqui, as palavras a atraem. Você sabe ler?

— Aprendi um pouco. Depois, me acostumei a pegar livros na biblioteca do Bernardo Floresta, na caverna.

— E escrever, você sabe?

— Só escrevia bilhetes para me comunicar com meu amigo Torrão.

— Então, você consegue! Se você recebeu essas folhas em branco, é porque as palavras devem ser suas. É seu trabalho escrever.

— Beba o caldo! — As serpentes não paravam de tagarelar.

— Elas têm razão, Cerejinha! Beba o caldo antes que esfrie! É bom para se recompor, agora que você vai começar a aventura da escrita.

— Sua sopa de palavras encantadas vai me trazer inspiração?

— Na verdade, o encantamento é seu! Eu sou só uma cozinheira com cabelos de cobra! A única coisa que faço é juntar os ingredientes que vocês trazem.

Senti o universo ainda quentinho descer pela garganta.

.....
Flávia Teodoro Alves (flaviastrogildo@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1982. Arte-educadora e atriz, é o duplo humano que a Cerejinha encontrou pra escrever suas histórias. Leciona Artes na rede municipal de São Paulo em turmas de EJA e é mestre em Artes e Educação pela Unesp.

Nice

Daniela Sequeira

Já vai pra quase cinco meses. Que aperto no peito. A mão chegava a inchar de nervoso. Não dava pra esquecer aquela sexta... Tremia ainda só de lembrar. Muito barulho, tudo confuso, a pressão subindo de nervoso. A filha gritava, mas não dava pra entender. O irmão mandando mensagens sem parar, confuso. Uma na outra, uma na outra, mas a angústia era tanta que já nem entendia mais. Polícia na casa de mainha levando Richard. Por quê? Não entendia nada, só chorava de aflição, baixinho, no banheirinho. *Repete, Kelly, não tô te entendendo.* Só de lembrar o rosto ficava quente, molhado. *Se dona Julianna entrar, vou dizer que é a cebola.* Achou melhor não contar pros patrões o que tinha acontecido com o filho. *Vão achar que ele não presta, mas eu sei que ele é um bom menino. Fez besteira, mas é bom. Eu sei.*

Cinco anos já em São Paulo dessa vez, sempre fazendo de tudo pra mandar dinheiro pra mainha e pros filhos. Chorava sozinha de saudade. Também não gostava do frio daqui. Mas, chuva ou sol, estava lá ela, alerta e afiada, esperando pelo ônibus das 5 da manhã. Casa de família, necessidade, chateação, humilhação.

Os três meninos com mainha, *mas pr'uma vida melhor, eu sei que é. Aqui tem mais chance, mais oportunidade.* Na Bahia, a única possibilidade de emprego bom era na fábrica de chinelos. Que fechou. Tinha muita pousadinha e hotel perto da cidade, mas o pessoal era muito safado. O dinheiro era muito pouco pelo tanto de trabalho. Mainha mesmo passou agorinha um final de semana inteiro lavando toalha do clube da cidade por menos de 50 reais. Tudo lavado na mão. *Tudo safado.* O irmão dirigia perua escolar pra prefeitura, mas não era sempre que o dinheiro entrava. Kelly sonhava em ser modelo, queria conhecer São Paulo, achava que tinha mais chance de trabalhar aqui. Agora, tem menino na barriga. Havia sonhado tanto com um futuro diferente pra filha, mas depois da confusão com Richard ela acabou se consolando com o vizinho. Não deu outra. Como se já não fosse tanta coisa na vida. O vizinho agora dava pra dizer que só tinha saído com ela uma vez, que a filha é que era oferecida. Kelly ligava chorando pra mãe. *Se eu pego esse moleque,* dizia Nice. *Não chore não, minha filha, pra tudo se dá um jeito.*

O pai dos meninos tinha jogado a culpa nela. *Traste.* Quando ela ligou pra pedir ajuda, foi só isso que ele repetia. *Não foi você que abandonou os filhos pra fazer vida em São Paulo? Agora, agente!,* ele disse. *Vagabundo.* Mas era melhor mesmo que ficasse longe. Dele, da mão pesada, da bebida. *Nunca cuidou dos meninos, mesmo.* Só ficava danada porque ele agora tinha se engraçado com uma talzinha lá em Brasília e ajudava a tal a criar os filhos dela. *Desgramento.*

A cabeça toda bagunçada e o celular apitou uma mensagem. Desligou a panela e correu pra ver. Era Aprigio. Coisa boa. *Tudo certo, morena?* Aprigio era homem bom, honesto. Mais novo, cheio de chamego. Trabalhava em obra grande, dessas que a gente nem consegue entender pra que tanto fio. *Tudo. E c vc? tô cozinhando, escrevo mais depois. Bj.* Pensar nele era bom. Ele levava ela pra dançar, viam filmes na TV juntos, compravam pizza na padaria. Era bom. A mãe dele também era trabalhadora, também teve que dar conta dos filhos sozinha. *Tem homem que sabe dar valor.*

O cheiro de panela quase queimando a tirou dos pensamentos. *Ai, dona Julianna me mata se o almoço não ficar pronto na hora.* Colocou um pouquinho de água, mexeu com força e o recheio da torta se aquietou. Hoje a patroa ia ter as amigas do clube de convidadas. Voltou pros pensamentos. *Será que o advogado já viu Richard?*

Tinha feito o possível e o impossível para conseguir um advogado pro filho. O irmão tinha recomendado o doutor Moacir, advogado conhecido da cidade. Ela conseguiu empréstimo no banco, juntou com o que tinha e agora só podia esperar. O doutor tinha explicado que ia tentar convencer o juiz que a pouca idade de Richard ajudava a entender o ocorrido, que ele merecia uma segunda chance. Disse que a surra que ele levou no dia da prisão também ia ajudar a mostrar que tinha coisa errada ali. Falou de correedoria, mas ela não entendeu. Na verdade, fazia força pra entender tudo aquilo, um pesadelo. Menino criado com amor. Sempre teve tudo o que ela podia dar. *Uma vida tão melhor que a minha.* Tinha

mimado muito, se culpava. Richard achava que o mundo era dele, que podia tudo. No bendito dia inventou de caçar com o tio e os primos. Espingarda feita em casa. Coisa de menino. Veio um homem dizendo que ia denunciar os três. O tio desafiou Richard. E pá. Um tiro na nuca no homem de joelhos. Nice só dormia chorando desde então. O peito apertava, faltava ar. *Como o meu menino, no meio de tanta gente que não presta? O que iam fazer com ele?* O filho tinha aprendido a lição. Chorou mais de uma vez com ela no celular. *Me desculpe, mainha...*

O celular tocou em cima da pia.

.....

Daniela Sequeira nasceu em São Paulo, em 1979. cursou Ciências Sociais, fez mestrado em Ciência Política e trabalhou em ONGs e em órgãos governamentais em pesquisas e projetos sobre juventude e violência de gênero. Aos 30 anos assumiu seu amor pela literatura e decidiu cursar Letras. Trabalha como tradutora e intérprete desde 2010.

No nome de quem?

Louise Belmonte

Você sabe que vai acabar, né?

Talvez assim devesse começar toda história de amor. Ouço essa voz como um martelo na parte de trás da minha cabeça, como um zumbido para sempre presente, para sempre ignorado.

Estamos deitados em cima de um colchão de densidade média, nem muito mole, nem muito duro. Ele pergunta se vai amaciar com o tempo. Eu penso no tempo. Me viro para o lado e passo a mão no colchão. Fibra belga. Já não lembro mais em quantos colchões nos deitamos. Olho pro vendedor, japonês, cabelos grisalhos, e penso: é extremamente desconfortável ter uma conversa com um desconhecido enquanto você está deitado e ele, em pé.

O vendedor dá a entender, o tempo todo, que iremos morar juntos, dar o próximo passo. Não respondo a quaisquer das perguntas, deixo pra ele. Afinal, não vamos dar passo algum. Ele segura minha mão, enquanto estamos deitados no colchão. O vendedor não para de falar, nem por um instante. Pra quando consegue

entregar? Só para sexta, vocês têm urgência? Ele tem. Se conseguir entregar pra terça, a gente leva, eu digo.

O vendedor sai, dizendo: vou ver.

Ele me olha: você achou um preço bom? Não quero abusar da boa vontade do seu pai.

Não é abusar. Ele quer lhe dar um presente pra casa nova. Ele gosta de você.

Ele gosta de *você*, ele diz, rindo.

Isso não tem nada a ver comigo. Ele gosta muito de você.

Ele sorri.

Bom, não é como se você não fosse usufruir muito do presente.

Eu sorrio de volta.

Vou lá falar com o cara, tá?

Sento novamente no colchão. Estar cercada de tantos deles me faz sentir como se estivesse num outro mundo, num lugar um pouco irreal e um pouco ridículo. Penso: meu pai é quem vai dar o colchão da primeira casa deste homem. A palavra colchão também me parece ridícula. Toda a cena me parece ridícula. Eu o amo e tenho vontade de vomitar. Olho pra ele enquanto ele negocia com o vendedor; estamos juntos há alguns anos, e eu sou muito, muito jovem. Penso em quantos outros corpos se deitarão nesse colchão. Penso em como brincamos que somos muito bons de cama, e foi por isso que nos apaixonamos. Penso em quando transamos na sala e eu me vi no reflexo da varanda, o sol atingindo meu dorso, a mulher que não sou e sou eu. Penso que ali não havia colchão algum. Olho para o vendedor japonês, os cabelos

grisalhos, outros tempos. Penso e repenso em todos os meus medos, antigos, novos. Penso em quantas mulheres se deitarão no colchão no qual estou deitada agora. No colchão que eu ajudo a escolher. Penso na minha juventude. Penso nas mãos dele tocando em outros cabelos. Penso nas minhas mãos tocando em outros cabelos. Penso em outras mulheres dormindo sobre o colchão, o colchão no qual eu estou deitada, e passo a mão no colchão; a fibra belga e a densidade média, nos deitamos em cerca de catorze colchões, os nacionais, os importados, os franceses, pelo mesmo preço dos nacionais, penso em todas elas, todas, como serão elas?, para sempre a outra mulher, a incógnita, a rival e a heroína (não pode ter ódio), elas agarradas, jogadas, esparramadas, uma energia febril percorre meu tronco (não pode ter ódio), os cabelos suados, os pelos, penso nele, todas elas, eu, que sou e não sou elas, eu, ele, o colchão. Fico exausta.

Ele faz um sinal para que eu me aproxime do balcão do caixa. Enquanto o vendedor faz o cadastro, um carro passa, ao fundo, tocando um funk cuja letra é: sem fofoca, sem cutcharra, sem caô, sem mimimi, eu só quero te comer, eu não quero te iludir.

O cadastro é no nome de quem?, pergunta o vendedor.

No meu, respondo.

Ele faz todos os trâmites. Eu passo o cartão, no fim.

Preciso que você assine aqui, por favor.

Olho para ele, ao meu lado. Sua mão na minha perna. Penso que ele é uma pessoa prática, e não pensa em nada disso. Eu olho pro colchão, perdido entre o lago no qual estamos submersos, mas eu sei exatamente qual deles é.

Olho pra minha assinatura no papel e penso que, se os objetos têm alma, é como se eu estivesse um pouco eternizada, ali, costurada, entre e por baixo dos seus fios, das suas espumas.

Aperto sua mão.

Vamos?

.....

Louise Belmonte (lbparente@hotmail.com) nasceu em Brasília, em 1995. É formada em Comunicação Social, com ênfase em Cinema, pela FAAP. Escreveu e dirigiu o curta-metragem *La Mer*, selecionado para a Mostra de Cinema de Ouro Preto. Cursa a pós-graduação para Formação de Escritores no Instituto Vera Cruz. Trabalha como assistente de direção para teatro e cinema. *Primeira Pele* é seu primeiro romance.

A repetição, e o erro

Bruno Carrara

Maria Helena, uma amiga, me convenceu que ter filhos implica renunciar ao suicídio, à liberdade de pôr fim à própria vida. Imagine: trazer para o lado de cá alguém que não pediu e desejar-lhe muito boa sorte. Papai vai ali e já volta. Não, se os tenho, entrego o corpo à corrente imemorial da existência, e vai junto a soberania sobre mim, já não posso dexistir.

Está resolvido, aguardarei meu fim. “Viver é ser escravo, sem a liberdade de morrer”, disse Montaigne, mas “desde que julgemos ser a vida pior do que a morte”. Não é o caso — e com isso não faço um julgamento moral, desprezo qualquer tipo de caga-regras, quem quiser matar-se, por favor, o faça, mas longe de mim. É que tenho muito o que fazer com minha liberdade, sinto que cheguei no mundo ontem. Não gosto de quem sou hoje e acredito que possa ser um outro, de quem goste; mas os caminhos possíveis são longos e é curto o tempo. Está aí o problema:

não sei se consigo, nesse pedaço de vida que me falta, criar um filho e a mim mesmo.

Califórnia, 2009. O ano que mudou a minha vida. Chrysa e Adir, ela grega, ele israelense. Dylan tocando no apartamento da *Rua Spruce, 1856 — for the times they are a-changin*. Dylan, o insubordinado inventor de palavras. Eu, tão longe do Brasil, começava a enxergar os contornos do passado pela primeira vez — como alguém que tem o rosto muito próximo de uma pintura e começa a se afastar. Eu, sempre tão obediente, colocando em questão as narrativas que sustentavam minha vida até ali, experimentando coisas novas: Eu, o sexo sem culpa com a vizinha belga de olhos azuis do alojamento estudantil, as taças de vinho zinfandel, a música; Eu, as aulas de direito constitucional (há algo de romanesco em como se constrói o direito estadunidense), o diário de capa amarelo-mostarda, a maconha californiana; Eu, Adir e Chrysa. Ela extrovertida, dançando syrtaki na mesa de centro baixa da sala dele, ele e eu rindo de doer a cara, falando de Nietzsche, do nascimento da tragédia, olhando-a; ela mais dionísio, ele e eu mais apolo. E então penso no acaso, na sorte que tive de os encontrar, e sinto saudade daquele tempo. Penso também em quantas experiências possíveis existem em uma vida e na tragédia de não podermos vivê-las todas.

Estou sozinho no canto preferido do apartamento que divido com a mulher que eu amo: o escritório. À minha volta, ordem e uma doce tranquilidade. Os meus livros, as únicas coisas da casa que escolhi. Acendo um cigarro e passo muito tempo olhando-os, com o pensamento solto. Gosto de ficar assim. Às vezes sinto uma pequena descarga elétrica, um frio na barriga, só de pensar que posso pensar em qualquer coisa. Dou mais uma tragada no cigarro e sorrio, imerso no silêncio, o meu habitat natural. Minha mulher deve estar assistindo a algum filme no quarto de hóspedes, onde colocamos uma televisão.

A mulher que eu amo tem trinta e sete anos, assim como eu, e estamos juntos faz mais de três. Ela nunca *quis* ter filhos, até me conhecer. Ao menos é o que ela me diz, e minha sogra atesta. Alguém *normal* se sentiria feliz ou pelo menos manifestaria esse sentimento; eu, não. Há uns dois anos e meio, estávamos nus na banheira de hidromassagem de um bangalô no meio do mato, velas queimando, um jazz macio, taças de champagne à mão — a típica cena de um jovem casal sem filhos e apaixonado — quando surgiu o assunto filhos, ter ou não ter.

Supõe-se que o universo tenha surgido em uma grande explosão de átomos há aproximadamente treze bilhões e oitocentos milhões de anos. A explosão teria lançado uma quantidade inominável de energia e matéria pelo espaço, bilhões de átomos

colidindo uns com os outros, por tanto tempo, até que certas colisões produzissem estruturas mais complexas e estáveis, a ponto de existirem até hoje e merecerem um nome: as moléculas. Havia então certos encontros de átomos que não produziam nada duradouro, estável, e outros encontros que, repetidamente, produziam moléculas estáveis, que perduravam. Moléculas que encontravam outras moléculas e, com alguma sorte, geravam estruturas novas, mais complexas, estáveis. Alguma ordem ia se esboçando no caos. Em algum momento, um milagre: as colisões caóticas teriam criado uma estrutura capaz de se autorreproduzirem, de criarem seus próprios duplos, o ancestral do que conhecemos hoje por RNA. Mas o surgimento dessa molécula autorreprodutora não foi o maior milagre. Se tivéssemos parado por aí, você e eu não estaríamos aqui — tudo seria uma cópia da molécula original. Deve ter havido algum erro, no meio do caminho. Aliás, infinitos erros. Um processo de autorreprodução que não saiu conforme o plano, que *criou* algo, e outros tantos como esse, repetidos, imperfeitos — no início, era o erro. Não fui eu quem disse isso.

O que havia antes da explosão a imaginação humana ainda não foi capaz de conceber. Talvez o universo ou deus ou a substância infinitamente infinita, ao contrário do príncipe da Dinamarca, tenha decidido ser. Talvez Espinosa esteja certo quando diz “Unaquaeque res, quantum in se est, in suo esse perseverare conatur” (cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por

perseverar em seu ser). Talvez sejamos apenas modos de ser dessa substância infinitamente infinita, singulares graus de potência cumprindo esse mandamento inicial — existi —, talvez continuemos, sob uma forma mais complexa, aquele movimento original dos átomos após a explosão, buscando encontrar outros corpos que se conectem aos nossos, aumentem nossa potência, nos tornem alegres, ainda que somente por alguns instantes. Talvez a pulsão de ter filhos decorra dessa vontade universal de existir; talvez alguns vejam suas crianças como uma extensão de si próprios, um passaporte para a eternidade.

Por muito tempo, tive certeza de que teria três filhos, assim como meus pais tiveram três filhos: Eu e mais dois meninos. Parecia natural continuar reproduzindo a vida que eu conhecera com eles. Mas aí fiquei adulto, e, em algum momento, duvidei. Descobri que era uma pessoa muito diferente da que gostaria de ser — um advogado, e não um artista — e fui me apegando demais a esse mim mesmo virtual. A dúvida é um corpo estranho que minha cabeça tenta expelir a todo custo, um desarranjo.

Maria Helena preferiu não ter filhos; eu ainda não sei. Os filósofos pragmatistas dizem que, diante da dúvida, é preciso experimentar. É uma pena que não seja possível *experimentar* ter e

não ter filhos, para depois decidir entre um e outro. A não ser que. A não ser que eu experimente ficcionalmente, em um romance, se é que isso é possível. Sinto que estou por fazer-me, desejo ser o máximo possível, não abstratamente, ser por ser, mas ser concretamente, criar: a arte existe porque a vida não basta, disse o Ferreira Gullar, e disse tão bem que aqui repito. Escolho ser. Mas isso não resolve o problema. Ser o quê, quem, eis a questão. O cardápio é infinito, o tempo, não: foi um dia inteiro só para escrever esse parágrafo.

Entre uma palavra e outra ele enxerga dois olhinhos ainda fechados, as pálpebras gordinhas, a criança dormindo no colo da mãe em um quarto branco. Chega mais perto, na ponta dos pés, a mãe continua olhando a criança e a embala, não parece tê-lo notado. Ele fica ali, olhando aqueles olhinhos por muito tempo, imaginando de que cor poderão vir a ser.

.....
Bruno Carrara (bredda.carrara@gmail.com) nasceu em 1982. Formou-se em Direito pela USP e fez mestrado na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Exerce a advocacia.

Querido Llosa

Flavia Amâncio

Estacionei e reparei, pela primeira vez, o pequeno jardim na frente da casa dele. Havia mudas de flores em torno de uma palmeira plantada no centro sobre uma base de pedras brancas, bem cuidadas.

Fiquei um bom tempo parado, imaginando se deveria entrar. Quando resolvi sair do carro, olhei de soslaio e vi que ele se aproximava pela calçada, sorriu para mim e eu baixei os olhos. Antes que dissesse alguma coisa, perguntou: será que tem café nesta casa?

Ele sorriu novamente e estendeu a mão, dando-me passagem pela porta aberta. Fomos direto para a cozinha. Ele se movimentava graciosamente entre chaleiras, xícaras e talheres.

Percebeu que eu o observava e continuou fazendo o café, ambos em silêncio, com raros encontros de olhares. Deu um gole no café e seguiu para dentro da casa para pegar um documento. Fui atrás e nos encontramos no corredor. Olhamo-nos fixamente e, ainda sem dizer uma palavra, entramos na intimidade de um quarto escuro. Senti um sussurro no ouvido. Acordei.

O relógio marcava cinco horas da manhã.

Como de costume, tomei uma ducha fria, me arrumei e li algumas correspondências.

Entrei no escritório e peguei a carta.

Fui à casa de Llosa. Disse que deixaria um envelope para ele no escritório, e Patrícia, gentilmente, me acompanhou. Abriu as cortinas, e a claridade preencheu o ambiente. Minha primeira reação foi olhar a poltrona preta de couro gasto, que ele tanto adorava. Poderia vê-lo ali, sentado. O lugar tinha um aroma de livros envelhecidos pelo tempo, meu favorito.

Coloquei a carta sobre a mesa, presa a um jabuti de ferro, e fui à cozinha tomar café com Patrícia. Ela estava mais atenciosa do que de costume. Sentou-se bem próxima a mim. Queixou-se do marido, das ausências, do excesso de trabalho e da solidão. O sol já ocupava todo o ambiente quando me levantei e disse que estava na hora da minha aula. Patrícia levantou-se em seguida, passou a mão direita pelo meu rosto, agradeceu minha amizade e me beijou na boca.

Ouvi um barulho vindo da porta da cozinha; assustado, fui até ela e a abri. Vi um vulto correndo pela casa. Sabia quem era. Um carro de som passou na rua com uma música alta e não ouvi o que Patrícia me dissera. Saí às pressas, pisando no jardim, esmagando plantas, sem entender direito o que havia acontecido.

Na universidade, durante as aulas, me desliguei de toda a confusão daquela manhã. Caminhando com alguns colegas pelo corredor, vejo Llosa com semblante duro e de musculatura contraída

vindo na minha direção. Teria ele lido minha carta? (O medo percorria todo meu corpo. Poderia eu colocar a culpa nas palavras?)

De repente, o punho dele, fechado, acertou meu olho esquerdo. “Isso é pelo que você disse a Patrícia”.

Nos olhamos por instantes, em silêncio, e quando me virei vi Fonchito no fundo do corredor. Peguei meus papéis no chão e caminhei em direção à garagem. Queria pegar o carro e ir para longe.

— Não se arrepende, Fonchito? — perguntou Patrícia, enquanto arrumava a confusão de roupas e acessórios jogados no quarto do menino.

— Me arrepender? Espantou-se. Mas de quê, mãe?

Ela virou-se de costas para fechar a porta e impedir que fossem surpreendidos por algum empregado. Fonchito sentou-se na cama para tirar o pijama e Patrícia reparou como seu corpo era franzino.

— Não se faça de desentendido, menino. Sei que tem algo a ver com toda essa confusão envolvendo seu pai e Gabo. São melhores amigos, Fonchito. Como pôde?

Fonchito se jogou para trás numa gargalhada alta e descontraída como se fosse o único a enxergar em meio à cegueira.

Com um sorriso largo, respondeu: juro, mãe. Não sei de nada. E continuou a rir. Irritada, Patrícia largou no chão a roupa que segurava e saiu do quarto batendo a porta.

Fonchito era afilhado de Gabo e desde muito pequeno acompanhava o pai e o padrinho em suas leituras. Adorava inventar histórias e tinha interesse pelas palavras. Em reuniões a portas fechadas, ficava a observar tudo pela fechadura da porta. Essa mania por vezes incomodava o pai, que se lembrava de que era apenas um menino, um menino curioso, sorria e relevava.

— Onde está o Sr. Llosa? Patrícia perguntou à empregada.

— No escritório.

Patrícia entrou, sem bater, e viu Llosa de pé, segurando a carta de Gabo.

Querido Llosa,

Há tanta coisa que quero lhe dizer, mas não sei por onde começar. Antes de você eu pensava que deveria me conformar com os ventos da minha rua.

A chegada da primeira correspondência, envelope branco comprido e amassado, selo carimbado da França, trouxe um novo despertar à morosidade dos meus dias.

A caneta tinteiro preta marcava um longo texto sobre meu livro, Ninguém Escreve ao Coronel. Poucos haviam analisado a obra com tamanha perspicácia.

Fiquei entusiasmado e, em virtude de toda seriedade e respeito, tratei de responder.

Daquele dia em diante, tornei-me leitor de suas cartas, livros e tudo relacionado a você.

No aeroporto em Caracas, em nosso primeiro encontro, minha alegria era capaz de iluminar toda a Plaza Venezuela. Nos

cumprimentamos com um abraço caloroso e vi que, rente ao terno azul marinho que vestia, segurava um embrulho de papel kraft fechado com barbante, coisa fina, não era como os embrulhos de papel ordinário que chegavam em minha casa, com manuscritos de escritores desconhecidos à procura de bênção, quase todos os dias. Enrubesci porque estava de mãos vazias.

Nos dirigimos ao La Cita, restaurante que escolhi para almoçarmos, e lá pude observar, no manejo dos talheres e na graciosidade com que se movimentava, que minha imaginação havia me traído e você era bem maior do que suas obras.

Esta memória e nosso convívio hoje me libertam e empurram para abrir meus sentimentos e me declarar a você, a quem verdadeiramente amo.

Com amor, Gabo.

— O que diz a carta de Gabo, Llosa?

Com um olhar assustado, ele responde: um uísque duplo, Patrícia, por favor.

.....
Flavia Amâncio (fpereiraj@gmail.com) nasceu no Rio de Janeiro. É formada em Letras com MBA Executivo COPPEAD/RJ. Trabalhou exclusivamente no mercado corporativo até vir para São Paulo, em 2011. Desde então, dedica-se à leitura e à escrita.

Gale

Fernando Mendes

Era difícil acreditar que os antepassados de todos na colônia tinham vindo de um dos pontos luminosos no céu. Vion lhe apontou, certa vez, onde a Terra estava, mas o vidro da redoma refratava a luz das estrelas e ele provavelmente se enganou.

Adhra se apoiava na janela do sexto andar, no apartamento de Vion. Os sons dos recicladores da cidade estavam altos aquela noite, ecoando com força dentro da vasta redoma. O edifício da NAPCO repousava imponente não muito longe dali. Parecia uma enorme montanha erguida em meio à cidade que prosperou sobre sua base. Era de concreto, mais alto que todas as outras construções e em forma de S. A visão de Adhra era sufocada pelos muitos prédios nas redondezas, todos escuros e pintados pelos pontos de luz que escapavam das janelas dos apartamentos, mas a sede da NAPCO sempre estava lá, mais iluminada que todo o resto, a zelar de cima sobre a colônia de Gale.

Mais ao lado ficava uma construção antiga. Devia ser de quando Gale ainda era um posto avançado de alguma expedição

científica. Suas vigas de metal acobreado formavam um exoesqueleto em torno do concreto sem manutenção, cuja pintura aos poucos foi enegrecida pela ferrugem. As janelas tinham grades de ferro através das quais Adhra observava elevadores de carga automatizados trazendo inúmeros caixotes de algum lugar subterrâneo. O som dos elevadores era grave e fazia vibrarem as janelas frágeis do apartamento.

Vion a cutucou, oferecendo um pequeno frasco de meta. Ela o apanhou, abriu, fez um bico, como que sugando de um canudo imaginário, e inalou o gás que evaporava de dentro. Na altura das sobranceiras sentiu o formigamento que desceu pelas maçãs de seu rosto, abraçou seu pescoço com dedos quentes e chegou à espinha, percorrendo-a na forma de um arrepio e se espalhando pelo resto do corpo. Estava chapada. Outro cutucão a informou que deveria passar o frasco de volta ao namorado, e assim fez, apenas esticando a mão para trás.

Seu olhar circulou pela colônia e encontrou o grafite enorme na parede do prédio vizinho, feito por alguém da vizinhança. Na metade de baixo estava esboçado um astronauta caminhando pelo terreno vermelho. Na metade de cima, havia um genuíno marciano, de pele escura e bastante alto. Seus braços e pernas eram exageradamente alongados e davam voltas em si mesmos, como a serpente se enrola no galho. O terreno por onde caminhava era cinza, de concreto, em meio a prédios escuros e tortos. A paisagem vermelha dominava o fundo, tempestades de areia tomavam conta das bordas, meteoros passavam por cima e,

no limite das margens do prédio, uma linha discreta na forma de cúpula englobava toda a obra.

Mais para baixo ficava um galpão comprido que parecia vazio. Na parede da frente, um grande cartaz fazendo propaganda de um centro de estudantes estava pendurado. Talvez não fosse má ideia, teria que recomeçar os estudos primeiro, o que demoraria algum tempo, mas o cartaz era velho e o número de telefone que ele tinha não podia mais ser lido por completo.

Quando se virou para dentro, Vion estava deitado sobre um colchão no piso, o frasco sem tampa jogado ao lado, seus olhos completamente perdidos em algo que lia em seu celular.

— A que horas você sai? — Adhra perguntou bem baixinho, falando mais para si mesma do que para ele.

— Bem cedo — Vion interrompeu a leitura e se ajeitou no colchão, alertando-a de que havia escutado.

— Não sei se quero ficar aqui.

— Como assim? — jogou o celular para o lado.

— Acho melhor terminarmos agora e pronto.

— Ainda dá tempo de você vir comigo...

— Não escutou? Disse que não quero. Não posso na verdade e você também não deveria.

— Já combinei tudo.

— É só não ir.

— E ficar aqui?

Adhra não encontrou as palavras para responder, mas sabia que não era certo abandonar Gale. Certa vez lhe disseram que

a civilização precisou de milhares de anos para alcançar os patamares que alcançou na Terra. E havia apenas algumas centenas desde que a primeira colônia havia sido fundada. Eram novos, inexperientes, mas teria que ser aquele povo que transformaria, durante os mesmos milhares de anos, o planeta vermelho em algo bom, acolhedor à vida que havia chegado lá. Partir seria o pior crime que poderia cometer.

— Se você não tem resposta pra isso, melhor ir embora mesmo — Adhra falou, dando as costas ao namorado e admirando a vista do lado de fora novamente.

— Não entendo você — Vion retrucou, levantando-se e se aproximando dela. — Olhe isso — e apontou para o lado de fora —, um lixão.

Adhra já havia escutado a palavra antes. Ouvira dizer que a Terra já não era tão azul logo antes do Silêncio. Era amarela, quente e seca, um lixão estragado pelos humanos que viviam lá e tiveram até que fugir para outro planeta. Tudo mentira, pensava Adhra. A Terra era feita de água, um oceano além da vista, paradisíaco. Ventos que traziam cheiros de natureza e não o ar reciclado e abafado da redoma. Mas um dia Marte também teria oceanos e natureza, Adhra quase podia vê-los se fechasse os olhos.

O namorado bufou e tornou a sentar sobre o colchão. Adhra olhou para a porta de saída, apenas a alguns passos da sala.

— Acho melhor eu ir embora — Adhra falou, após algum tempo de silêncio. — Eu preciso ficar e você precisa ir, simples assim.

— Eu entendo.

— Fico feliz.

Adhra pôs-se a caminhar, dando um pequeno salto por cima do colchão. Ela sentia os olhos de Vion observando-a, mas negou-se a olhar para trás. Pôde jurar, inclusive, que ele tentou agarrar uma de suas pernas enquanto saía, mas desistiu.

Levou a mão ao interruptor da porta, que se abriu em seguida, e não parou de andar. A cada passo para longe do apartamento, sentia uma sensação estranha de liberdade, de acolhimento que lhe garantia, de alguma forma, que poderia fazer tudo o que quisesse.

Do lado de fora, seja para a esquerda ou para a direita, a rua escura levava inevitavelmente ao fim de Gale, delimitado pela redoma. Escolheu a esquerda e começou a andar.

Quando chegou nos limites da redoma, ainda estava alterada pelo frasco de meta. O sol ameaçava nascer no horizonte atrás das cordilheiras, formadas por algum impacto antigo de asteroide, assim Adhra se lembrava de um livro de geografia de sua infância. A leve iluminação que já se projetava no céu atrás das montanhas escondia o brilho das estrelas. Escondia a Terra. Adhra sentou ali, bem próxima do vidro sujo pelas tempestades de areia, e esperou o dia começar, Gale aos poucos acordando à sua volta.

Cochilou ali mesmo, no chão.

Quando acordou, os sons da cidade a atacavam com impactos de metal em metal e inúmeros motores funcionando. Operários passavam por perto sem lhe dar a mínima atenção. Sua mente

não estava mais nublada, mas sentia seu corpo exausto, todo dolorido do chão duro em que dormiu. Caravanas faziam suas rotas pelas planícies vermelhas dos vales entre as montanhas. Iam e vinham de outras colônias, sítios científicos e de mineração. Uma delas, porém, ia direto ao aeroporto espacial a leste das cordilheiras, nas planícies de Aeolis. Podia ver a silhueta de uma nave, caso espremesse bem os olhos e colasse a testa no vidro sujo da redoma. Talvez Vion estivesse naquela caravana, em breve partindo na mesma nave.

Um brilho de luz distante anunciou a ignição dos foguetes. Adhra se despediu do pedaço de si que queria partir, e um rastro de chamas e fumaça cortou o céu vermelho.

.....
Fernando Mendes (fernando_om8@hotmail.com) nasceu em São Paulo, em 1995. Formado em Comunicação com habilitação em Cinema pela FAAP em 2016, atua na área como *freelancer*, principalmente na direção de som, produção e edição. Também é autor do livro *Cinco Cordas*, publicado pela Drago Editorial, em 2019.

Azul profundo

Mariangela Vieira

O canto do canário-da-terra ecoou pela caatinga, avisando a José que já era hora de levantar para tirar o leite de Firmina. A vaca não gostava de atrasos, se passava da hora, levantava uma das pernas traseiras preparando-se para dar um coice. O menino pulou da cama, vestiu bermuda e camiseta, colocou as botas e saiu apressado para o curral.

Enquanto José tirava o leite da vaca, Mateus, o irmão caçula, esticava os braços preguiçosamente na cama, preparando-se para levantar. Como tinha seis anos, ainda estava livre dos serviços da casa.

— O que é isso? — diz a mãe. — Vai lavar o rosto e trocar de roupa, ou você quer ficar sem café da manhã?

O menino sentiu o cheirinho da macaxeira cozida e do bolo de milho. O estômago roncou, avisando que não era um bom dia para dispensar comida tão gostosa.

Quando chegou na cozinha, o irmão já mordía o segundo pedaço de bolo de milho.

— O que a gente vai fazer hoje, Zé? — perguntou Mateus.

— A gente eu não sei, mas eu vou explorar a Pedra Grande.

Era um morro que ficava a uma hora e meia de caminhada do sítio onde moravam. Uma área preservada da caatinga, perto da cidade de Quixaba, em Pernambuco. Mateus pensava nos marmeleiros carregados de fruta madura. José queria ouvir os cantos dos pássaros, brincar com os tatupebas e observar o andar elegante do veado-catingueiro.

— Posso ir junto? — perguntou Mateus com voz chorosa.

— Acho que a mamãe não vai deixar... — disse José, olhando para a mãe e balançando negativamente a cabeça como um sinal para que ela dissesse não.

— Pode ir com seu irmão, Mateus. Mas fiquem sempre juntos, hein? Vou preparar um lanche para vocês levarem.

— Você só vai comigo porque mamãe mandou, viu? — resmungou José.

— Oba! Agora também sou um explorador da natureza!

Saíram de casa às nove horas. Na mochila de José, além de água e comida, um apito para ser usado caso o irmão se afastasse demais. A pequena mochila de Mateus estava vazia, preparada para carregar os grandes marmelos maduros e perfumados que encontrasse pelo caminho.

Durante a caminhada, a cada animal que encontravam, José apontava e contava ao irmão um pouco da história do bicho.

— Olha lá, Mateus! É um calango. Um tipo de lagarto que gosta de comer insetos. Se a gente tiver sorte, e você ficar bem quietinho, vamos observar os mocós. Você sabia que eles são roedores que vivem em lugares onde tem pedras?

Mateus olhava para o irmão com a boca entreaberta. Nunca o ouvira falar tanto e com tamanho entusiasmo. José era um menino quieto para os seus 13 anos. Nos fins de semana, saía sozinho para observar os animais e anotava tudo o que aprendia em um caderninho. Ali, escondido entre os arbustos, com o vento quente acariciando o rosto, sabia que tinha encontrado seu lugar. Um lugar mágico, a “floresta branca”, como diziam os tupis, cheia de árvores baixas com troncos tortuosos, esbranquiçados e secos.

Quando chegaram na Pedra Grande, José levou o irmão direto para o posto de observação preferido. Ficaram um bom tempo encolhidos atrás de um arbusto, sem que nenhum animal aparecesse. “Que estranho”, pensou José, “até agora não vi nenhum passarinho... Também, o Mateus não para quieto”.

Mateus não queria mais brincar de ver bichos. Decidiu que já era hora de pegar marmelos.

Enquanto José colhia os frutos maduros, o irmão segurava a mochila e contava em voz alta: “um... dois... três...”. José ficou na ponta dos pés e esticou bem os braços para pegar os marmelos maiores, que ficavam nos galhos mais altos.

De repente, ouviu um barulho e sentiu uma forte dor na mão direita. Agora, o silêncio da mata fazia sentido. Uma cascavel mordeu a mão do menino e saiu rastejando entre os galhos.

Mateus não percebeu o que acontecera. Ainda brincava com os marmelos dentro da mochila, quando o irmão caiu no chão.

— Mateus, presta atenção! Fui picado por uma cobra. Preciso que vá para casa e traga a mamãe até aqui.

— Não sei voltar sozinho!

— Sabe, sim. Está vendo aquela trilha? O final dela dá na nossa casa. Vai depressa!

Com a mochila agarrada entre os braços, o olhar perdido, Mateus vai andando devagar em direção à trilha. Para, e olha para o irmão.

— Não quero que fique sozinho...

— Vai, Mateus, o mais depressa que puder. Vou ficar bem! O menino apressa o passo.

José sabia que não conseguiria tomar o soro a tempo. Já respirava com dificuldade e o braço começava a formigar. Colocou as mãos no chão para sentir a terra seca, mas tão fértil da caatinga. Sentiu o cheiro leve e doce das flores do umbuzeiro. Olhou para o céu e mergulhou naquele azul profundo, cada vez mais fundo, fundo, fundo...

.....

Mariangela Vieira (mariangelavieiram@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1975. É estrategista de conteúdo, jornalista e arquiteta de informação. Já desempenhou funções de repórter, redatora e editora para diversos veículos. Também trabalhou no mercado editorial como preparadora de texto e editora assistente. Desde 2010, atua como consultora para empresas e profissionais que precisam comunicar-se de forma eficaz no universo digital.

Por quem os cinamomos dobram

Pâmela Carbonari

Não que eu fosse o tipo de criança que minha mãe quisesse longe. Mas o fato é que naquele verão ela fez minhas malas. Colocou blusa, vestido, meia, chinelo, casaco, biquíni e touca. Não queria que eu ficasse trancada em um apartamento de 50 metros quadrados durante todo o verão sem vento de Porto Alegre.

Dentro do táxi, enquanto ouvia as recomendações sobre como me comportar, pensava que três meses seriam mais tempo do que meu feijão demorou para crescer no potinho com algodão, mais tempo do que demorou para os galos sumirem da minha cabeça quando caí do balanço, mais tempo do que minha franja demorou para voltar à altura das sobrancelhas, mais tempo do que o tempo que já fiquei longe de casa. A caminho da rodoviária, me despedia do Guaíba, de minha lancheria preferida, das sinaleiras, do edifício amarelo da Tumelero. Não queria ir, mas mamãe conseguiu parar meu choro e me colocar no ônibus quando disse que tia Iracema também mandaria Luísa, minha prima, para o sítio da Vó Ilsa.

Eu era criança, mas me senti adulta aos 10 anos quando mamãe atou meu cinto de segurança, desceu do ônibus e se pôs a abanar e mandar beijos diante da minha janela. Se aquilo era o que os adultos chamam de despedida, então era mais doído do que eu imaginava. Mas à medida que rareavam os prédios, as casas, as placas e luzes piscantes de lojas que eu nem sabia ao certo o que vendiam, aquela tristeza nova também me abandonava. As plantações de soja e milho emolduradas pela estrada de chão anunciavam que o sítio da Vó Ilsa estava logo ali. E estava: em um braço do caminho, Vó Hermes me esperava em seu Opala bege pintado de poeira.

O sítio era maior do que eu lembrava. O casarão amarelo de janelas vermelhas ficava no final de uma longa trilha ladeada por plátanos. Vó Ilsa apareceu na varanda, não sabia se secava as mãos no avental quadriculado, sorria ou corria me cumprimentar. Beijou-me e me apertou as bochechas. Pegou-me pela mão, mostrou os bolos que tinha feito para mim e Luísa, falou sobre o balanço que tinha posto no cinamomo para brincarmos, disse o nome das ovelhas que tinham nascido no último mês, contou-me sobre os gatinhos que dormiam na porão, as uvas que cresciam no parreiral em frente à casa. E repetia sem parar:

— Tem tanta coisa pra fazer aqui, vocês nem vão sentir saudade de casa.

No fundo do corredor, ficava o quarto que eu dividiria com Luísa: duas camas de solteiro dispostas lado a lado, dois baús, duas penteadeiras e quadros com fotos de mamãe e tia Iracema ainda crianças. Entre a nossa janela e o horizonte planáltico, um grande e único cinamomo erguia seus galhos. Era impossível não

notar a árvore no meio das outras, que, intimidadas por ela, mal se tinham dado ao trabalho de crescer. Debaixo da sombra do dele, Luísa brincava sozinha.

— Ela não via a hora de você chegar. Coloca uma roupa mais solta e vai lá encontrar com ela — disse Vó Ilsa, enquanto organizava minhas coisas sobre a cama.

Desci os degraus da varanda, o declive, corri até o cinamomo. Parei quando Luísa se levantou da colcha estendida como em um piquenique sem cesta ou comida.

— Essa é a Dora, ela vai passar o verão com a gente — falou, mostrando a boneca loira de sorriso macabro.

Luísa era mais parecida com a boneca do que eu. Tinha a boca vermelha, a pele muito branca, os cabelos claros como palha de milho. Era esperta. Ao contrário de mim, sabia a hora de desobedecer sem parecer malcriada. Nasci em agosto; ela, em outubro do mesmo ano. Morávamos em cidades diferentes e nos víamos em todos os Natais, mas desde que a encontrei debaixo do cinamomo foi como se tivéssemos nascidos juntas, coladas.

Luísa acordava e não aguentava um segundo sequer sem me chamar. Comíamos as mesmas comidas. Trançávamos o cabelo uma igual ao da outra. Se eu vestisse uma saia, Luísa vestia saia também; se eu escolhesse uma bermuda, Luísa também colocaria bermuda. Berrávamos “fogo, fogo, fogo”, enquanto Vô Hermes sesteava depois do almoço, para vê-lo acordar, desgovernado, e rolarmos na grama de tanto rir dos palavrões desconhecidos que ele lançava sobre nós. Passávamos as tardes com Dora e os gatinhos nos braços. Pulávamos juntas no açude e imaginávamos que

os lambaris que nadavam entre nossas pernas eram os tubarões e golfinhos que só tínhamos visto na TV. Minha brincadeira preferida era quando enchíamos a boca de bolinhas de cinamomo e cuspiamos uma na outra. Naquele verão, meus pensamentos terminavam na cabeça de Luísa, e os dela, na minha.

A sombra daquela árvore era nosso lugar preferido. De lá, podíamos ouvir Vó Ilsa gritando da janela para voltarmos para casa jantar, para não nos empurrarmos tão alto no balanço ou para não brincarmos com as bolinhas do cinamomo.

À mesa, Vô Hermes dizia para termos cuidado com as cobras.

— É no verão que elas saem do mato — explicava, entre um gole e outro de vinho.

Vó Ilsa concordava, colocando mais um tanto de galinhada em nossos pratos.

— Criança que come que nem passarinho não tem energia pra correr das cobras — dizia, justificando o exagero de comida que nos dava a cada refeição.

Depois da galinhada, enquanto Vô Hermes nos ensinava a jogar baralho, vi Luísa mudando de cor, reclamando de dores de estômago. Correu para o banheiro, mas não chegou a tempo. Vomitou no caminho. Vó Ilsa e Vô Hermes correram atrás. Eu os segui e vi o corpinho de Luísa se contorcer. As mãos de dedos curtos sobre os joelhos, a coluna arqueada, o jato saindo da boca. Vi o vômito espesso virar água, água amarela de estômago vazio. Me assustei, Luísa não fazia nada que eu não fizesse. E eu não fazia nada que Luísa já não estivesse fazendo. Aquele sofrimento era só dela.

Vó Ilsa se contradizia sem parar. Falava de chás, de insolação, dos bons ingredientes que tinha usado, da água suja do açude, culpava Vô Hermes por não ficar de olho, dizia que a gente tinha sido criada em apartamento e para viver em apartamento, não para ficar se sujando o dia inteiro, comendo o que quisesse na árvore, com bicho cheio de pulgas no colo. Luísa tremia. Quando parou de vomitar, Vô Hermes pegou-a no colo e seguiu o corredor para deitá-la no quarto. Ele lembrava muito o cinamomo, largo, alto, de braços longos. Luísa sumia nos braços dele.

Naquela noite, dormi sozinha pela primeira vez e tive medo. Ouvia Luísa vomitar, Vô Ilsa mandar Vô Hermes buscar água, chá, sal, açúcar, bacia e panos. Quando acordei, a casa estava em silêncio. Saí do quarto e fui de cômodo em cômodo procurar Luísa, mas não encontrei ninguém. Na mesa da cozinha tinha um copo de leite, algumas bolachas e um bilhete: “Querida, vamos levar Luísa para o hospital. Tia Iracema está vindo pra cá. Não saia de dentro de casa. Voltamos logo. Beijos, Vovó”.

Me imaginava deitada na cama do hospital ao lado de Luísa, nós duas vomitando água amarela, Vô Ilsa falando sem parar perto das camas, Vô Hermes segurando as bacias e limpando nossas bocas com um pano branco amarelado. Ouvei o ronco do motor do Opala. Corri para ver Luísa voltar, mas só vi duas cabeças dentro do carro. Vô Hermes abriu a porta com os olhos vermelhos e Vô Ilsa parecia ter envelhecido dois séculos desde a noite anterior.

— Vó, cadê a Luísa? — perguntei, abraçada a Dora como se abraçasse Luísa.

Ela sentou no degrau da varanda, me puxava para o peito. Beijava minha cabeça, meus cabelos, minhas mãos e me molhava de lágrimas. Tremia, como Luísa tremera na noite anterior. Repeti a pergunta.

— Minha filha, Luísa não volta.

Ela tentava me explicar e explicar a si mesma, mas eu não queria entender, só queria Luísa comigo no sítio. Vô Hermes desceu ao porão e Vô Ilsa me levou pela mão até o cinamomo. Ele veio nos encontrar com uma motosserra. A correia zunia e Vô Ilsa gritava mais alto ainda:

— Corta logo! Quero todos os galhos queimados.

Os braços de Vô Hermes seguravam a motosserra melhor do que os olhos escondiam o pavor de ter visto a neta morta. A correia encostava no tronco centenário e os gritos de Vô Ilsa pareciam personificar o gemido da árvore. O cinamomo começou a se contorcer, como Luísa se contorceu. As bolinhas amarelas caíam dos galhos e choviam sobre o nosso choro. Depois que o tronco bateu o chão e fez tremer a terra, Vô Hermes largou a motosserra e foi abraçar Vô Ilsa.

No toco de madeira, as nervuras da correia ficaram como cicatrizes recém-abertas. Via o pedaço de árvore rente ao chão e imaginava a lápide de Luísa. Vô Ilsa chorava com Vô Hermes e culpava os frutos vermelhos. E eu, com Dora nos braços, pensava que o cinamomo não tinha culpa alguma, só crescera ali. Que era eu quem tinha matado Luísa. Naquele dia, eu também morri.

.....
Pâmela Carbonari (pamelacarbonari@gmail.com) nasceu em Porto Alegre, em 1992. É jornalista formada pela UFSC. Em São Paulo, foi repórter das revistas *Exame* e *Superinteressante*. Hoje, trabalha como roteirista da Playground Brasil.

Pituco chegou

Maria do Rosario Correa

Léo vive perguntando para suas professoras quantos dias faltam para chegar o fim da semana. Está acostumado a passar o sábado e o domingo na casa de sua avó Maricota, a dona Mariana, que, pelo jeito, é sua avó predileta.

Fofa e de colo cheiroso, cabelos presos e com mãos de fada na cozinha, ela faz como ninguém um pão de queijo douradinho, a melhor sopa de mandioquinha, e ainda conta muitas histórias para o neto, antes de ele dormir ou ao passearem, quando de repente solta uma história sobre o lugar onde estão.

A casa da avó é térrea, grande e fica em um bairro sossegado, cheio de árvores, pássaros, um pouco longe da praia. O calorão de Santos persiste na maior parte do ano. Léo gosta de ficar lá, desenhando, brincando e, desde que aprendeu a ler, vai atrás das palavras no jornal, nos livros, nas embalagens na cozinha da avó. Pega a escadinha, silenciosamente, para escalar a geladeira e chegar à porta de cima, lugar que esconde aquele sorvete delicioso que desce gelado na garganta quente — claro que ele fica lendo o rótulo, e o da embalagem do litrão de Coca Cola. Léo não

sosega enquanto não decifra essa coisa de juntar letras que fazem sentido ao se unirem.

Muito bem.

Um belo dia ele chegou para mais um fim de semana, quando vó Maricota o pegou pelas mãos, com o dedo indicador em posição de silêncio e sussurrou:

— Shhhh, venha até aqui pertinho sem fazer barulho...

Pé ante pé, Léo seguiu a avó, com o coração acelerado, até a varanda da casa.

Lá, um formoso jardim se mostrava, em variados tons de verde para os raios do sol e aquela cantoria danada dos passarinhos. No parapeito da varanda, onde se acomodava uma vegetação exuberante, cheia de aspargos e samambaias, a avó deixava, diariamente, cascas de mamão para os passarinhos.

Léo observou os gestos de sua Vó Maricota que, meticulosamente, separava as partes da folhagem. Ela pediu que ele a acompanhasse em silêncio e abriu caminho para que eles pudessem espreitar um filhote de passarinho, deitado em um ninho de pequenos gravetos. O bichinho parecia dormir.



Vovó explicou que ele era pequenino, dependia dos pais para ser alimentado, e que ela estava muito feliz, porque ele era o mais novo habitante da casa.

— Vó, não entendi. Ele vai morar aqui pra sempre?

— Ele vai ficar aqui até quando ele mesmo sentir que pode bater asas, voar, sair para viver a vida, Leozinho.

Léo ficou pensando, pensando, e logo quis saber o nome dele.

— Pituco, nome tão bicudo quanto ele — disse a avó. — Você gosta?

Léo fez que sim, e saiu correndo para pegar água e batizar Pituco.

— Precisa ser logo, antes dos pais dele voltarem — sugeriu a avó.

Os dois jogaram um pouquinho da água da pia na lateral do ninhozinho, com cuidado, para não assustá-lo.

— Pronto, Pituco está batizado e é... e é o que de mim? — perguntou Léo.



— É seu irmãozinho, só que muito antes de você ele deixará o ninho feito pelos pais dele.

Léo percebeu que ele, também, um dia, sairia de seu ninho. Mas, quando?

— No dia em que você resolver fazer novas descobertas e encontrar pessoas para morar em um novo ninho. Mas o importante é gostar muito desse desafio — disse Vó Maricota. — E saiba que, sempre, este ninho de avó estará pronto para recebê-lo.

Léo demonstrou muita alegria ao beijar a avó e soltar um belo arroteo na direção de Pituco que, assustado, acordou e começou a piar sem parar.

Léo e sua avó saíram da varanda rindo. Logo depois, passáros em cantoria começaram a se aproximar. Traziam no bico pequenas porções de alimento, cavocavam o mamão e levavam um pouquinho pro mais novo morador da casa.

— Devem ser os pais do Pituco — sussurrou a avó.

Passados alguns fins de semana, Léo chegou correndo, foi direto à varanda, afastou as folhagens, e se surpreendeu com o ninho vazio.

— Vó, cadê você? Cadê Pituco?

— Ele se foi, sem avisar.

Léo teve certeza de que ele voltará, para dizer onde está levando a vida. Será que não é Pituco aquele passarinho bonito, cantor, encarando Léo, antes de saborear o néctar que brota do mamão?

Ilustrações de Bernardo, neto da autora.

.....
Maria do Rosário Correa (marogomes2014@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1953. Graduada e com mestrado e doutorado na área das Ciências Sociais Aplicadas, cultiva o gosto pelas letras e palavras desde sempre. Nas memórias de um tempo-espaço longo, não se esquece do presente mais marcante em sua existência: um livro infantil, quando tinha 3 anos de idade.

Caminho

Fernanda Rios

Nuvens. Prédios. Carros. Nuvens. Prédios. Trânsito. Nuvens. Nuvens. Os reflexos nas placas de vidro da porta giratória a conduzem para fora. Precisava de ar. Não aguentava mais ficar presa naquele arranha-céu. O trânsito está completamente parado e ela resolve dar uma volta. Sons chamam sua atenção, vão se sobrepondo, ficando cada vez mais e mais altos. Uma melodia estranha que parece ecoar apenas em sua própria cabeça. Caminha sem saber muito para onde ir.

Procura um lugar para comer alguma coisa. Entra em um café. A fila sai do caixa e se estende até as janelas de vidro, onde as pessoas se espremem no minúsculo balcão. Já não sabe se pelo frio ou pelos poucos lugares que são disputados às pescoçadas, as pessoas se amontoam, e de fora se vê um quadro bizarro da briga. Ela desiste. Abrindo a porta de vidro, faz entrar o vento frio que por segundos paralisa a todos. Congelada no tempo, continua decepcionada. Como consertar algo que não foi você quem quebrou?

Sem destino, segue até o momento em que avista um prédio antigo com uma enorme escadaria convidativa. Passa pelos guar-

diões do prédio. Dois leões chamados Paciência e Força. Pensa no que aconteceu, pensa demais, se tortura de uma maneira tão cruel que decide parar de pensar e continuar a viver. Entra no prédio, observa o grande lustre no meio do salão. E, enfim, se distrai. A luz de inverno entra pela imensa janela, atravessa o lustre e distribui pontinhos coloridos nas paredes manchadas. Olha impassível a dança dos pontinhos até que começa a ouvir a música. Em vez da instrumental, como antes, nota uma voz que rapidamente é adicionada a outras. Camadas de vozes dispostas na principal escada do salão. Vendo as luzinhas, nem percebeu a infinidade de pessoas entrando e se posicionando em semicírculo. Além de barrar o caminho até o objetivo da visita, as vozes voltam a tirar seu foco e a despertam de um sono que ela muito carecia.

Todas as pessoas naquele grande salão fingem estar felizes, se obrigam pelo clima da árvore enfeitada. Ela, então, formula planos para um futuro próximo, mas sabe que no meio do mês já não os estará cumprindo. Observa algumas crianças assistindo ao coral e conclui que os pequeninos são a materialização da desilusão. É só uma questão de tempo.

Eles estão no *hall* de uma biblioteca, da principal biblioteca. Calcula quantos possíveis leitores o coral barrou. Triste aquela beleza barrar outras. Resolve sair. A fome aperta fundo. Segue em direção a um shopping próximo dali e procura um lugar para acalmar o estômago. Nessa época, essa decisão só pode ser vista como uma resolução de alguém desesperado. Entra no shopping, vai direto a um mini-empório compra a primeira bebida forte que encontra. Um pequeno frasco somado à fome pungente a transforma

em uma sombra ambulante. Ouve sons confusos, uma mistura entre as frequências das vozes dos compradores passivos, seus passos e as músicas das lojas. Arrepia-se fugindo a cada passo das estridências dos vendedores querendo vencer suas metas. Finalmente, ela alcança outra cafeteria. O cheiro da bebida a conduz. Lá, consegue comer algo quente e bebe um café. Relaxa. Respira. Deixa um pouco da tensão. Mas a sensação de desilusão permanece amarga.

Volta para o estacionamento do trabalho, encontra seu carro. O alarme da chave apita. O trânsito ainda não anda. A cabeça começa a latejar na mesma vibração das lanternas dos carros parados. O rádio começa a tocar algo que inicialmente parece indecifrável. Ela reconhece a mesma música maldita do coral, a que não sai de sua cabeça. Pessoas passam muito perto do carro. A música ressoa com elas. Surge o medo. Pânico. O celular toca. Ela abaixa o volume, atende. Trabalho. Não chega nunca. De repente, soa um alarme. Depois outro. E outro. A composição dos sons dos alarmes lembrando a conhecida peça, mas agora com vozes angelicais. Cercada de carros, vai anoitecendo e ela se sente exausta. A noite lhe cai sobre o corpo. Está chegando, afinal, o fim do mês, o fim do percurso.

.....
Fernanda Rios (fe_rios@icloud.com) nasceu em São Paulo, em 1985. É formada em Letras pela FFLCH-USP e em Cinema pela FAAP e mestre em Literatura Alemã pela USP. Trabalha como assistente de direção em publicidade e ficção. Agora, procura criar as próprias narrativas.

A geladeira amarela

Martha Aguilar

Os sábados eram dias de inspeção. Para evitar atritos ou críticas, na sexta-feira eu já deixava tudo em ordem. A geladeira amarela estava sempre limpa e pronta.

Pequena, baixinha, gorda e... amarela, a geladeira era quase da minha altura. Me ganhava por um palmo. E parecia ter vontade própria. Para abri-la, era preciso puxar uma manivela enferrujada que fazia cric, crac. Ao fechar, cluc, cluc. Quando a porta ficava aberta, o motor fazia um barulho como se ela toda fosse começar a andar. Outras vezes, sem motivo algum, tremia. Meu receio era de que voasse. Os ruídos lembravam os de uma turbina de avião.

Fechado por uma porta menor, o congelador ficava na parte superior. O tampo apresentava marcas de uso, assim como a parte externa, descascada em alguns lugares. Finalmente, as quatro rodinhas, dentro das quatro patinhas brancas, estavam oxidadas, de tanto jogar água para lavar o chão. Além disso, a geladeira amarela mancava quando abria ou fechava.

Recém-casados, fomos morar no Rio de Janeiro. Eu descobria um mundo novo, um idioma novo — e pouco sabia como iria cuidar de uma casa. Mas não importava. Nos amávamos tanto, e tínhamos finalmente um lugar todo nosso, um apartamento de dois quartos, pequeno e confortável, no 12º andar de um prédio em Botafogo, com vista para o Morro de Santa Marta e o Cristo Redentor.

Os móveis eram usados. Marido os trouxera da casa em que morava em São Paulo antes de me conhecer e de ser transferido. Entrando pela porta social, ficava a sala de jantar, com uma mesa velha redonda de cerejeira e quatro cadeiras revestidas de um tecido rústico cor mostarda. Na parede atrás da mesa, no bar, o aparelho de som Gradiente tocava incansavelmente minhas músicas mexicanas durante o dia, como testemunha da saudade que eu sentia por morar tão longe de casa.

Na sala de estar, um sofá de couro bege. Ao lado dele, uma mesinha de madeira de mogno escuro. Ao fundo, uma porta-balcão se abria a uma pequena varanda, onde mal cabiam uma cadeira apertadinha e um vaso de plástico com um pé de café. Ali, eu experimentava momentos de lazer e tristeza. Também descansava, apreciando o Cristo de longe. Pelas noites, as luzes acendiam o Morro da Santa Marta. Às vezes, escutava barulhos esquisitos, como se fossem foguetes. Mal sabia que era uma ou outra bala perdida.

Dividindo a sala, um corredor levava ao nosso quarto.

A cozinha retangular era tão pequena que se eu abrisse os braços podia tocar as duas paredes ao mesmo tempo. Elas eram revestidas de azulejos amarelados com desenhos de flores minúsculas, típicos dos anos 70. Uma área de serviço se separava da cozinha por um pequeno muro sem vidro. Aquele espaço era habitado por meus inimigos: a máquina de lavar e o tanque. Quando olhava para ambos, pareciam rir, como se estivessem esperando para aprontar alguma contra mim. Na parede ao lado, o fogão de quatro bocas também parecia me olhar, aguardando sua participação em uma grande aventura culinária qualquer. A pia de mármore, velha, tinha uma cuba de inox tão pequena, que lavar panelas era uma missão difícil. A torneira elétrica cantava humm, humm, enquanto eu lavava a louça. Avisava se a água ficava muito quente. As panelas eram guardadas sob a pia. O armário superior de quatro portas guardava a comida de um lado, pratos e copos de outro. Ao lado da pia, ficava a pequena geladeira amarela.

Marido gostava de ter tudo em ordem.

Eu tentava, de todas as formas, fazê-lo feliz.

Assim, cuidava da casa procurando deixar tudo organizado e bonito. Era difícil, pois eu não tinha sido educada para cuidar de uma casa. Não sabia lavar, passar, limpar ou cozinhar. Açúcar e sal para mim eram a mesma coisa. Esquecia as panelas no fogão, queimava a comida. Chorava só de pensar que ia precisar realizar esse trabalho.

Naquela manhã, Marido tinha ido jogar futebol com alguns vizinhos do prédio. Pensando em agradá-lo, decidi enfrentar o fogão e fazer uma musse de chocolate.

Depois de terminar a preparação do doce, despejei-o num pirex de vidro. Para que endurecesse, era preciso deixá-lo algumas horas na geladeira. Decidi acelerar o processo, assim poderia ter musse como sobremesa do almoço. Guardei o pirex no congelador e fui preparar o resto da comida.

Duas horas depois, Marido voltou do jogo, cansado e com sede. Dirigiu-se até o armário, pegou um copo, virou-se para abrir a geladeira amarela. Abriu-a, pegando da porta uma garrafa de vidro com água gelada, serviu-se, fechou a geladeira, bebeu.

Ao abrir a porta, a geladeira rangeu, mancando uma vez. Ao fechar a porta, a geladeira rangeu e mancou outra vez.

Parada na frente do fogão, eu observava. Começara a inspeção.

Marido terminou de beber a água, voltou a abrir a porta. Abaixou-se para ver o que havia lá dentro. Observou e decidiu arrumar as coisas. Começou a tirar, um a um, os pratos e vasilhames. Para não gastar energia, cada vez que tirava dois ou três itens colocava-os na pia e fechava a porta.

Assim começou a dança da geladeira amarela. Cric, crac, cric, crac, abre e fecha, abre e fecha!

Foram alguns minutos. A cada abertura, Marido entrava mais e mais lá dentro. A geladeira insistia em reclamar. Cric, crac.

Abaixado e com a cabeça dentro dela, com uma mão segurava a porta; com a outra, tirava alguma vasilha.

Podia-se escutar a queixa da geladeira, cansada de tanto ir e vir. Mais uma vez, ele abriu a porta. Mais uma vez, se inclinou colocando a cabeça embaixo do congelador.

Cedendo a tantos, cric, crac, cric, crac, a portinha se abriu, deixando o pirex com minha deliciosa musse de chocolate cair — e quebrar — sobre a cabeça de Marido.

Meus olhos não podiam acreditar. Assustada, observava sem saber o que fazer, se ajudava, se buscava um pano para limpar a musse, se chamava uma ambulância.

Irritado, banhado em chocolate, Marido se levantou e rugiu:
— MMMMAAAAAARRRRRRRTTTTTTHHHHAAA-
AAAAAA!!!

Sujo, percebeu que não tinha se machucado e foi direto ao banheiro.

Nunca saberei se a musse ficou boa.

Mas alguma coisa eu precisava mudar naquela receita.

.....
Martha Aurora Aguilar (martha_auroraa@hotmail.com) nasceu na Cidade do México, em 1959. É arquiteta e psicopedagoga. Longe de sua pátria, sentiu necessidade de contar suas experiências. Escrevendo sobre sua vida, percebeu na não ficção uma forma de conservar o patrimônio histórico das famílias.

Vô Zé

Bruno Mazzoco

Naquele dia, ao entrar na casa de meu avô, experimentei uma sensação esquisita, difícil de descrever. Era a primeira vez que estava ali depois de sua morte, cerca de 15 dias antes. À medida que subia as escadas e ia sentindo aquele cheiro característico — uma mistura de umidade, papéis velhos e fumo de corda —, aquela sensação inominável parecia crescer. Não era tristeza, nem melancolia. Não era raiva, nem impotência. Talvez um pouco de saudade. Mas, mesmo essa palavra, tão peculiar de nosso idioma, não dava conta de expressar a totalidade do que aflorava em mim. O que quer que fosse esse sentimento, sabia que era composto de grandes doses de certeza e tranquilidade. Em todos seus erros e acertos, meu avô sempre passou a ideia de que as rédeas de sua existência nunca estiveram frouxas em suas mãos. E quando o fim se aproximou, sua atitude tinha a calma e a dignidade de que só aqueles que estão quites com a vida são capazes.

Ao entrar na sala, encontrei meu tio, Angel, mexendo em um amontoado de papéis acumulados na escrivaninha. Ali estava a caixa com os apetrechos com que fazia seu cigarro de palha.

Lembrei uma das últimas vezes em que havia estado com meu avô antes de sua ida para o asilo. Assim que abri a porta, ao cruzar a soleira, sentira o odor adocicado do cigarro de palha. Quando terminei de subir as escadas, ele o apagara pela metade em uma caixa de fósforos.

— Estava pitando?

— Só um pouco. Tem macarrão. Quer?

Quando terminava o almoço, ele sempre cumpria o mesmo ritual. Levantava-se da cadeira na cabeceira da mesa da cozinha e dirigia-se ao cômodo contíguo. Voltava de lá com a caixa de charutos antiga, sem o nome do fabricante, e sentava-se novamente para preparar seu pito. De dentro dela, com suas mãos grossas de vidraceiro, retirava os instrumentos necessários para a operação. Com o dorso de uma faca de lâmina curta e encurvada, alisava uma folha de palha para separar as tiras mais fibrosas que usaria mais tarde. Cortava um naco de fumo de corda — do goiano, o mineiro é muito forte —, que ia habilmente picando em pedaços menores, acumulados na palma da mão, antes de serem depositados no moedor manual. A trituração devia ser precisa, nem muito fina, para que o fogo não consumisse o cigarro rapidamente, nem muito grossa, dificultando as tragadas.

Meu avô realizava toda essa operação em silêncio. Então, enrolava o cigarro, atava-o com uma das tiras separadas e me convidava para um passeio para fazer a digestão. Ao sair de casa, acendia o palheiro, pitava duas ou três vezes, sem tragar, e o apagava na caixa de fósforos.

Abri a caixa de madeira. Os utensílios estavam todos lá. O fumo ainda conservava a umidade, como se tivesse sido comprado há pouco, embora meu avô estivesse no asilo há cerca de um ano. Comecei a preparar um cigarro enquanto meu tio ria da variedade de coisas sem importância acumuladas sobre a escrivaninha. Uma das pilhas de papel concentrava comprovantes dos últimos eventos frequentados por seu pai. A lista era eclética: ia de programas de música clássica a encontros no grupo de voluntários do hospital público em que ele “contava histórias para os velhos”, como ele dizia, com um meio sorriso no rosto. Vez por outra meu tio parava o que estava fazendo e conferia meu trabalho, sem falar nada. Quando finalmente enrolei e acendi o cigarro, ele comentou algo sobre a transmissão do antigo hábito.

Avançávamos na destruição de papéis inúteis e, de uma gaveta, surgiu uma foto 5x7 de meu avô, quando deveria ter 40 e poucos anos. Percebi que daquela época para o período de minha infância, mais de 20 anos depois, sua fisionomia pouco mudara. Já estavam lá as orelhas grandes como as do Lima Duarte, os poucos fios de cabelo penteados de lado, na tentativa vã de disfarçar a careca — penteados um tanto ridículo, que tirava um pouco de sua respeitabilidade, mas que fora sua marca registrada por muitos anos —, e o nariz comprido e afilado. Tudo muito parecido com a imagem que guardo dele de quando eu era pequeno. A única diferença estava na expressão. Seu olhar era crispado, incisivo. E o meio-sorriso — que na minha experiência era indicativo de um espírito gozador, ou gaiato, como ele gostava de dizer — assumia

um tom ameaçador. Tive a impressão de que, após tirar o retrato, ele esfaquearia o fotógrafo.

Angel deve ter pensado o mesmo.

— Parece mais um agente da SS do que um filho de italiano — disse meu tio, ao olhar a imagem.

A mudança em seu semblante no decorrer dos anos parece ter sido acompanhada pelo abrandamento da personalidade.

Angel não se cansa de contar a história de quando, ainda pequeno, criticou o jantar servido por sua mãe e terminou com a cara afundada em um prato de sopa quente. Ou da vez em que meu avô resolveu levar os dois filhos em uma viagem de mais de 400 quilômetros até a casa de seus parentes em Catanduva, sentados na lata da caçamba de uma picape Ford, de onde voltaram acompanhados por um porco, preso durante todo o tempo dentro de um saco de aniagem, onde fazia suas necessidades.

Ouvir histórias como essas sempre me causaram uma espécie de dissonância cognitiva. É difícil conciliar as lembranças do velho José na minha infância com as que meu pai e meu tio tinham dele quando eram crianças. Não que o passar dos anos tenha transformado meu avô em um velho bonachão, mas ele estava longe da imagem do agente nazista da foto ou do pai rígido e impaciente dos relatos de seus filhos. Quando chegou a minha vez de interagir com ele, restavam apenas alguns resquícios dos antigos comportamentos. A disciplina e a obediência ainda eram muito valorizadas, mas ele só fazia questão dela quando estávamos à mesa. As conversas não eram encorajadas, mas permitidas desde que cada um mantivesse o tom de voz sob controle e esperasse sua

vez de falar. Tendências mais verborrágicas eram interrompidas com um simples “Agora é hora de comer”. Se estivéssemos a seu lado na mesa e tentássemos pegar algo das travessas sem utilizar um garfo ou pegador, recebíamos um golpe com o cabo da faca na mão. No mais das vezes, o tratamento era paciente e atencioso, apesar do tom seco.

Com meu avô tive algumas experiências singulares, como ir a um enterro e a um concerto de música clássica quando tinha seis ou sete anos e frequentar eventos em que muitas vezes eu era a única criança, do tipo jantares de seus amigos da colônia japonesa e eventos da comunidade italiana. Se ele tivesse algum compromisso e me encontrasse de bobeira pelos cantos da casa, me enfiava dentro do carro e me levava com ele, sem cerimônia. Menos do que uma criança, ele me tratava como um pequeno adulto. E eu adorava.

Além disso, algumas de suas idiossincrasias ajudavam a compor um retrato pitoresco. Era um praticante contumaz da saída à francesa. Quase nunca se despedia das pessoas em eventos familiares, apesar de sempre pedir à dona da casa que lhe embrulhasse um pedaço de bolo e outras guloseimas. Tinha aversão a telefone — falava apenas o essencial e, com frequência, desligava na cara de seu interlocutor —, e fazia questão de se manifestar quando achava que alguém havia engordado, geralmente falando diretamente para a pessoa.

Acessava essas memórias enquanto meu tio fazia suas digressões sobre os causos do velho José. Ao ouvi-lo falar, reconheci nele o mesmo tipo de sentimento que buscava nomear enquanto

subia as escadas. Só entendi que o que sentia era uma espécie de orgulho da autenticidade de meu avô quando meu tio concluiu de maneira cristalina.

— É... o velho era foda.

A quinta parede

Victoria Schechter

De: Audrey Priestly <audreypriestly@gmail.com>

Para: mhfs2000@uol.com.br

22 de março de 2018, 7:42

Assunto: Manhattan

Não consegui resistir.* Tenho que escrever pra você hoje. É quase uma dor física que eu preciso fazer parar. Está nevando! Nevando de verdade, feito num cartão de Natal, como o final feliz de um filme romântico. Claro que tem nevado o mês inteiro, aquela neve chocha, gelada, floquinhos tão finos que quase parecem chuva, daqueles que se desmancham assim que tocam o chão e as ruas ficam todas enlameadas, cobertas de poças brilhantes, espelhos que duplicam o mundo em outro, cheio de vultos tortos. Como ia ser diferente?

Mas essa noite nevou de verdade. Fui até a cozinha do apartamento tomar um copo de leite às cinco da manhã (acordei e não consegui dormir mais). Já estava claro. Olhei pra janelinha

* O texto é um excerto de romance em desenvolvimento.

que parece a fenda na torre de um castelo: estava branquíssima de neve! Enfiei um casaco e fui até a porta do prédio, de pijama. A escada estava invisível! Quase não tem carros na rua, acho que não devem conseguir dirigir. Alguma máquina afastou toda a neve pras calçadas, abrindo um vale pros carros. O asfalto tem uma camada de gelo prateado em cima, que reflete o céu branco. Da rua, você levanta a cabeça e é como se tivessem inserido os prédios sujos de Nova York com photoshop numa imagem da Antártida.

Sabe, eu fiz as contas, e pago proporcionalmente mais aqui do que por um apartamento de dois quartos num bairro bom de São Paulo. Em Washington Heights. Deveria ter pensado melhor na hora de escolher um bairro. Quer dizer, Washington Heights só me chamou atenção por causa de In The Heights. Só que até onde eu sei ninguém ganhou 96 mil dólares recentemente por aqui, nem saiu dançando pela rua sonhando com o que faria com 96 mil dólares. Se não fosse In The Heights, as músicas que eu tanto cantei, as cenas que eu tanto desejei assistir ao vivo (ou melhor, que eu tanto desejei assistir de dentro), nem saberia da existência desse lugar.

Incrivelmente, as duas meninas pra quem eu pago o aluguel não são latinas nem negras. Acho que são chinesas, mas não sei diferenciar os asiáticos muito bem. Prefiro não perguntar. Acho que se elas forem da Coreia ou de Taiwan se sentiriam tão ofendidas quanto eu, quando americanos afirmam que brasileiros falam espanhol. Parece que elas aprenderam um pouquinho mais de inglês desde que eu cheguei. Também, assistem a reality shows o dia inteiro. (Sério, não consigo mais olhar a cara da Kim

Kardashian sem ter vontade de socar alguma coisa.) Mas ainda só falamos comigo quando eu inicio o diálogo, geralmente pra perguntar se querem algo do mercado. Eu tive mãe pra me dar educação. A resposta é sempre não. Assim mesmo: “Não.” Só. E um olharzinho chinês instantâneo. Sem um obrigado. Acho que uma palavra universalmente conhecida é “thank you”, se é que existe uma, não? Elas também fumam um negócio que não sei identificar. Os tipos de drogas que podem ser fumadas não foram algo que aprendi na adolescência. Estava ocupada demais, ensaiando. Mas todas as minhas coisas agora têm esse cheiro enjoado.

É bom escrever um pouco em português. Desde que cheguei, acho que não falei uma palavra de português, o que já faz quase seis semanas. Estou até medindo o tempo em semanas, como eles fazem aqui. Até sonho em inglês às vezes. Já vi alguns brasileiros por aí, turistas, um bêbado cantando um pagode desafinado, uma caixa de supermercado que, só pela expressão corporal, percebi que era brasileira. Não falo português com eles. Não tenho vontade. Aqui tudo está tão longe do que éramos na nossa casa, nos nossos dias, nas nossas conversas, revelar pra essa gente estranha que cantei o mesmo Hino Nacional toda semana na escola e usei as mesmas cores na Copa do Mundo... A sensação é de contar um segredo íntimo demais pra ser posto em palavras, seja qual for a língua.

É estranho, mas não sinto falta do Brasil. Na verdade, não é tão estranho. Acho que é até bom, já que escolhi me mudar pra cá. Nos primeiros dias, a Luciana me mandava mensagens o tempo todo, mas depois parou. Deve estar muito ocupada com

o casamento. A Debi também não tem falado comigo. Ela não foi muito a favor de eu me mudar, disse que era besteira minha, que eu devia arranjar um trabalho de caixa de banco, fazer uns bicos como professora de balé ou de canto, parar com essa história de atriz. Se eu não conseguia nada em São Paulo, era louca de achar que ia conseguir em Nova York. Mas ela mesma se mudou pra Brasília, não foi? Podia muito bem ser jornalista de política de outro lugar, não podia? São Paulo estava logo ali, 40 minutos até o Jabaquara. Ela deve ter razão, até certo ponto. Eu sei que é muito difícil, mas mesmo assim... Não dava mais pra continuar morando naquele apartamento, não depois.

De: Audrey Priestly <audreypriestly@gmail.com>

Para: mhfs2000@uol.com.br

22 de março de 2018, 12:23

Assunto: Café em NYC!

Estou num Starbucks de frente pro Central Park. Estou tomando uma caneca imensa de café com creme e tem um livro apoiado no porta-guardanapos. Muito nova-iorquina, até usando sobretudo. Trouxe O Fantasma da Ópera comigo, com a capa preta e as letras em relevo, o mesmo que me olhava da prateleira todo dia de manhã. Dez anos ele ficou ali, me vigiando, fazendo com que eu me sentisse culpada porque nunca passei da página 20. Enfiei na mala quando vim, com um monte de tralhas que prefiro não comentar. Nunca fui muito lógica pra fazer malas, preciso da sua revisão final pra dobrar tudo igualzinho, atirar em cima

da cama as porcarias inúteis que eu sempre enfio e apontar uma coisa importante que com certeza esqueci. Agora que estou aqui, com tempo pra matar, decidi ler até o fim. Afinal, gosto tanto do musical, não há motivo pra não gostar do livro, certo?

Preciso fazer os dias passarem de algum jeito, fora daquele caixote.

Tem 40 minutos que estou aqui e só agora os pés começaram a descongelar. Tudo bem que andei na neve funda desde o Heights até o Central Park (quantos quilômetros será que isso dá?), mas meu casaco não é nem de longe suficiente. Peguei emprestado da Luciana. Achei que a esta altura já devia ter conseguido comprar um pra mim. O aluguel com os chinês está pago para o próximo mês, mas só tenho 10 dólares na carteira, e têm que durar o máximo possível. Hoje ainda não comi nada a não ser esse café com gosto de água suja deles (e o leite de manhã). O cheiro dos panini já está virando tortura. Preciso voltar e comer as refeições prontas no freezer, calculadas pra durarem até a próxima segunda-feira. Depois disso, espero que minhas duas notinhas de cinco comecem a se gostar logo e me deem filhotes.

Já perdi a conta dos currículos que mandei. Encontrei até um restaurante com temática de musicais. A garota do caixa largou meu currículo num canto do balcão com um resmungo, como se fosse um panfleto que a gente pega no sinal só pra fazer um pobre coitado, no sol o dia inteiro, terminar logo o serviço.

Há uns dez dias comecei a dar tiros de metralhadora de currículos, fotos, vídeos, gravações de todo tipo. Coisas para TV, inclusive. Pode ser que aquele curso caro com o diretor da Globo

que você me obrigou a fazer seja útil agora. Foi o que você sempre disse, que eu ia precisar em algum momento. Estou a um passo de passar pros empregos de imigrantes. “Oi, meu nome é Audrey! Sim, tipo a Audrey Hepburn. Sou brasileira correndo atrás do meu sonho de atriz em Nova York, mas enquanto o sucesso não chega, sou garçõete.” Que clichê. Se bem que o clichê deve ser um alívio, às vezes.

Não me sinto enquadrada no papel de garçõete sonhadora que veio do meio do nada. Por favor, me tirem essa garota com esse inglês metido a Julie Andrews da fila e passem alguma venezuelana refugiada na frente. É como se eu fosse daquela gente que usa óculos só porque acha estiloso, sem ter problema de visão de verdade. A mocinha educada e talentosa, que aprendeu inglês com letras de Rodgers & Hammerstein, que tem zero experiência de trabalho e dupla nacionalidade americana, querendo bancar a imigrante batalhadora.

Você deveria ter ficado aqui, devia ter obrigado meu pai a casar com você e a lhe dar uma possibilidade de viver a cultura que você adorava. Em vez de enfiar você num táxi para o aeroporto com um bebê de dois meses debaixo do braço pra sumir em algum fim de mundo tropical com macacos correndo na rua e mulheres seminuas na praia. Ele pagou a corrida pelo menos? Você nunca disse.

Pelo menos agora não tenho problemas com a imigração. Entro na fila de cidadãos americanos no JFK, sustentando a cabeça alta debaixo de olhares tortos. O livrinho azul marinho ainda é meu, com minha foto e assinatura autênticas. Apesar de tudo.

Você deve ter se apaixonado mesmo pelo meu pai. Agora, lembrando como você sorria e tocava meu nariz, o nariz fino que não é de ninguém da família. Você nunca disse, mas devo me parecer com ele em muita coisa, tem muitos traços em mim, a minha altura, os meus olhos claros, o meu cabelo liso, que ninguém mais na família tem. Devia sentir falta dele toda vez que me olhava. É difícil pensar na mãe da gente apaixonada, amante de alguém, sofrendo por amor. Não a mãe margarina que fazia nosso lanche e nos levava pra escola, que passava mertiolate e fazia leite quente pra tristeza passar. Nunca paramos pra pensar nas lágrimas que você deve ter chorado no quarto fechado, no quieto da noite quando podia encerrar o ato da mulher guerreira, da mãe dupla jornada, e ser só você. Nunca vi você chorar. Acho que nunca mesmo, tirando o final da primeira fita de vídeo de ... *E O Vento Levou* e a música final de *Miss Saigon*. Que saudade do cheiro dos biscoitos de maçã e canela, quatro pra mim, seis pra Debi, porque ela era maior, e de ouvir você falando de suas heroínas (Kim, Scarlett, Fantine, Christine). Que saudade de quando você ainda estava aqui.

.....
Victoria Schechter (victoria.schechter@gmail.com) nasceu em Santos, em 1992. Graduada em Letras pela USP, é tradutora, professora e atriz. Em 2019, foi pré-finalista do Disquiet Prize e recebeu o 3º lugar no Concurso Nacional Novos Escritores.

Causalidades

Ana Fukui

Janeiro de 1952

Lia morava no centro de Santo André. Aos 18 anos, só pensava em mudar de cidade.

A vida não parecia ruim, mas morna. A maior emoção eram as três sessões semanais de cinema.

O escuro oferecia aventuras, romances e heróis. Já havia curtido Tarzan, tido medo do King Kong e dançado com Fred Astaire e Ginger Rogers em Paris. Paris! Sonhava com a Europa e vivia num subúrbio industrial de terceiro mundo.

Sem nada a perder, resolveu tentar a faculdade — pedagogia —, caminho óbvio depois de se terminar o curso normal. Lia aderiu ao sonho das moças que a rodeavam. Já parecia muito fazer um curso superior.

Chegou cedo nas duas avaliações do vestibular — uma prova escrita e outra oral.

Tinha aprendido com seu pai, operário de fábrica, que chegar cedo poderia fazer diferença. Passaria o resto da vida sendo a primeira a chegar nos compromissos e a se irritar com a mania dos quinze minutos de atraso das pessoas.

Mas ainda não era assim.

A avaliação escrita foi feita. E então seguiu para a prova oral, decisiva para ingressar na Universidade de São Paulo.

Entrou na sala de avaliação.

Cumprimentou o examinador. Se lembraria de sua imagem durante muitos e muitos anos.

Ele estava sentado, mas dava para ver que era magro e alto. E elegante. Uma elegância de alma, ela diria um dia. Ele perguntou:

— O que a senhorita leu ultimamente?

— André Gide.

Após uma breve discussão sobre o autor, ela foi dispensada.

Para sua surpresa, entrou na faculdade.

Junho de 2018

Sábado chuvoso e frio em São Paulo. Mesmo assim, tiro minha mãe de casa com a promessa de uma palestra sobre as fotografias de Canudos. Ela escuta atenta. Depois, me conta que queria fazer perguntas, mas sua timidez a impediu.

Nosso almoço acontece em uma mesa grande. Os restaurantes agora têm essa mania de mesa comunitária e música ambiente, o que dificulta a conversa com as pessoas que usam aparelho de

surdez. Assim, minha mãe senta-se ao meu lado para contar suas histórias enquanto desfruta sua refeição. Sem o habitual copo de vinho porque quer aproveitar o dia fora de casa. Ela tem uma alegria quase infantil ao sair de casa.

Ao final da refeição, lembro-me de outra exposição ali perto sobre um dos mais famosos professores da USP, Antonio Candido. Ela topa ir. Na saída, ofereço meu braço como apoio. Como sempre, esqueceu a bengala, e fico com medo que escorregue nas calçadas ainda úmidas da cidade. Ao contrário do esperado, ela não recusa. Tomamos um ônibus para andar um quilômetro na Avenida Paulista. É rápido.

Na entrada, cai na gargalhada.

— O apelido do Antonio Candido e seu grupo entre os alunos era Chatoboyes... Eles eram tão certinhos... tinha me esquecido desse detalhe.

Ela continua a observar as fotografias com atenção e desfia mais comentários sobre outros tempos:

— O professor Antonio Candido sabia o nome de t-o-d-o m-u-n-d-o. Não esquecia ninguém.

E repete a mesma história de anos:

— Já lhe falei que ele foi meu examinador na prova oral do vestibular? Conversamos sobre um livro de André Gide. Coisa esquisita para alguém de 18 anos ler.

Caso encerrado

Fabíola Reis

— Chefe, tem quatro malucos na porta da delegacia querendo falar com o senhor. Uma velha, uma menina de capuz vermelho, um lobo e um motorista de Uber.

— Do que se trata?

— A menina acusa o lobo de crime de falsa identidade.

— Mande entrarem!

— Seu delegado, esse lobo me enganou. Ele se fez passar pela minha avozinha doente, imagine só o senhor!

— Foi só uma brincadeira!

— Acalmem-se! Um de cada vez! Vamos ver o que a menina tem a dizer.

— É o seguinte. Minha mãe mandou que eu levasse esses doces para minha avó que estava doente. Aliás, aceita um docinho, seu delegado?

— Bom, hã, vou pegar um para mais tarde. Prossiga.

— Eu vinha pela Estrada Afora, o senhor conhece?

— Sim, sim. Adiante.

— E então eu encontrei esse...esse...farsante. Ele perguntou para onde eu ia e eu disse que estava levando doces para minha avó doente. Já falei que minha avozinha estava doente?

— Sim... Continue.

— Ele garantiu que se eu pegasse um atalho chegaria mais depressa.

— E você chegou?

— Não! A estrada era muito mais longa. Andei, andei e parecia não chegar nunca. Tive que pegar um Uber. Tudo bem que deu tarifa mínima, mas a pé era longe.

— Ok, ok. Continue.

— Quando cheguei, bati na porta e ouvi uma voz dizendo para eu entrar. A voz parecia um pouco rouca, mas como minha avó estava doente, achei que fosse normal. Entrei. Cheguei perto da cama e vi que sua aparência estava estranha. Pensei: “Que raio de doença é essa que minha avó tem?” Então, perguntei:

— Vovó, que nariz grande é esse?

— É para te cheirar melhor, netinha.

— E que orelhas grandes!

— É para te escutar melhor!

— E essa boca enorme?

— É para te comer!

E aí o lobo levantou e correu atrás de mim. A minha sorte é que o Cleilton ...

— Calma aí! Quem é Cleilton?

— O motorista do Uber!

— Ok... Continue.

— O Cleilton estava na porta porque eu tinha esquecido minha cesta de doces no carro e ouviu meus gritos. Deu com a cesta na cabeça do lobo e ele caiu. O lobo disse que se rendia e que minha avó estava no armário.

— Pera lá, não foi bem assim!

— Então como foi, sr. Lobo? Adeílson, está anotando tudo?

— Sim, chefe.

— Prossiga.

— Eu estava fazendo minha caminhada matinal pela Estrada Afora como sempre faço e essa menina chegou me contando que a avó estava doente, que iria levar doces pra ela blá blá blá e me perguntou onde era a casa da avó. Que neta desnaturada não sabe onde fica a casa da própria avó? Decerto nunca foi fazer uma visita pra pobrezinha e agora vem querer se redimir levando doces pra Dona Clotilde.

— Espera! Você conhece a avó da menina?

— Claro! Sempre caminhamos juntos, mas como ela estava doente, não foi caminhar.

— Mas como você sabe que a avó da menina é a Dona Clotilde?

— Bom, seu delegado, não existem muitas avós morando na Estrada Afora.

— Tudo bem, em frente.

— Então, resolvi pregar uma peça na menina. Como ela não conhecia o caminho, indiquei uma estrada mais longa. Assim, eu

chegaria primeiro, me vestiria com as roupas da Dona Clotilde e ela se esconderia no armário.

— Mas como você sabia que a Dona Clotilde iria concordar?

— Porque ela é fanfarrona como eu e, além do mais, sempre reclamou que a neta nunca vai à sua casa.

— Continue.

— Cheguei lá, combinei tudo com a Dona Clotilde, vesti a camisola, deitei na cama e esperei. A menina chegou depois de uns dez minutos. Bateu na porta e eu disse pra ela entrar. E aí o senhor já sabe o que aconteceu.

— Vovó! A senhora estava envolvida nessa brincadeira de mau gosto?

— Ah, quer saber? Você nunca veio me visitar! Sua mãe sabe que sou diabética e manda me entregar uma cesta cheia de doces... E outra: foi só uma brincadeira! Pare de choramingar.

— E o senhor Cleilton? Tem algo a dizer?

— Tenho, sim. Eu estava na Estrada Afora por acaso. Já estava encerrando o expediente, estava voltando pra casa e o Waze me jogou lá. Se eu soubesse que ia dar essa confusão, nem teria aceitado a corrida. Posso ir, seu delegado?

— Pode. Aliás, saiam todos daqui. Ninguém se feriu, está tudo esclarecido. Já perdi tempo demais com vocês! Caso encerrado! Adeilson, vá até a Starbucks e me traga um café. 500 ml. Estou precisando.

.....

Fabíola Reis (fgpreis@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1973. É formada em Publicidade e Propaganda e em Pedagogia e professora no Ensino Fundamental há 18 anos. Colabora na edição e revisão de livros do Amanhã Gente Grande, projeto educacional com foco na literatura infantojuvenil.

Dinamite

Thiago Costalonga

É um borrão que se espalha pela cidade; entra nos condomínios, nos quartos e não escolhe vítima, se apodera dos mendigos desvairados e de gestores psicopatas. São Paulo tem doze milhões de habitantes; um terço é doente.* Essa é a capital dos ansiosos, egoístas, *workaholics* depressivos e psicólogas suicidas. O Clonazepam segue como opção, se não a mais efetiva, a mais receitada. Parei com os remédios; Esther ainda não sabe, me mataria. Da sacada, vejo que a banca de flores insiste em seu ofício; o problema é de público, já que ela não serve àqueles que dividem o sofá rasgado, ou à velha de poucos fios brancos que regurgita pão aos pássaros; o mercado das flores é sustentado por senhorinhas solitárias, habitantes de palacetes e antiquários ao redor da praça; cada vez mais raras por aqui, são elas o último vestígio de um Arouche dos anos dourados. Acabou tão rápido que não sobrou nem a prata da lua; a grama hoje é terra batida: chão para os aparelhos de ginástica enfiados, granja para as pombas que co-

* Trecho inicial de um romance.

mem pombas e cama disputada por humanos e ratos. Da sacada dá para ler: BEM-VINDOS À NOVA ERA DO AROUCHE. O projeto de revitalização emperrado que continua nas mãos de uma empreiteira francesa tocada por homens que nunca puseram os pés no terceiro mundo. O Paulo Mendes da Rocha tá ali, só a duas quadras de distância, mas a ordem é pagar em euro e execrar a esquerdalha. Não sei quando tudo começou, suponho que tenha sido quando ergueram as primeiras caixas de dezenove metros quadrados, piscina, academia, farmácia, bicicletas compartilhadas e sabe-se lá mais o que se enfia num prédio hoje em dia. “O condomínio é *all-inclusive*, você não precisa sair para nada!” Sair para quê? Se do quarto já dá para ouvir o tilintar das garrafas seguido pelos gritos por socorro. A Praça continua sendo a xepa da cidade, tudo o que fede vem parar aqui, e as flores não são páreo pra quantidade de lixo. As empreiteiras e eu chegamos à mesma conclusão: é melhor viver sem sair de casa. Eu, pelo menos, imponho esse infortúnio a uma única vida além da minha, a de Bioy. Uma hora dessas vão perceber que não adianta *ventokit* ou paredes *drywall* —no fim, tudo aqui cheira a mofo.

No Arouche, até o luxo é inóspito. Le Casserole, Tasca e Gato que Ri. França, Portugal e Itália, a santíssima trindade da classe média segue bem representada. Entre todas certezas falsas, a viagem a Itália patrocinada pelas notas debaixo do prato continua sendo minha fantasia favorita. O sorriso do gato na vitrine esconde o crime atrás do balcão, o assassinato da antiga proprietária,

Dona Amélia. A mulher teve o anelar decepado para que lhe roubassem o diamante, desencarnou cheia de furos e sem uma joia no armário. O assassino até hoje ninguém sabe quem é — há quem jure saber (quem não sabe mesmo é quem investiga). Seja a culpa da melancolia ou da atmosfera de filme de terror, fato é que sempre gostei de propor meus encontros amorosos nessa cena de homicídio doloso. Inclusive o último com Esther.

Ela saiu do táxi, o cabelo escondia a identidade; o cortavento, o corpo; e a bolsa a tiracolo simulava um cinto de segurança. Não nos víamos fazia cinco anos.

Oi, Téo.

Ótima, e você?

Tem um isqueiro?

Ansiedades dissipadas, fomos conduzidos pelo garçom e seu excesso de zelo, aquela cordialidade que é tamanha que só pode esconder um segredo. Os garçons do Gato parecem mesmo uns velhos amaldiçoados: peles secas e olhos manchados pela catarata, como que obrigados a sair das covas para reproduzirem a eterna rotina de servirem com excelência. Pedimos o vinho mais barato da lista, não sem antes constatarmos a margem cretina de lucro que transformou a garrafa de quinze em um vinho de sessenta, e em pouquíssimos passos, já que eles vêm todos do mercadinho da esquina.

— O que tem de errado com esse garçom?

— Talvez seja um dos amaldiçoados.
— De novo a história da Dona Amélia?
— Eu gosto do folclore, você sabe — respondi, olhando para Esther.
— É, sei bem.
— Preciso dizer que é o assassino que está nos servindo?
— Não duvido. Dona Amélia é o fantasma que menos me assusta no Arouche.

O garçom voltou com a garrafa, trazendo a tiracolo sua elegância funérea, e mesmo sabendo que o vinho era uma merda, viu-se obrigado a manter a tradição do homem-cheira-a-rolha. Recusei enfiar o nariz em uma tampa de alumínio e pedi para que servisse logo as taças, as duas de uma vez, não a minha primeiro e depois a de Esther, como manda a etiqueta do macho ômega. A rebeldia perante o rito sagrado foi um desacato à subserviência do senhorzinho. Talvez tenha reparado que o assunto na mesa era Amélia, e a partir de então passou a nos servir trêmulo, tímido, ofendido, como se nós houvéssemos insultado sua crença ou blasfemado sua maldição. Esther, de frente para mim, devia pensar a mesma coisa, e não conseguia esconder o sorriso.

Os primeiros minutos desse último encontro foram de análise mútua. Cruzamos olhares, seu rosto subia e descia, e eu espia-va suas pernas, a postura perfeita de mais de dez anos de pilates. O plano inicial era sair do restaurante e tomar um drinque no bar

ao lado, mas não hesitei em fazer o convite. Tem umas garrafas de vinho em casa, eu disse. Ela riu como quem admitisse a possibilidade, mas foi enfática ao dizer que só iria com uma condição: que eu respondesse à mesma enquete que fez quando eu cheguei a São Paulo: três filmes, três livros e três comidas. O tipo de resposta que se altera com o tempo, mas que também faz o tempo correr mais rápido. Na rua, o clima era de outono. Andamos os poucos metros entre o restaurante e o prédio. Para entrar, contornamos um corpo adormecido que atrapalhava a fluxo de pedestres e fomos em frente, como se aquele homem nunca houvesse existido. E assim veio mais uma imagem dessa mulher que se impregnou em minha memória: a batalha que tomou conta de seu rosto assim que passamos pelo portão de acesso, quando bem ali, na minha frente, foi possível enxergar, de um lado, os sinais de surpresa, de outro, sua intenção deliberada em escondê-los. O Santa Eliza venceu, ela parecia em estado de graça, um pouco bêbada rodando pelos mosaicos de granilite, sob o pé direito de quatro, cinco metros e de frente para a serralheria arredondada que transforma os ângulos retos daquelas janelas. Ali, naquele momento, estavam algumas respostas; as afinidades mais antigas e a atração reprimida. Nos traumas, medos e nas bulas de remédio não ousamos tocar. Tais momentos luminosos só brilham, porque escondem o breu.

Demorei, como de costume, a achar as chaves. Bioy, impaciente do outro lado da porta, já se fazia notar pelos miados histéricos. Ao entrarmos, tudo estava na mais absoluta ordem.

Bioy é desses gatos dramáticos — estava lá, deitado no edredom, tranqüilo, como se o último feito não fora um escândalo. Fui à despensa pegar um vinho, um vinho bom, enquanto gato e mulher se curtiam. Bioy não é lá muito chegado em gente, costuma se esconder de qualquer visita, mas talvez a reação do gato tenha origem na capacidade de Esther de condenar certas vidas a orbitarem ao seu redor. Ao voltar com a garrafa, deparei com ela agachada diante da estante dos livros e Bioy ao seu lado, como se fossem íntimos. Quanto aos livros, admito, os havia reordenado de acordo com o gosto dela.

A língua de Esther escapava pelos lábios, talvez para umedecê-los.

Fui à cozinha à procura do abridor de vinho, esse utensílio doméstico que tem vida própria e que mantém o hábito de desaparecer. Perfurei a rolha com a faca dos queijos, sem muito sucesso, e antes que a situação, porventura, se tornasse constrangedora, Esther ofereceu suas coxas como base para garrafa, de modo que ela estava sentada no sofá, e eu de joelhos na sua frente. Travou a garrafa com as pernas; o suficiente para me despertar. O movimento foi brusco e tirei proveito das suas coxas, girava lâmina e rolha, ao mesmo tempo. Os ombros foram para trás graças a um solavanco, e junto comigo desceram primeiro as pernas, depois o resto corpo. Os peitos de Esther continuavam os mesmos; não como quando os espiei pela primeira vez; mas iguais há cinco anos, quando os vi

pela última. Ficava mais bonita com o tempo; mais firme, mulher. Montou em mim enquanto o gato nos observava impassível; a garrafa, aberta, caiu e manchou o tapete.

Suelen

Fabio Brazil

— Dez cigarros, Valéria, cê tá louca? Um monte de palavra não vale isso.

— Você que sabe. Mas está chovendo pra caralho. Hoje não tem pátio. Vai ficar todo mundo aqui no socado. Vinte meninas recebendo visita e duzentas veneno entupidas nesse salão... A gente podia escrever a carta. Você não tem o endereço do artista? O Manny não entrega pro Raimundo? Então? Dez pitos e eu escrevo a carta.

— Pago cinco. Mas é só pra passar o tempo. Pago mais cinco se ele vier até aqui. Escreve aí, escritora: “Raimundo, aqui é a Suelen. Você não vem me ver? Eu estou precisando de umas coisas. Aqui é dureza sem ninguém pra ajudar”.

— Calma, ninguém escreve tão rápido assim. Deixa eu me arrumar. Calma. Como você quer começar?

— Já disse: “Raimundo, aqui é a Suelen. Você não vem me ver? Estou precisando de umas paradas”.

— Não! Assim ele não vem. Assim você vai continuar na correria e eu não ganho meus cinco pitos. Deixa que eu começo, você vai entrando.

Oi Raimundo, estou com muita saudade de você.

Pensar em você é a única alegria que eu tenho aqui dentro. Lembrar de nós dois e dos momentos que a gente viveu juntos; parece um sonho e me faz sentir melhor. Quando eu vejo as outras meninas chorando sozinhas, fico imaginando que elas não têm ninguém nem para se lembrar, aí eu penso mais forte em você.

— Lê de novo esse começo aí. O lance do sonho...

— Pô, Raimundo, já li isso duas vezes. Vamos para frente. Não é assim que se lê carta, não, mano.

— Foda-se, Play, a carta é pra mim, eu leio como eu quiser. É que eu não sei ler, caraio. Lê aí.

Os dias aqui são sempre iguais. Indo de um lugar para o outro, rodando sem sair do lugar, queimando no sol e voltando para a sombra. Na oficina, o serviço é sempre o mesmo e não termina nunca, é como ser escrava e ficar enchendo balde sem fundo. Ficamos com fome e com sede o tempo todo, lutando para viver e viver é sofrer mais. O tempo aqui não passa, Raimundo, é mesmo um cemitério de mulheres vivas. Eu sonho que o nosso amor te traga até aqui para me visitar.

— Valéria, esse lance de cemitério tá meio esquisito, tira esse treco. Diz logo que estamos no inferno. Não enrola. Se falar de cemitério, ele não vem mesmo, tem um medo de fantasma que se pela; só de falar ele já fica na tensão.

— Mas tá bonito. Ele vai ter pena e vir até aqui. Escrever é para isso, Suelen, pro outro sentir as coisas. Continua daí e eu vou completando.

São mais de vinte mulheres na minha cela. As Xerifes mandam em tudo. São as mais velhas aqui dentro e ficam com as seis camas debaixo das jegas. As novinhas sempre começam dormindo na praia. Pra dormir de valete com uma Xerife custa muita correria ou ter família aí fora para ter o que trocar.

— Márcio, ela escreveu mesmo esse papo de cemitério? Cê tá de zueira, né? Sinistro isso daí, Play.

— Escreveu, porra. É como ela se sente, morta-viva, escrava. Eu só não entendi o lance do valete.

— Cada uma com a cabeça prum lado, que nem no baralho. Ou tem que dormir na praia, no chão. Márcio, cê acha que ela gosta mesmo de mim? Tipo, gostar de verdade, assim, que nem filme?

— Acho que sim, Raimundo, é o que está escrito, esse lance sentimental, assim... Não tô inventando, não.

Eu dormi na praia no começo. Mas agora no frio não dá mais. Eu faço minhas correrias por aqui: faxina, oficina, arrumação, passo a mistura nas refeições e até pinto unha, quando ganho um esmalte. Mas tem muita menina fazendo tudo isso. As Xerifes podem até escolher. O tempo todo eu só penso em você, meu amor.

— Diz logo que eu tô com uma Xerife, ele que se foda. Fala logo que a gente se rala no quieto dela. Não enrola. Diz assim: “as Xerife mandam nas jega, montam a tenda com o lençol e é ali a pegação. Se quiser dormir na cama, tem que se pegar com ela. Fim”. Ele nem vem mesmo, pode contar. Quero que o Raimundo se foda. Encheu, chega de carta.

— Suelen, não é assim. Aqui é aqui. Lá fora ninguém precisa saber de nada. O que a gente faz aqui, morre aqui. Tem Xerife aí que já teve até família antes de cair. Só que os maridos dão os filhos pra alguém criar e somem no mundo. E elas vivem aqui, como Xerife. Quando sair, saiu; é mãe de novo. Aqui é aqui, quem não tem o que trocar, tem que se virar. Eu escrevo cartas, uma limpa as jegas, outras ralam xereca. Só isso. Vamos continuar?

— Então quero falar que as Colete-Preto são pior que as Xerife. As Avental-Branco são de boa, mas conta aí que as Colete-Preto provocam a gente o tempo todo, torcendo pra uma reagir e elas descer o cacete. E tem aquela vaca que bate e fica zoando “reeducanda, reeducanda nada, é vagabunda mesmo”, e desce porrada.

— Isso, a gente escreve isso e a carta nem sai daqui. Eles leem tudo antes de mandar, Suelen, esquece. A gente nunca escreve o que quer, escreve o que dá.

Eu só fico sonhando com o dia em que uma agente vai chegar gritando “alvará, alvará” e quando todo mundo se amontoar na grade, será o meu nome que ela vai falar, inteiro e bem alto: Suelen Fernanda da Silva. Aí eu vou estar livre das Xerifes e das Coletes-Preto. Sonho que você vem me buscar, meu amor!

— Bando de filha da puta! Pula essas merda de Xerife. Pula essa porra toda. Tem mais coisa escrita aí, Play?

— Não dá pra ir pulando, Raimundo, não é que nem filme pornô, que dá pra pular as partes chatas. A gente não adivinha o que está escrito depois, vai lendo e falando as palavras. Tem mais carta ainda, espera, tem mais uma folha inteirinha.

Eu não sei quanto tempo ainda vou ficar por aqui. Acho que ninguém sabe, nem as meninas que têm família e advogado. A gente fica esquecida aqui. Quem é veneno que nem eu, sem visita e sem nada para trocar, tem que fazer muita correria para arranjar as coisas: absorvente, comida, sabonete, xampu, cigarro, esmalte, lençol, caneta, papel de carta. Se você pudesse trazer essas coisas para mim. Eu te amo, amo mesmo. A gente aqui dentro nunca, nunca fica sozinha, mas eu me sinto sozinha o tempo todo porque estou sem você.

— Melou, escritora! Melou, hein. Que papo é esse de “eu te amo”? O Raimundo nem vai gostar disso aí. Acho que ele nem liga se eu gosto dele ou não. Tira isso, porra, e tá mó estranho esse final.

— Agora não dá, vai desperdiçar papel. E ficou bom. Vem logo depois de você pedir as coisas para ele trazer. Eu usei isso na carta da Franciele para mãe dela e deu certo. Não pode ter vergonha pra escrever.

Se você vier me ver, meu amor, eu acho que a gente consegue uma visita a dois. Não é tão legal como nos hotéis que a gente ia, mas eu estou com tanta saudade e sentindo tanto sua falta que acho que vou explodir só de pensar em você. Vem, traz as coisas para mim e vem me ter.

— Essa é a minha mina! Vem meter! Aí sim, falou a Suelen! Vem meter. Mas tem o lance do “eu te amo”, não tem? Cê não inventou isso não, né, Play? Tem mesmo esse negócio aí, não tem?

— Tem mesmo, cara, olha aqui “eu te amo, amo mesmo”. Mas é “me ter” e não meter. Entendeu?

— Não fode, Play. Meter é meter, porra. Vem meter. Cê tá lendo ou tá inventando?

— Tô lendo, Raimundo. Claro que eu estou lendo. Só não me chama de Play, ok? Não sou playboy. Se não, não leio mais.

— Então me chama de Ramon, porra. Como cê quer que eu te chame?

— Márcio, né? Márcio. Marcião? Marcinho? Cicinho? É Márcio mesmo. Mas eu não sou Playba. Chama de Márcio. A gente não é amigo?

Todas as meninas que caíram, que nem eu, mandam cartas para as mães pedindo as coisas e ficam o domingo todo esperando. Tem carta que nem sai daqui por falta de endereço ou volta porque a família se mudou. Tem mãe que não tem dinheiro nem para vir até aqui, e mãe que virou evangélica e não visita a endemoniada.

Eu não vou escrever para minha mãe. Ela nem sabe por onde eu ando. Deve achar que fui para o Rio, que nem daquela vez.

— Pô, Val, não queria falar esse negócio da minha mãe aí. Da mãe das minas tudo bem, eu que falei.

— Não, Suelen, você falou da minha mãe que virou evangélica! Daí eu falei da sua também.

— Mas ia parar no “não vou escrever pra minha mãe”, “só pra você, meu amor”, não é assim essa carta? Toda melada. E esse lance do Rio tem que sair, não tem nada a ver, eu ainda tava com o Juju. A gente foi pegar um bagulho no Rio de Janeiro e o Raimundo foi de segurança, só isso. Nem sei por que te contei essa história. Nada a ver.

— Agora já foi, Su. Fiquei com raiva e coloquei. Desculpa, mesmo. Prometo que vou bem devagar. Só nas suas palavras. Vou só consertando umas coisinhas.

— Não, tudo bem. Eu nunca sei o que dizer mesmo. Mas vai devagar. Vai lendo pra mim o que você tá escrevendo. E se eu disser para, cê para e a gente combina o que vai dizer. Não dá para escrever um monte e ler depois. Não tem como apagar.

Outro dia chegou uma novata carioca que foi direto para o seguro. Ficou uns quatro dias lá até se juntar na massa. A presidente foi pra cima dela no pátio. Aqui é assim, Líder de Coletivo tem que se impor, ou cai na vala das outras minas. Ela ficou encarando e a Carioca nem ligou, encarou também. A presidente não arregou

também. Ficaram assim, se encarando. Nos pátios, no corredor, na cela. Agora que se casaram, ficam no maior love no quieto delas. Estou te contando isso porque eu fico pensando nos nossos encontros, daquela vez na casa do Manny. Eu nunca mais esqueci daquele dia, parecia que a gente tinha uma casa, de verdade.

— Cê conhece o Rio, Ramon? Você disse que nunca tinha saído de São Paulo. E essa história na casa do Manny. Ele ficou fotografando vocês transando?

— Eu tinha esquecido. Desse dia aí eu só lembro da Suelen. Fui de segurança do Juju. Nem saí da rodoviária de lá. Na ida, ele comprou as quatro cadeiras do fundão e ficou com a janela lá deles. Eu na minha, com a mochila dos ferros e da grana do lado. Na madrugada, o Juju apagou. E do nada, a Suelen tirou a mochila e veio sentar do meu lado.

— E já rolou ali no busão mesmo?

— Não rolou nada. A gente ficou só conversando. Busão rolando no escuro, eu e a Suelen conversando. Eu nunca tinha falado com uma mina tão cabeça que nem ela. Ela que me contou do Manny, que ele conversava com todo mundo de igual, de frente mesmo. Eu só lembro da voz dela no escuro, falando as coisas bacanas que ele contava pra ela e quando passava um farol e iluminava o rosto dela, mano, eu só queria beijar.

— Mas rolou o lance das fotos, Ramon?

— Não, cara. Nada a ver. O rolo na casa dele foi bem depois, o Manny teve a maior resposta, sumiu lá pra cozinha com

os outros kids e não deixou ninguém sair de lá. Ele queria que a gente ficasse em paz. Quando ele viu que a coisa tava esquentando na sala, pegou a gente pela mão e levou pro quarto dele, puta quarto limpo e arrumado, mostrou onde tinha camisinha e saiu. Só isso.

— Cara, o Manny é demais! Que puta cara legal. Acho que ele é tipo um irmão mais velho pra todo mundo, só que ele é bacana, não é que nem o meu. Ramon, essa mina tá muito a fim de você, acho que ela quer até casar, mano, a Suelen te ama.

Tem muita mulher que está aqui porque tentou manter os rolos do marido depois que ele caiu. Tenho medo que você também caia, e eu não vou poder ir te visitar e levar as coisas para você. Eu quero uma história diferente para nós dois. Eu fico sonhando em ter uma casa de verdade com você, meu amor.

— Valéria, sei lá, mana. Você já tá inventando de casamento. O Raimundo nem veio aqui ainda.

— Mas ele tem que sonhar com um depois, Suelen, com um treco que só vai poder ter depois, e só se vier te visitar, ou você acha que ele vai sonhar com a trepada lá na cela da visita? Na jega, com chuveiro frio e fossa fedida ao lado, e aí, nos vinte minutos do primeiro tempo, a Colete-Preto bate na grade e manda a fila andar. Escrever é para isso, Suelen, para fazer o cara sonhar. Vamos continuar. Sonha aí.

No meu sonho, nós temos uma casa bacana que nem a do Manny e você comanda um lance tão grande que ninguém tem coragem de se meter com você. Só tem nome top na aba do teu chapéu: artista, jogador de futebol, político.

— Suelen, acho melhor a gente não pôr isso não. Vamos riscar isso aí. A polícia lê as cartas antes de mandar e pode nem mandar se não gostar do que está escrito. Vamos tirar essa parte do negócio do Raimundo.

— Então risca. Ou conserta. Até sonhar eu sonho errado. Tem que ficar consertando depois. Aqui a gente não pode nem sonhar. E é só palavra, porra. Mas é de verdade. É muito louco isso.

Um negócio honesto, Raimundo. A gente recuperado para a sociedade.

Servindo a Deus e ao Brasil.

Esse é o meu sonho e eu vou ficar esperando por você meu amor.

— Que porra é essa, Marcio? Que Brasil? Que negócio honesto, Suelen? Nem ler sua carta eu consigo.

— Mas a Suelen também não escreveu, Ramon, calma, ela pediu pra alguém.

— Mas aí é foda. Alguém escreve de lá o que quiser e eu aqui só escuto o que você quiser. Que porra é essa?

— É isso, Ramon. Mas não é só isso. Tem que confiar, todo mundo. Não sei, cara, não tem saída. É palavra, entende?

— Palavra é feita de vento, mano. Carta eu pego, mas não entendo. Eu até junto as letrinha, e quando formam uma que eu entendo eu já esqueci da que veio antes e que junta com outra que eu não sei e não sai nada. Parece essa porra de todo dia. Eu tento pegar, mas vaza. Eu nunca tinha recebido uma carta. Sonhar eu quero, Suelen, mas como, com quê?

Raimundo, o tempo todo eu sinto tua falta e ao mesmo tempo sinto a tua presença aqui comigo.

Um beijo, Suelen.

.....
Fabio Brazil (fbo.brazil@gmail.com) é paulista, paulistano e são-paulino desde 1965. Ex-professor, ex-fumante, ex-inédito. Publicou os romances *Bola da Vez* e *Gota de Sangue*. Dirige o Caleidos, onde faz dramaturgia de dança por meio de poemas. Publicou, em 2019, *Ponto de partilha*, antologia de poemas (Prêmio ProAc, na categoria poesia).

Mesa Branca

Marcella Almeida Prado

[...]

Se o fantasma não sofresse,
se eles ainda me gostassem
e o espiritismo consentisse,
mas eu sei que é proibido
vós sois carne, eu sou vapor.

[...]

Agora estou consolada,
disse tu do que queria,
subirei àquela nuvem,
serei lâmina gelada,
cintilarei sobre os homens.
Meu reflexo na piscina da Avenida Paraúna

[...]

Carlos Drummond de Andrade, em: "Canção da
moça-fantasma de Belo Horizonte"

— Nada. — Joel, abaixando os óculos de leitura e impos-
tando os olhos vazios.

Em outra pessoa, seriam olhos azuis profundos. Nele, eram
apenas insípidos. Um homem de fala retilínea, perfeitamente me-
dido para caber entre a apatia e a indiferença.

Manuela pensou nisso, não com essas palavras, e distraiu-se
do anúncio que o médico lhe fazia. Achou engraçado que aquele
olhar já existisse na criança que ela conheceu tão bem. O filho de
Doutor Paulo e Dona Cecília.

Paulinho, de mãos dadas com a mãe, também não se ateuve ao sentido daquela fala. Ouviu um “nada” que era outro, lá da infância dos dois. Quando brincavam. Joel quieto, Paulinho perguntava: o que é que foi? Não foi nada. Qual você prefere? Tanto faz. O que você quer? Nada.

— Nada, não há nada que possa ser feito. — Joel repete. O olhar fixo no enlace das mãos de Manuela e Paulinho, mãe e filho alinhavados.

Tira os óculos e aperta a marca entre as sobrancelhas. Aproveita a pausa e busca na memória. Uma epidemia em 1975*, fios loiros coalhados de lêndeas. Manuela catava piolhos fazendo cafuné, os do filho e os dele. Com a mesma alegria.

Volta a encarar Manuela que, por hábito, quase sorri. Joel não entende. Sua incompreensão se transforma em pressa. Dedilha o receituário azul, carimba e assina a promissória da morfina:

— Caso a dor aumente, me avisem.

— Obrigada, filho. Deus te abençoe.

Saem dali combalidos, o tempo em câmera lenta, o elevador leva uma vida para chegar ao décimo primeiro andar. Pouco falam, as mãos já suando com o tempo em que estão dadas.

Não comeram nada. Acordaram cedo, três conduções. A consulta era um encaixe, precisavam chegar na hora. Joel foi muito atencioso. Eles já desconfiavam, mas agora sabiam certo:

*O ano de 1975 foi marcado por epidemias: meningite, censura, tortura, piolho. Para a primeira, houve uma grande campanha de vacinação. Para a última, houve Manuela. As demais levaram alguns anos até serem erradicadas.

o corpo frágil de Manuela estava tomado. Não que a morte desse fome. Mas na falta de solução, comer parecia remédio.

Perto do consultório, que ficava a dois quarteirões da casa onde um dia moraram os três, tinha aquela lanchonete. Ali do lado, tão longe no tempo.

— É virando a esquina, mãe. Vamos?

— Mas é caro, filho. E eu nem estou com fome.

— Vamos, pelo menos um suco. E aproveitamos para ver a casa, a piscina pelas frestas do portão.

Manuela preferia não cutucar as lembranças. Mas pensa que o dia já está perdido e concorda em tomar uma vitamina.

Andam devagar, ela não aguenta mais rapidez. A lanchonete do hambúrguer segue intacta, o letreiro ainda mais vistoso que o da memória de quarenta anos atrás. Mas do outro lado da rua já não há mais a casa. Só grua e guindaste e barulho de bate-estaca — um prédio enorme em erupção. Anunciando alto: quatro suítes, seis vagas, duas piscinas. Automáticos, os dois se sentam no balcão alto da lanchonete.

— Esse bairro está virando um paliteiro. — Diz a moça do caixa.

— Pelo menos, deixaram o pau ferro, deve ter mais de cem anos.

— Foi uma condição. Parece que o velho que morava aí era o cão, só saiu da casa morto. Aí, o filho conseguiu vender, mas exigiu que deixassem a árvore.

Paulinho entendia a importância daquele pau ferro. Era um cemitério. No solo sagrado à sua sombra, tinham sido enterrados

um gato e dois hâsteres, pelo menos. O gato foi atropelado, seu Paulo esqueceu o portão da garagem aberto e ele fugiu. Foi dona Cecília quem mais chorou, e Paulinho, em segundo lugar. Os outros não eram muito de choro, mais de providência. Assim, Manuela procurou uma caixa em que coubesse o Danado, esse era o nome do gato. Joel enfeitou com pétalas das azaleias de setembro.

Fizeram um cortejo com os carrinhos matchbox e os playmobil de cabelo cuia, o Falcon, um palmo mais alto que o resto, celebrou a missa de corpo presente com a batina de saco de lixo. Joel queria neve, não que já tivesse visto ao vivo, mas conhecia da TV.** Manuela fez pipoca e ia jogando do alto, devagar, até preencher de branco todo o gramado em volta. O que sobrou, eles comeram com muita manteiga e sal. Depois, ficaram os dentes cheios de piruá e os dedos amanteigados.

Ainda hoje, Paulinho vê consolo em comer pipoca e sonha conhecer a neve.

— O Danado foi enterrado debaixo dessa árvore.

— Me lembro daquele gato. Dona Cecília pegou na rua, tinha mania de trazer bicho para dentro de casa. Quando foi atropelado, parecia que era um parente, de tanto que ela chorou, e você junto. Quanto drama, meu Deus! Bicho traiçoeiro, de mau agouro. Depois daquilo, tinha certeza de que era só esperar mais desgraça.

— Besteira, mãe. Você lembra como foi bonito o funeral?

— Vocês inventavam cada coisa! — Por muito tempo espe-

** Em 1975, houve uma nevasca no Sul do Brasil, em Curitiba, uma festa toda branca foi noticiada nos jornais e na televisão, e Joel acompanhou com fascinação aquelas imagens.

rei crescer um milharal em cima do gato, de tanta pipoca que me fizeram jogar no chão. Neve, Joel dizia que era neve.

— Aquela casa era mágica, aconteciam coisas.

— Mágica nada, dona Cecília era um pouco maluca, isso sim! Depois que os bichos morriam, ela enchia a casa de vela e ficava esperando o espírito voltar, dar um sinal. Aí falava que o Danado tinha incorporado no jabuti, ou que o peixe beta tinha virado um porquinho-da-índia. Todo mês chegava um bicho novo, encarnação de outro. Para quem cuidar? Eu.

Paulinho não quer contrariar Manuela, mas ele só se lembra da mágica. As festas, quando doutor Paulo viajava. Dona Cecília tocando piano e o papagaio cantando uma música em italiano, Manuela trazia azeitonas verdes e pretas, suco de tomate para os meninos e uma versão calibrada para as duas mulheres. Aos poucos, começavam a falar alto e iam tirando a roupa. Acabavam pulando na piscina, só de sutiã e calcinha, esquecidas dos filhos. Joel recolhia as bitucas e caroços, enquanto Paulinho entornava os restinhos de bloodmary.

— Ela só acalmou quando ficou grávida do segundo filho. Lembra a felicidade de vocês com o irmãozinho que vinha?

— Acho que não. Só me lembro da piscina.

Antes, a piscina era azul profundo, mas perdeu cor e fundo. Aconteceu no dia em que dona Cecília foi para o hospital para ganhar o irmãozinho. Paulinho e Joel agitados, aleluias vibrando em volta da lâmpada. Tanto estorvaram Manuela, que ela deixou. Pode. Perderam as asas e correram buscar a coleção de bolas

de gude no quarto: um cardume. Despejaram peixes verde azuis espocando água, a piscina transformada em aquário.

Mergulhavam atrás daqueles seres roliços multiplicados pelo brilho do sol. Não era pesca, era resgate. Traziam as bolinhas entre os dedos e nas bocas cheias, mal-educadas, então as devolviam ao pote, e saltavam de novo. Uma felicidade circular, sem fim. Até os queixos baterem e os lábios arroxearem.

A mãe não voltava — dona Cecília que era tão boa —, nunca voltou. O irmãozinho não veio. O pai voltou sozinho, mudado. Chegou sombrio e mandou esvaziar tudo: o armário de louças, o armário de roupas e a piscina, que ficou pálida e plana, como o fantasma da mulher. Virou uma mesa branca sem coragem para evocar seu espírito, sem além. Uma mesa despossuída de pratos, copos, flores, das manchas que a vida derrama, e das cores de quando há mulheres que cuidam. O pai não queria capricho. Não aguentava nem esboço de alegria.

Manuela não se conformava, voltava do centro espírita com mensagem da patroa. Dona Cecília queria falar com o marido, dizer que o perdoava, que sempre soube. Precisava falar, senão, ela não teria paz, ficaria vagando, sem encontrar a luz. Mas ele não queria ouvir essa conversa. Doutor Paulo nunca mais esqueceu o portão da garagem aberto.

Dona Cecília era uma mulher e tanto, fazia o céu e a paz na terra, enquanto viveu. Quando Paulo trouxe Manuela para trabalhar na casa, Joel não devia ter um ano completo. Ela estranhou o marido arrumar uma empregada, logo ele, tão distraído

das pessoas e das coisas da casa. Estranhou ainda mais que a moça trouxesse consigo um menino pouca coisa maior que Joel, e que ela e Paulo cochichassem às vezes, como se já se conhecessem. Tinha sido criada para entender e agradar o marido. Nunca perguntou quem era o pai daquele menino agitado e sentimental. Ficou muito amiga de Manuela, foi como uma mãe para o pequeno Paulo, um irmão para Joel.

Doutor Paulo teria gostado de estar mais próximo das duas mulheres, mas a cumplicidade entre elas era como repelente de insetos. Entendia mal o universo no qual aqueles quatro viviam: bichos encadeados, não em uma cadeia alimentar, mas em uma corrente de espíritos compartilhados; cortejos fúnebres regados a pipoca, e recitais de piano com um papagaio nos vocais. Era demais para ele. Preferia suas putas descomplicadas. Voltava tarde para casa, trabalhava muito, estava bom assim. Se alegrou com a notícia da segunda gravidez da mulher, quem sabe uma menininha. Tinha certeza de que as duas cuidariam muito bem da nova criança. Os meninos iam gostar, mais folia. Até que a eclâmpsia levou Cecília e o bebê nem nascido. Coisas que acontecem — como médico, ele deveria saber. Mas não sabia e não esperava e não entendia e não queria que aquilo tivesse acontecido.

Começou a colocar a culpa nas coisas. Se ela não tivesse tomado tanto álcool, feito tanto esforço nadando naquela piscina, se tivesse comido menos porcaria, ficado de repouso no quarto.

Gritou uma última vez. Foi quando despediu Manuela e o filho Paulinho. O menino agitado e sentimental de nome igual ao

seu. Tinha também o mesmo olhar comprido, a boca trombuda, os grunhidos por temperamento. Doutor Paulo preferiu não lembrar como o nome daquele menino tinha acontecido.

— A senhora vê um cafezinho? Quer, filho?

— Não. Queria um suco de tomate, tem?

— Não. Suco só de laranja, limão siciliano, abacaxi com hortelã, frutas vermelhas e detox verde...

— Só o café da minha mãe, então.

Assim que conseguiu se desvencilhar da ligação que a secretária lhe passou quando Manuela e Paulinho deixaram a sala, Joel saiu correndo do consultório, na esperança de encontrá-los no hall dos elevadores. Pensou que já era hora do almoço, poderia dar uma carona aos dois até o metrô mais próximo, a caminhada era longa, e Manuela já não estava bem. Seria uma gentileza com aquela mulher tão paciente. Ela, que se submetia a todas as maluquices de sua mãe, dona Cecília, cheia de delírios quando viva; que acatava qualquer capricho do filho Paulinho, mimado quando criança; que ignorava impávida toda falta de jeito de doutor Paulo, seu pai, quando passou a grunhir.

Joel gostava de Manuela. Mas.

Quando alcançou os elevadores, já não havia ninguém.

.....
Marcella Almeida Prado (almeidapradomarcella@gmail.com) nasceu em Santiago do Chile, em 1968. Bióloga e mestre em Bioquímica pela Universidade de São Paulo, fez doutorado em Biofísica no Museu de História Natural de Paris e pós-doutorado em Biologia Celular no Collège de France. Por mais de dez anos, dirigiu grupos de pesquisa na USP e no Instituto Butantan. Desde 2017, quando foi pesquisadora visitante na Dactyl Foundation, em Nova York, estuda as interseções entre Ciência e Literatura. A escrita de ficção é uma outra história.



São Paulo, 2019

Esta antologia é composta de textos de ficção, não ficção e infantojuvenis dos alunos da turma 2019 da pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.

loggia an

antologia